

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE FÍSICA

LICENCIATURA EM FÍSICA

ANA PAULA MACHADO GODINHO

**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE FÍSICA E O PIBID: PERCEPÇÕES DE
COORDENADORES**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2018

ANA PAULA MACHADO GODINHO

**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE FÍSICA E O PIBID: PERCEPÇÕES DE
COORDENADORES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito à obtenção
do título de Licenciado em Física da
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná.

Orientador: Prof. Dr. João Amadeus
Pereira Alves.

CURITIBA

2018



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CÂMPUS CURITIBA
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE FÍSICA - DAFIS

TERMO DE APROVAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE FÍSICA E O PIBID: PERCEPÇÕES DE COORDENADORES

Autor: Ana Paula Machado Godinho

Orientador: Dr. João Amadeus Pereira Alves

Este trabalho foi apresentado às **09:00**, do dia **23 /11 /2018**, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso 2 (TCC2), do curso de Licenciatura em Física, do Departamento Acadêmico de Física (DAFIS), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Câmpus Curitiba. A comissão examinadora considerou o trabalho **APROVADO**.

Comissão examinadora:

Prof. Dr. João Amadeus Pereira Alves

Prof. Dr. Álvaro Emílio Leite

Prof. Dr. Alisson Antônio Martins

Prof. Dra. Noemi Sutil
Professor Responsável pelas Atividades de
Trabalho de Conclusão de Curso/
Curso de Licenciatura em Física
(DAFIS/UTFPR)

O termo de aprovação assinado encontra-se na coordenação do curso

AGRADECIMENTOS

É difícil agradecer todas as pessoas que de algum modo, nos momentos serenos e ou apreensivos, fizeram ou fazem parte da minha vida, por isso primeiramente agradeço a todos de coração.

Agradeço aos meus pais, Soeli e Valdemar, pela determinação e luta na minha criação e das minhas irmãs, fazendo amparar os ensinamentos de meus avós.

As minhas irmãs, Franciele e Emanuelle, que por mais difícil que fossem as circunstâncias, sempre tiveram paciência e confiança que esse momento chegaria.

A minha amiga Letícia que soube mudar a minha vida e tornou os anos da graduação mais leves e divertidos.

Aos colegas Juliana, Élide, Carlos e Joelson que dividiram comigo os últimos momentos acadêmicos.

Ao meu orientador Prof. Dr. João Amadeus Pereira Alves, que com paciência e fôlego corrigiu meus textos em verde, e por ser um excelente professor e profissional, no qual me espelho.

Aos membros da banca examinadora, Prof. Dr. Alisson Antônio Martins e Prof. Dr. Álvaro Emílio que aceitaram estar aqui hoje e participar desse momento tão importante para mim.

Ao meu amado marido Juliano e minhas filhas Isabela e Helena pelo apoio incondicional e todo amor dedicado.

À Deus por proporcionar estes agradecimentos a todos que tornaram a minha vida mais afetuosa.

RESUMO

GODINHO, Ana Paula Machado. A Influência do PIBID na Formação de Docentes de Física Para o Ensino Médio Sob Perspectiva de Coordenadores de Cursos de Licenciatura em Física de Curitiba. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Física – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba 2018

Este estudo visou analisar a influência do PIBID na formação do docente de Física para o Ensino Médio partindo das políticas públicas educacionais em cada momento político nacional. Com isso foi definido que seriam abordadas as instituições que ofertam cursos de Licenciatura em Física em Curitiba, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Universidade Federal do Paraná e Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Para tal levantamento das influências foi escolhido realizar uma entrevista semiestruturada com os coordenadores do PIBID de Física de cada instituição. Foram elaboradas 12 questões abordando diversos aspectos das Universidades, bem como os programas de incentivo à licenciatura. As entrevistas foram gravadas no segundo semestre de 2017 e no primeiro semestre de 2018, em seguida transcritas. A apreciação dos dados fundamentou-se de dois modos em abordagem fenomenológica, estruturada por meio das análises ideográfica e nomotética. Foram selecionadas as respostas com relação ao Programa Institucional de Incentivo à Docência (PIBID), pelo fato de ser a política em vigor nas instituições selecionadas à época da realização da pesquisa. Os resultados revelaram o interesse das Instituições em manter o programa, em linhas gerais o PIBID é considerado de suma importância na preparação do futuro docente.

Palavras Chave: Educação. Docência. Políticas Públicas. Formação de Docentes de Física

ABSTRACT

GODINHO, Ana Paula Machado. The Influence of PIBID in the Training of Physics Teachers for High School Teachers' Perspective of Undergraduate Courses in Physics of Curitiba. 2018. Graduation Course in Physics - Federal Technological University. Curitiba 2018.

This study aimed to analyze the influence of public educational policies on the formation of Physics Teachers for High School, starting from public educational policies at each national political moment. With this, it was defined that the institutions offering undergraduate courses in Physics in Curitiba, Pontifical Catholic University of Paraná, Federal University of Paraná and Federal University Technological of Paraná would be approached. For this survey of influences was chosen to conduct a semi structured interview the coordinators of the degree courses in Physics, were elaborated 12 questions addressing various aspects of the institution, as well as programs to encourage the degree. The interviews were recorded and then transcribed. The appreciation of the data was based in two ways on a phenomenological approach, structured through the ideographic and nomothetic analysis. Responses were selected in relation to the Teaching Incentive Program (PIBID), since it is the only policy in force in the selected institutions. The results showed that the undergraduate courses in Physics, as public educational policies are altered by the Federal Government, have negative impacts on teacher training.

Keywords: Education. Teaching. Public policy. Training of Physics Teachers.

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÔNIMOS
LISTA DE SIGLAS

ANFOPE	Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação
ANPAE	Associação Nacional de Política e Administração da Educação
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BIRD	Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEDES – Unicamp	Centro de Estudos Educação e Sociedade – Universidade Estadual de Campinas – São Paulo
CEFET-PR	Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná
CNTE	Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FIES	Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

FORUMDIR	Fórum Nacional de Diretores de Faculdades/Institutos/Centros de Educação ou Equivalentes das Universidades Públicas Brasileiras
GEOCAPES	Sistema de Informações Georreferencial da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IES	Instituição de Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PARFOR	Programa de Formação Inicial e Continuada, Presencial e a Distância de Professores para a Educação Básica
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PP	Políticas Públicas
PRODOCÊNCIA	Programa de Consolidação das Licenciaturas
PROINFO	Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia Educacional
PUC/PR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná

REUNI	Programa de Apoio e Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SEED/PR	Secretaria de Estado de Educação do Paraná
SIMEI	Sistema Integrado de Monitoramento Execução e Controle
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UNIANDRADE	Centro Universitário Campos de Andrade
USAID	United States Agency for International Development
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	13
2.	PROGRAMAS E CURSOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE	20
2.1.	O que são políticas públicas	20
2.2.	Histórico das políticas públicas educacionais de formação de professores	21
2.3.	Políticas públicas educacionais atuais	25
2.4.	Programas de incentivo à docência	26
2.4.1.	Programa de Formação Inicial e Continuada	26
2.4.2.	Programa de Consolidação das Licenciaturas	27
2.4.3.	Programas de Apoio e Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais	27
2.4.4.	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência	28
2.5.	Curso de Licenciatura em Física e os Programas de Fomento à Formação Docente	31
2.6.	Dados do Curso nas Universidades	31
3.	METODOLOGIA	33
3.1.	Participantes da pesquisa	33
3.2.	Meio da coleta de dados	33
3.3.	Abordagem Fenomenológica para Análise Qualitativa	34
3.4.	INSTRUMENTO PARA CONSTITUIÇÃO DOS DADOS	35
4.	ANÁLISE DE DADOS	38
4.1.	ANÁLISE QUALITATIVA FENOMENOLÓGICA DO TIPO IDEOGRÁFICA	38
4.1.1.	Análise Ideográfica Do Discurso Do Coordenador Do PIBID de Física da Pontifícia Universidade Católica do Paraná	39
4.1.2.	Análise Ideográfica Do Discurso Da Coordenadora do PIBID de Física Da Universidade Federal do Paraná	42
4.1.3.	Análise Ideográfica Do Discurso Do Coordenadora do PIBID de Física Da Universidade Tecnológica Federal Do Paraná – Campus Curitiba	44
4.2.	ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DO TIPO NOMOTÉTICA	46
4.2.1.	Participação institucional das licenciaturas em Física no PIBID	46
4.2.2.	Critérios e idiosincrasias de seleção para atuação no PIBID	47
4.2.3.	Características e habilidades do licenciando	49
4.2.4.	A prática da docência	49
4.2.5.	A importância de critérios bem definidos	50
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
6.	REFERÊNCIAS	53

1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve o objetivo de analisar a influência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência na formação do docente de Física para o Ensino Médio, levando em consideração, em particular, determinadas políticas públicas educacionais, como o Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência e Reestruturação e Expansão das Universidades Federais.

Tendo como ponto de partida políticas públicas educacionais de cada momento político brasileiro durante a redemocratização do país, a organização da educação pública sofre seus efeitos, especificamente ao aparelhamento social intrincado a interesses divergentes do governo, que acabam por perdurar nas gestões públicas que se sucedem impactando diretamente a sociedade civil à luz de planos e ações educacionais.

Observemos que a sociedade se movimentou e se movimenta intensamente ao redor de lutas por justiça social, na tentativa de atribuir um novo significado aos relacionamentos entre os cidadãos e os setores produtivos da sociedade. Porém, tais aspirações sociais acabam por entrarem na contramão dos propósitos governamentais em que preceitos de participação, descentralização e autonomia, fazem parte apenas dos discursos dos gestores públicos.

No Brasil, de acordo com Oliveira (2008), a inter-relação entre as políticas públicas de regulação e as organizações internacionais constituem compromissos governamentais nos fundamentos formativos iniciais e continuados do docente, a qual alinhada com as políticas de celeridade na formação de professores, bem como a pluralidade de ambientes de formação, suscitam a precarização do ofício docente.

Freitas (2002) observa que a luta histórica dos educadores pela profissionalização da docência foi impactada negativamente, a partir do momento em que o trabalho do professor foi flexibilizado por meio de políticas públicas. Nos anos 1980, as concepções advindas dos movimentos sociais eram modernas, destacando-se pelo cunho histórico na metodologia de formação e para um profissional que estivesse inserido e dominasse a realidade, convicto e apto a trabalhar na evolução escolar.

Nos anos 1990, uma nova evolução começou a se desenhar no sentido de deixar para trás os modelos anteriores, focando os estudos de políticas públicas

educacionais que passou a se centrar nos estudos reflexivos, tendo como cerne a ação educativa, de modo que o professor e a sala de aula tornaram-se agentes de transformação.

Diante disso, a análise imparcial das determinações dos documentos balizadores das políticas públicas educacionais é crucial para o entendimento da realidade educacional e para a assimilação dos destinos das agendas políticas e dos meandros em que acontecem as batalhas pela melhora dos cenários educativos.

No Brasil, de acordo com a vigente Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394 (BRASIL, 1996), a Educação Superior tem, entre outros, os propósitos de: incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, assim possibilitando o entendimento do homem e do meio em que está inserido; promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber por meio do ensino, de publicações e de outras formas de comunicação; suscitar o permanente desejo de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração.

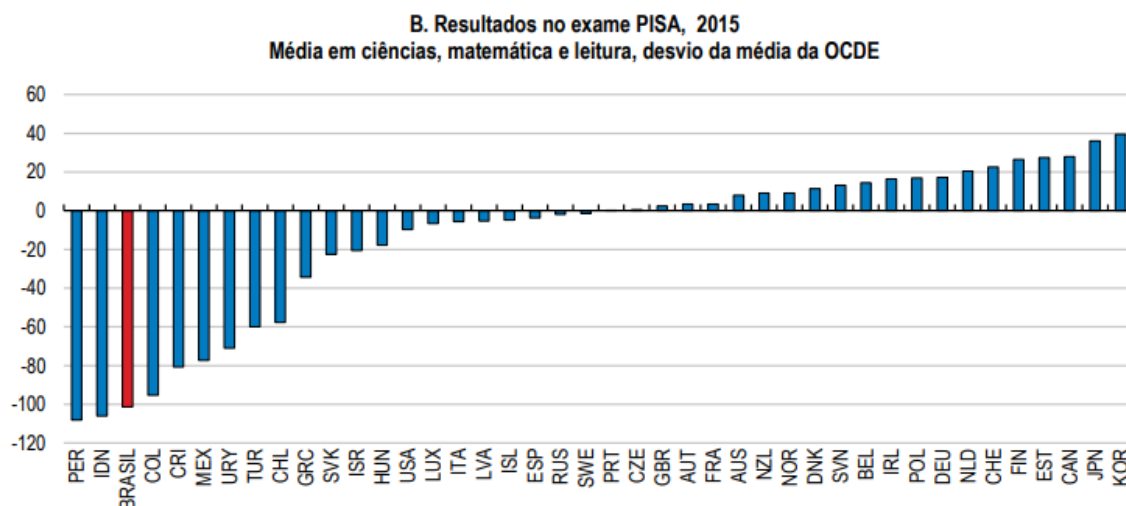
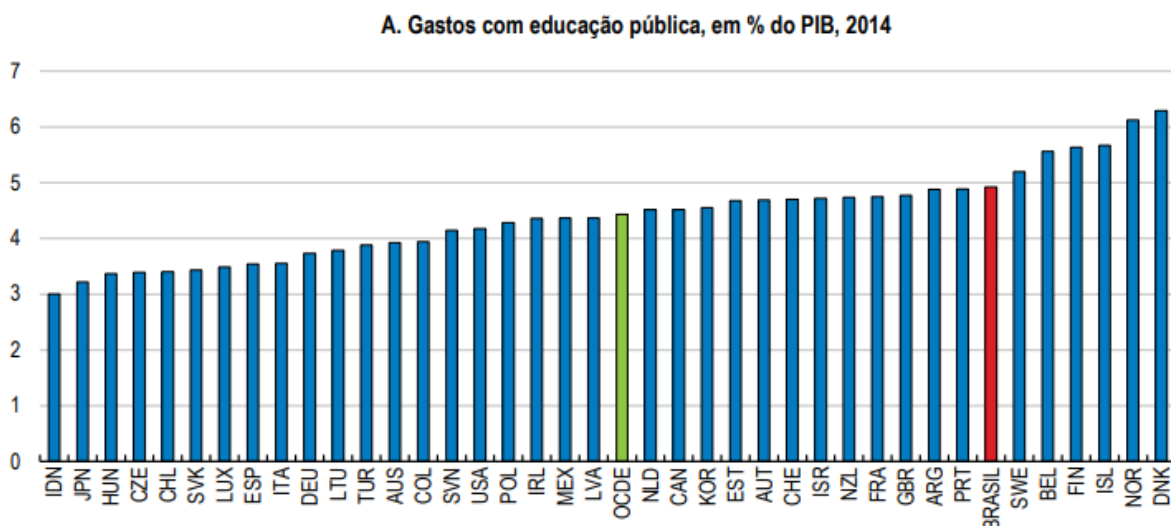
A formulação de políticas educacionais, visando promover ações afirmativas que garantissem maior equidade social, se iniciou no Brasil na década de 1990, contudo, o sentido da expansão e democratização se tornou mais expressivo a partir dos anos 2000. Nesse período emergiram políticas públicas educacionais com programas específicos de expansão, acesso e permanência, como o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), Programa de Consolidação das Licenciaturas (PRODOCÊNCIA), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Cabe ressaltar que as ações tomadas com base nas Políticas Públicas (PP) impactam diretamente na vida dos cidadãos. Sob este viés entende-se que um cidadão crítico e autônomo de suas ações torna-se participante ativo dos processos, pois o cidadão tem uma visão do lado da população que pode trazer faces não percebidas pelos elaboradores das políticas públicas, tais contribuições se dão através de consultas públicas, via internet, e em conselhos de educação, onde a constituição garante o direito de participação do cidadão bem como a solicitação de criação de conselho onde não existe.

Atualmente, o grande enfrentamento das instituições formadoras consiste em melhorar a qualidade e aumentar o contingente de licenciados, o que se trata de uma questão já enfatizada e debatida há tempos pelos gestores públicos e especialistas. É algo sempre atual e presente em simpósios, fóruns e pesquisas científicas. Tais desafios são preocupações recorrentes entre gestores públicos, coordenadores e docentes das instituições, porém para um melhor suporte a essas demandas é primordial que haja um desenvolvimento sólido de políticas públicas para formação de professores que atendam a educação em todos os níveis, que por sua vez transmitirão aos seus alunos saberes que irão formar cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.

Como podemos observar no documento denominado Relatórios Econômicos OCDE: BRASIL 2018, disponibilizado pelo *“The Organisation for Economic Co-operation and Development”* (OECD) o Brasil está entre os países que mais tem gastos com educação na análise da porcentagem do Produto Interno Bruto (PIB) investido.

Os dados revelam que países tidos como de primeiro mundo investem uma porcentagem menor do seu PIB, enquanto os países com alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) investem mais que o Brasil. O mesmo documento revela que em 2015 o gasto total na formação do aluno desde o primeiro ano até a conclusão do ensino médio foi de (USD 38 190), aproximadamente R\$ 145.000,00, o que representa 42% da media gasta por aluno em países da OCDE. Em 2012 a porcentagem representava 32%. Apesar da elevada monta do PIB investido em educação no Brasil, ainda assim os recursos destinados são diminutos, carecendo ainda de um aumento no investimento nessa área em nosso país.



Fonte: OECD Education at a Glance 2017; OECD PISA 2015 Results (Volume I): Excellence and Equity in Education.

É notório que nos dias atuais a profissão de professor traz consigo a desvalorização social, com cargas horárias elevadas e remuneração baixa, em especial na rede pública, devido à falta de recursos, escolas sucateadas e a política salarial com pouco ou nenhum aumento real. Neste contexto, as políticas públicas educacionais não atingem o professor, pois a sua contrapartida, por parte dos programas provenientes das políticas públicas educacionais, abrange somente o âmbito acadêmico, com incentivos apenas no que diz respeito à formação do docente.

Porém, não há atualmente nenhuma política de valorização do docente depois da conclusão da graduação, e isto também acaba se tornando um fator

determinante que contribui de forma significativa para a falta de interesse nos cursos de licenciatura. Este, por sua vez, leva a escassez de docentes aptos a atuar nas escolas.

Com isto, no decorrer deste trabalho, busca-se analisar a influência do PIBID na formação de docentes de Física para o Ensino Médio sob perspectiva dos coordenadores dos cursos de licenciatura (em Física) de Curitiba, bem como a relação entre algumas políticas públicas educacionais e formação inicial de docentes na área de Física, e em que setor do mercado atuam os docentes formados sob viés dessas políticas públicas educacionais.

Na educação nacional, a falta de professores é um problema público e notório e não é possível datar precisamente o início da escassez. Contudo, a motivação mais recorrente da baixa procura pelos cursos de licenciatura é a precarização da profissão do docente.

Oliveira, Pereira e Drabach (2016) observam que para órgãos internacionais de financiamento e desenvolvimento como o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) o professor é visto tão somente como um recurso humano de uma empresa, e como tal é o um grande problema para o gestor que deve administrar greves e aumento de salários. Com isto, os professores acabam por ser responsabilizados pela má qualidade do ensino, disso então vem o maior interesse pelo investimento em infraestrutura e menor no recurso humano que acaba por sucatear a profissão do professor.

No tocante à análise por disciplina, em específico a de Física, a quantidade de professores é ainda menor em relação às demais, ao aprofundar ainda mais a questão da falta de professores e analisar quantos dos professores em sala são licenciados em Física. Conclui-se, então, que há um número diminuto de licenciados, em sua maioria são profissionais, bacharéis de outras das ciências exatas, que acabam por atuar na docência de Física sendo por vezes matemáticos, engenheiros, arquitetos e químicos, e em virtude da atuação destes profissionais a escassez de professores de Física passa sem ser notada.

Historicamente, a disciplina de Física é uma das mais deficitárias de docentes, de acordo como Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) demonstra-se que em 2013 contávamos com menos de 10 mil professores que lecionam exclusivamente Física dos 26 mil necessários para a disciplina. Este mesmo levantamento mostra que de 2001 a 2013 foram formados

23,4 mil docentes, aproximadamente um quarto dos alunos ingressantes. Extrapolando estes dados para o futuro, serão necessárias décadas para suprir a necessidade, excluindo-se o crescente número de alunos da Educação Básica. Com esses dados em mãos, o foco das políticas públicas educacionais apontou para a disciplina de Física, juntamente com as demais ciências da Natureza e Matemática, como prioridade em inúmeras de suas ações. Com a firmação de PP e bem planejadas pode-se suprir a necessidade de docentes em menor tempo.

Atualmente, os professores que atuam em escolas estaduais do estado do Paraná podem ser classificados em dois grandes grupos profissionais: do Quadro Próprio de Magistério (QPM), em que os professores contratados através de concurso do estado; e os professores do Processo Seletivo Simplificado (PSS) que é composto por docentes formados, acadêmicos de licenciaturas, acadêmicos de bacharelado. Os professores PSS têm seu contrato válido somente durante o ano letivo e ao término do contrato abre-se um novo processo de seleção para contratação e assim sucessivamente ao longo dos anos.

A contratação de professores temporários é uma prática comum adotada pelos estados para suprir a falta de professores QPM.

Segundo a Secretaria de Estado de Educação do Paraná (SEED/PR)

GERAL	
Regime de Contratação	Quantidade
Concursado	52.492
Temporário	29.158
DISCIPLINA DE FÍSICA	
Concursado	1.114
Temporário	910

Quadro 1: Quantidade de professores por regime de contratação. Fonte: Seed/PR – Nov/2018

Fonte: a autora (2018)

Neste modo de contratação, os professores nem sempre conseguem continuar na mesma escola no ano seguinte e com isso os docentes não têm a possibilidade de realizar um trabalho contínuo no ensino da disciplina em questão.

De acordo com o Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio, o docente deve participar do desenvolvimento e planejamento curricular da escola,

porém em muitas o professor está no estabelecimento de ensino apenas no ano letivo corrente e realiza um planejamento que não aplicará no próximo ano, o que também ocorre com o docente que o substituirá.

Este trabalho de conclusão de curso foi dividido em quatro capítulos: O primeiro capítulo diz respeito à introdução, contendo o objetivo e uma apresentação geral sobre os temas posteriormente abrangidos.

O segundo capítulo traz a revisão da literatura sobre políticas públicas, políticas públicas educacionais e o sobre o PIBID. Este capítulo também traz dados sobre a formação do docente e as leis que regulamentam os Programas.

No terceiro capítulo encontra-se a metodologia utilizada para a construção e análise dos dados deste trabalho, caracterizando-se sob o viés qualitativo. O instrumento utilizado para a coleta dos dados nas escolas foi uma entrevista semiestruturada e utilizou-se da fenomenologia para a interpretação dos dados obtidos.

No quarto capítulo encontram-se a apresentação das análises fenomenológicas dos depoimentos das respostas dos sujeitos entrevistados, bem como as discussões após a finalização dos procedimentos metodológicos analíticos.

As considerações finais para além desta pesquisa encontram-se no último item deste Trabalho de Conclusão de Curso.

2. PROGRAMAS E CURSOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Abordaremos neste capítulo, os programas educacionais, provenientes de políticas públicas que irão basear nosso estudo, os programas selecionados são os que tratam de incentivo à docência, seu histórico e as aplicações nas universidades.

2.1. O que são políticas públicas

As políticas públicas sociais fundamentaram-se em movimentos populares do século XIX, que estavam em conflito entre o capital e o trabalho advindo do início das revoluções industriais. Höfling (2001, p.31) diz a respeito de políticas públicas sociais que: “trata-se de ato governamental em defesa da redistribuição de benefícios sociais em vigor pelo Estado, com o intuito de reduzir diferenças basilares provenientes do avanço socioeconômico.”.

Uma política social não pode ser generalizada, pois tal política pode ser aplicada em diferentes áreas (educação, saneamento, habitação, etc.) para que possam melhor alcançar a população.

Neste contexto, segundo Gobert e Muller (1987, p. 87), Política Pública trata-se do “Estado em Ação”, ou seja, é um conjunto de ações, programas e projetos de governo, que o Estado implanta em setores específicos da sociedade.

Com isto, podemos dizer que o Estado desenvolve ações e programas que são propostos geralmente pelo poder Legislativo, mas também o executivo pode fazê-lo enviando propostas à câmara dos deputados, que se aprovadas são enviadas ao Senado Federal e então para a sanção presidencial. Cabe ao poder legislativo criar as leis, enquanto que ao poder executivo compete planejar e implantar tais políticas. Assim, as políticas públicas criadas passam a ser utilizadas como ferramentas para procurar garantir direitos já previstos na Constituição Federal e em outras leis, visando suprir as necessidades da população.

Para Laswell (1956), as PP passam por um conjunto de sete etapas, que são chamadas de ciclos, para que ela possa ser colocada em prática, são necessárias as seguintes etapas:

- Identificação do Problema – diagnóstico de cenários ou questões que necessitam de solução ou melhoria.

- Formação do agente – elencar tópicos de maior relevância social ou emergência a serem tratadas
- Formulação de alternativas – fase de debates, fóruns e comissões onde são selecionadas as medidas que alcancem maior eficácia.
- Tomada de decisão – neste item são definidos quais são os tópicos levantados na formação do agente que serão implementadas
- Implementação – os tópicos selecionados são colocados em prática
- Avaliação – aqui são definidos indicadores de avaliação para medir a eficiência dos resultados
- Extinção – nem todos os tópicos passam por essa fase, mas em alguns casos depois de feitas as avaliações constata-se que a política não tem a eficácia desejada ou já não se faz mais necessária.

Após a passagem pelo ciclo as políticas públicas passam a fazer parte do Plano Plurianual (PPA) tal plano está previsto no Art. 165 da Constituição Federal (BRASIL, 1988) que definem quais são as metas e objetivos que devem ser cumpridos pelos governos a cada quatro anos.

2.2. Histórico das políticas públicas educacionais de formação de professores

Durante os últimos anos, o mundo tem acompanhado o crescente fenômeno da globalização das políticas econômicas e sociais que teve influência de inovações tecnológicas e da era da informação – estes por sua vez tiveram como base novas formas de produção em massa e gerência de mão de obra apresentadas por Henry Ford em 1914, ou seja, por meio da definição de padrões e escalabilidade de produção, produzir mais com menos. Neste ambiente de constantes mudanças crescem as políticas públicas educacionais do Brasil, espelhando-se em modelos tradicionais aplicados em diversos países ao redor do mundo. (AMARAL, FERREIRA 2014)

Com base em diversos pesquisadores e especialistas em educação, Machado (2006) mostra que o aspecto financeiro tem se apresentado como balizador de políticas educacionais, mas não se limitando a elas somente, pois também pode ser observada tal influência na gestão escolar e também nos sistemas de ensino. Este último é composto por gestão escolar e educacional. Quando se adota este

direcionamento, as condições e oportunidades educativas têm sua prioridade rebaixada afim de atender os indicadores financeiros. Ainda segundo esse autor, esta perspectiva se desdobra em reformas que priorizam a qualidade, a avaliação e a gestão, de modo a acompanhar as tecnologias mais recentes utilizadas pela população em geral, pelo governo e pelas instituições de ensino, sintetizando a aprendizagem do indivíduo em processos padronizados voltados ao mercado e ao consumismo. (AMARAL, FERREIRA 2014)

Durante os anos 1960 e 1970, prevaleceu o modelo tecnicista na formação de professores. Contudo, no início da década de 1980 os profissionais da educação sentiam a necessidade de uma reformulação nos cursos de formação de docentes. E por isso, nesse período, as políticas públicas educacionais de formação de professores foram marcadas por lutas e reivindicações, como o fortalecimento e a valorização social e econômica da categoria, buscando melhores condições de trabalho e a implantação de um plano de carreira para os docentes (PEREIRA, 1999).

De acordo com Pereira (1999), na década 1970 predominava o modelo de racionalidade técnica. Tal modelo consistia em realizar uma formação de conteúdo da disciplina da área de referência nos três primeiros anos e somente no último ano eram contempladas as disciplinas de cunho pedagógico. Este modelo era combatido pelos profissionais da educação, os quais defendiam uma formação mais ampla, que os permitisse ter uma visão mais realista do seu tempo, bem como um olhar crítico e transformador tanto no âmbito escolar como na sociedade.

Nesse cenário foram realizados diversos fóruns e debates acompanhados por entidades da sociedade civil e níveis governamentais, bem como associações. E dentre elas, a Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), Fórum Nacional de Diretores de Faculdades/Institutos/Centros de Educação e equivalentes das Universidades Públicas Brasileiras (FORUMDIR), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE), Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), Fórum Nacional em Defesa da Formação de Professores, Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação (CNTE). O objetivo principal destes fóruns consistia em reformar as diretrizes que orientavam a educação e que tinham como norte a Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 4.024/1961, bem como suas emendas posteriores. (PEREIRA, 1999).

As reivindicações dos profissionais da educação, à época, foram influenciadas por interesses políticos em todas as esferas da administração pública e também por interferências externas. Apesar disso, foram obtidos alguns avanços nas leis que regiam a formação de docentes no final da década de 1960 e começo da década de 1970 (PEREIRA, 1999).

A fim de atender requisição dos militares surgiu a Lei 5.540/68 – Reforma Universitária que centralizou e burocratizou a estrutura hierárquica das universidades. Este não era o desejo dos discentes e docentes os quais buscavam a democratização e a liberdade política dentro do ambiente acadêmico. Somente em 1971 foi sancionada a Lei 5.692/71, que trouxe a primeira reforma da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, acatando sugestões do acordo do Ministério da Educação (MEC) com a United States Agency for International Development (USAID). Dentre os diversos itens contemplados teve destaque à mudança de nomenclatura dos ensinos primário e médio, os quais passaram a ser chamados de primeiro e segundo grau, respectivamente. As bases da educação passaram a ser o desenvolvimento, segurança e a comunidade, e com isto dá-se uma ênfase maior na formação profissional e a privatização do ensino (PEREIRA, 1999).

Por força do poder judiciário, deu-se a Lei 7.044/82 alterando a legislação de 1971, tratando da formação mínima para exercer o magistério: docente de 1ª a 4ª série – Habilitação de 2º grau, docente de 1ª a 8ª série – Licenciatura de Curta duração, docente de 2º grau – Licenciatura Plena.

Em 1986 quem determinava regras e políticas educacionais era o então Conselho Federal de Educação – CFE, que emitia indicações que equivalem hoje às resoluções do Ministério da Educação. Com o intuito de aprimorar a formação de professores o CFE aprovou a Indicação n. 8/86 que propôs a extinção das habilitações de licenciaturas curtas. Porém, tal modalidade só foi extinta dez anos mais tarde através da Lei 9.394/96. Em 1996 aconteceu a IV Conferência Brasileira de Educação, realizada na cidade de Goiânia/GO onde a elaboração de novas diretrizes e bases para educação estava ganhando forma e notoriedade nacional (PEREIRA, 1999).

Ainda nos anos 1990 e nos anos que se seguem, questões ligadas às políticas educacionais acabaram por se tornar políticas de gestão e são coordenadas e lideradas pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação –

CONSED, o qual definiu que a gestão educacional seria prioridade na implantação e manutenção das políticas educacionais. Segundo (Lück, P. 46, 2006) o significado de gestão é:

A mobilização dinâmica de elemento humano, sua energia e talento, coletivamente organizado, como condição básica e fundamental da qualidade de ensino e da transformação da própria identidade das escolas, dos sistemas de ensino e da educação brasileira. (Lück, P. 46, 2006)

Apesar dos esforços da comunidade científica e acadêmica na elaboração de planos de educação, não se pode deixar de lado as influências políticas, com muitos debates no congresso nacional, em que além de atender os interesses dos docentes, discentes, sociedade civil organizada e também atender as excessivas intervenções de organismos multilaterais. As sugestões foram consolidadas na forma da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional vigente (PEREIRA, 1999).

De modo a garantir o direito ao acesso à educação, que está assegurado no Art. 205 da Constituição Federal (BRASIL, 1988), “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” Assim, os governos criariam ações e programas que funcionam como auxiliares no acesso à educação a todos os cidadãos. Como a política pública educacional trata-se de uma política pública social, sua criação segue as mesmas etapas apresentadas por LASWELL (1956), nesse contexto as políticas públicas educacionais podem ser criadas nas esferas municipais e estaduais.

A população em geral também pode participar da implantação destas políticas, através dos conselhos de políticas públicas, que são formados por representantes dos cidadãos e do governo.

Além de todas as leis e reformas já citadas, é preciso considerar um marco internacional que balizou as reformas educacionais. Trata-se da Conferência Mundial sobre Educação para Todos, em Jontiem, 1990 na Tailândia, pois entre os balizamentos oriundos desse evento um dos mais importantes pautou-se a erradicação do analfabetismo e a taxa de escolaridade com o menor aumento de recurso humano e financeiro possível, bem como garantir maior equidade social.

Dez anos mais tarde, em Dakar, Senegal, houve outra reunião a fim de verificar e apreciar os propósitos e disposições firmados em Jontiem, bem como

para definir novas técnicas para aprimorar a qualidade da educação. A reunião de Dakar firmou-se no aumento da qualidade profissional focado no docente (PEREIRA, 1999).

Notadamente, no final do século XX houve um amplo debate no que tange a educação, focando não somente o aluno, mas uma educação em conjunto com a sociedade, aluno, professor, comunidade social e acadêmica.

Diversos docentes fizeram duras críticas a aplicação da Lei 9.394/96, pois almejavam compreender as mudanças para toda a estrutura da educação nacional (PEREIRA, 1999).

Segundo Cury (2003), a lei não contempla a resolução dos quesitos de formação de docentes. Os desenvolvimentos que a LDB trouxe foi contemplar a heterogeneidade da educação bem como popularizar as escolas.

2.3. Políticas públicas educacionais atuais

No Brasil, com ênfase para a última década a expressão Políticas públicas educacionais ganhou um rol de notoriedade em todos os campos, fala-se de PP para a educação, saúde, cultura, esporte, justiça e assistência social. No entanto, tais políticas nem sempre trazem os resultados esperados, pois somente garantir o acesso a todos estes serviços públicos não significa que estes tenham qualidade e, que efetivamente, os usuários terão seus direitos respeitados (SETUBAL, 2012).

Diante destes aspectos, tem-se que as Políticas públicas educacionais se voltam para o enfrentamento dos problemas existentes no cotidiano das escolas, que reduzem a possibilidade de qualidade na educação. No entanto, somente o direcionamento destas para a educação não constitui uma forma de efetivamente auxiliar crianças e adolescentes a um ensino de melhor qualidade, posto que existem outros pontos que também devem ser tratados a partir das Políticas públicas educacionais, como os problemas de fome, drogas e a própria violência que vem se instalando nas escolas em todo o Brasil (QUADROS, 2008).

Quando se fala em políticas públicas na educação, a abordagem trata da articulação de projetos que envolvem o Estado e a sociedade, na busca pela construção de uma educação mais inclusiva e de melhor qualidade, ou seja, que resgate a construção da cidadania (GIRON, 2008).

Tem-se que o sistema educacional (governo, escolas, universidades e sociedade civil) adotado, bem como as Políticas Públicas direcionadas para a educação são elementos que demonstram a preocupação do país com o seu futuro, pois somente o ensino público gratuito, inclusivo e de qualidade pode construir uma sociedade em que as diferenças socioculturais e socioeconômicas não são tão díspares (FREIRE, 1998).

A escola pública brasileira vem demonstrando, especialmente, nas últimas décadas um processo de desenvolvimento no contexto organizacional e de gestão, partindo do princípio que a democracia gera qualidade e oportunidade a todos também no âmbito escolar. Porém, a educação pública necessita mais do que oferecer escolas, mas é imprescindível ter docentes conscientes de seu papel educacional, tanto quanto social, bem como sejam oferecidas às crianças oportunidades de aprendizagem a partir da construção de conhecimento (BOLZANO, 2004).

2.4. Programas de incentivo à docência

Desde de o início dos anos 2000, através do Ministério da Educação (MEC) o governo federal tem desenvolvido diversos programas de incentivo à docência com o objetivo de fomentar a busca pelos cursos de licenciatura a fim de formar docentes capacitados tanto no âmbito técnico quanto no pedagógico. O objetivo dos programas é a formação de professores para atuar em todos os níveis de educação.

2.4.1. Programa de Formação Inicial e Continuada

O PARFOR foi instituído em 29/01/2009 através do Decreto Federal 6.755/2009. Ele é uma ação estratégica do MEC, fruto de trabalhos que envolvem as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação em conjunto com as Instituições de Educação Superior em cada estado, com a finalidade de aumentar o padrão de qualidade na formação de docentes para atuar nos níveis básicos de educação.

O Programa objetiva oferecer cursos de formação inicial de forma presencial aos professores da rede pública. A oferta ocorre conforme as demandas do planejamento estratégico acordado nos Fóruns Estaduais Permanentes de Apoio à Formação Docente. Os cursos presenciais iniciais ou emergenciais são ofertados

pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), enquanto que os cursos na modalidade a distância são ministrados e coordenados pela Universidade Aberta do Brasil (UAB).

Dados de 2016 mostravam que, à época, estavam sendo desenvolvidos 194 cursos emergenciais presenciais de licenciatura, sendo: 138 de Primeira Licenciatura (destinados a professores sem formação de nível superior) e 56 de Segunda Licenciatura (para professores que possuem cursos de licenciatura, mas encontram-se atuando fora da sua área de formação). Assim, beneficiam-se aproximadamente 40 mil professores em exercício na rede pública de Educação Básica, abrangendo 25 unidades federadas (BRASIL, 2016).

2.4.2. Programa de Consolidação das Licenciaturas

Lançado em 2006 e passado à coordenação da CAPES em 2008, o Prodocência oferece apoio financeiro a projetos que contribuam na inovação dos cursos de formação de professores e na melhoria do processo ensino-aprendizagem dos licenciandos, bem como na identificação e solução de problemas inerentes aos cursos de licenciatura.

Podem participar do programa as Instituições Federais de Ensino Superior, inclusive os Institutos Federais, que possuam licenciaturas, bem como as instituições Estaduais e municipais de Educação Superior que tenham licenciaturas autorizadas na forma da lei.

Em conjunto com os demais programas, o Prodocência tem o seu potencial ampliado e os benefícios educacionais são da mesma maneira elevados, sendo que em 2016 eram apoiados 47 projetos de instituições federais e estaduais de educação superior, e previam-se mais 74 projetos (BRASIL, 2016).

2.4.3. Programas de Apoio e Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

Instituído em 2007 através do Decreto Federal nº 6.096, o REUNI visava a ampliação do acesso à educação superior, porém o seu principal intuito é que a permanência do aluno no ensino superior até que ele conclua sua formação.

O programa conta com diversas ações voltadas ao ensino superior público, criando condições para que as universidades federais promovam a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de ensino superior. Tais ações englobam a ampliação do número de vagas nos cursos de graduação, aumento na oferta de cursos noturnos, promoção de inovações pedagógicas e o combate à evasão escolar (BRASIL, 2016).

2.4.4. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

Este Programa foi instituído em 13/12/2007 através de Chamada Pública MEC/CAPES/FNDE, contudo o programa passou a ser implementado de fato, somente em 2009. Ele tem por finalidade a valorização do magistério e apoio aos estudantes de licenciatura plena das instituições públicas (federais, estaduais e municipais) e comunitárias, sem fins econômicos, de educação superior.

O programa objetiva aumentar a qualidade das ações acadêmicas focadas à formação inicial de professores por meio da inserção de licenciados no cotidiano de escolas da rede pública de educação, estreitando a integração entre educação superior e Educação Básica, através da participação do professor na busca de soluções nos processos de ensino-aprendizagem, levando em consideração o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e o desempenho da escola em avaliações nacionais, como Provinha Brasil, Prova Brasil, Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) , o programa também pretende levar aos futuros docentes a participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas de ensino-aprendizagem enriquecendo assim a sua própria formação no âmbito da universidade. (CARVALHO; QUINTEIRO, 2013)

O PIBID não deve ser confundido com o estágio do docente, este último tem um caráter de observação e avaliação da prática docente ao passo que o PIBID é ter uma proposta mais ampla e extracurricular com uma carga horária mais extensa que a do estágio, o programa também permite a participação de discentes desde o início da graduação e podem ser trabalhados diferentes aspectos pedagógicos o que acaba por ser um complemento à formação curricular.

Outros objetivos do PIBID, mas não se limitando a eles, está a elevação da qualidade dos cursos de licenciatura, aprimorar a formação dos licenciandos, melhorar a formação de professores que irão atuar na educação básica e tornar mais próxima a teoria da prática docente, se todos esses fatores forem aprimorados a elevação da educação pública brasileira será automaticamente elevada. (BRASIL, 2014).

Do lado das escolas, o programa busca incentivá-las a tornarem-se parte fundamental nos processos de formação dos estudantes das licenciaturas, mobilizando seus professores formadores auxiliares dos futuros docentes, bem como almeja a valorização da carreira de docente.

O PIBID é desenvolvido com base no diálogo com as instituições parceiras; na responsabilidade compartilhada entre os envolvidos; na abertura a novas ideias e ao aperfeiçoamento dos processos; na disseminação das boas práticas e do conhecimento produzido. O diferencial deste programa consiste em permitir uma maior interação de alunos, professores, estudantes de licenciaturas de cursos superiores e professores de licenciaturas de ensino superior.

O órgão responsável pelo PIBID é a Capes, que disponibiliza editais consumidos pelas Instituição de Ensino Superior (IES) públicas e privados, que possuem cursos de licenciatura. As bolsas disponibilizadas abrangem cinco modalidades a saber: aos discentes para desenvolver atividades pedagógicas na rede pública de ensino básico, ao coordenador institucional responsável pela viabilização do programa nas IES, ao coordenadores de áreas correlatas que orientam os bolsistas e também aos professores da rede pública que supervisionam os licenciandos bolsistas. A última modalidade é o repasse de recursos de custeio de demandas ligadas ao projeto em andamento na instituição de ensino (BRASIL, 2014)

O PIBID foi implantado apenas em 2009 através da portaria nº 122/2009, dois anos depois do seu lançamento em 2007, neste mesmo ano a CAPES lançou o edital nº 2/2009, com a finalidade de ampliar o programa, tornando-o mais abrangente, e possibilitando a participação também de toda a educação básica, educação especial, educação básica oferecida aos quilombolas, indígenas e no campo, educação de jovens e adultos e as universidades estaduais. As IES receberam uma orientação da CAPES que os projetos do PIBID, se dessem em escolas com baixos índices no IDEB, afim de contribuir com o aumento do IDEB e

equalizando o índice considerado no Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação.

A Capes, em 2011 através do edital nº 1/2011, abriu a possibilidade de todas as instituições públicas de ensino superior participarem do programa, sendo que naquele ano 146 instituições de todas as regiões do Brasil aderiram ao programa. A Capes realizou em 2009 o I Encontro Nacional do PIBID e em setembro de 2011 aconteceu o II Encontro Nacional de Coordenadores Institucionais do PIBID, cujo mote era fomentar a troca de experiência, e debater propostas e resultados obtidos a fim de propor melhorias ao programa (BRASIL, 2014).

Partindo dos resultados alcançados, foi possível aumentar o alcance do programa, com isso o PIBID passou a ser um programa permanente sendo incluído na LDB/1996 através da Lei nº 12.796 de 04 de abril de 2013, dentre outras melhorias o programa passou a ser uma ação permanente do MEC, transformando-se assim em uma política de Estado como estabelece o parágrafo 5º do Artigo 62 da LDB/1996: § 5o A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios incentivarão a formação de profissionais do magistério para atuar na educação básica pública mediante programa institucional de bolsa de iniciação à docência a estudantes matriculados em cursos de licenciatura, de graduação plena, nas instituições de educação superior. (BRASIL, 2013)

A autonomia das universidades e o regime de colaboração que respeita a descentralização administrativa em educação são pilares da ação do PIBID, que visa promover oportunidades de construção do conhecimento interdisciplinar, contextualizado e com padrão de qualidade das ações acadêmicas, bem como superar os problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem nas escolas públicas com baixo rendimento educacional.

Os dados divulgados pela CAPES em 2016, mostram que existem mais de 70.000 bolsas ativas, sendo cerca de 58.000 para alunos de licenciatura, 9.000 para professores da educação básica e 4.900 para professores dos cursos de licenciatura em todo Brasil, com um orçamento de aproximadamente seiscentos milhões de reais. (BRASIL. CAPES, 2016).

2.5. Curso de Licenciatura em Física e os Programas de Fomento à Formação Docente

Na cidade de Curitiba existem atualmente quatro instituições de ensino superior que ofertam os cursos de licenciatura em física, Universidade Federal do Paraná – UFPR, Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR e Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE

Instituição de Ensino Superior	Programas pesquisados
PUC/PR	PIBID
UFPR	PIBID
UTFPR	PIBID

Quadro 2 – Instituições de Ensino Superior e programas pesquisados
Fonte: a autora (2018)

2.6. Dados do Curso nas Universidades

Buscando um melhor entendimento da formação de docentes e das opções de cursos e universidades disponíveis na cidade de Curitiba, faremos uma breve coletânea de dados dos cursos.

Centro Universitário Campos de Andrade

A UNIANDRADE foi fundada em 1998

Curso de Licenciatura em Física

- Coordenador: Professor Guilherme Augusto Pianezzer
- Data da criação do curso: 01/03/2002
- Vagas ofertadas: 120 vagas anuais
- Periodicidade: Semestral
- Duração do Curso: 8 semestres
- Conceito do Curso - MEC: 4 Ano de 2018

Pontifícia Universidade Católica

A PUC-PR foi fundada em 1959.

Curso de Licenciatura em Física

- Coordenador: Professor Dr. Edival de Moraes
- Data da criação do curso: 11/02/2008
- Vagas ofertadas: 60 vagas anuais
- Periodicidade: Semestral
- Duração do Curso: 8 semestres
- Conceito do Curso - MEC: 4 – Ano de 2018

Universidade Federal do Paraná

A UFPR foi fundada em 1913.

Curso de Licenciatura em Física

- Coordenador: Professor Dr. Kleber Daum Machado
- Data da criação do curso: 01/01/1940
- Vagas ofertadas: 90 vagas anuais
- Periodicidade: Semestral
- Duração do Curso: 8 semestres
- Conceito do Curso - MEC: Não consta no site do MEC

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

A UTFPR foi fundada em 1909.

Curso de Licenciatura em Física

- Coordenador: Professor Dr. Adilson Camilo de Barros
- Data da criação do curso: 02/03/2009
- Vagas ofertadas: 88 vagas anuais
- Periodicidade: Semestral
- Duração do Curso: 8 semestres
- Conceito do Curso - MEC: 4 – Ano de 2012

3. METODOLOGIA

A pesquisa se desenvolveu sob o viés qualitativo documental que de acordo com Fonseca (2002) possui as mesmas etapas que a pesquisa bibliográfica, porém, a pesquisa bibliográfica recorre a fontes formais como livros e artigos, enquanto a pesquisa documental pode-se utilizar fontes diversificadas tais como jornais, revistas, documentos oficiais, cartas, diários.

Tal metodologia, apresentou-se como a mais adequada pois as entrevistas aplicadas serão do tipo semiestruturada, estas trazem visão do entrevistado sobre o fenômeno investigado, evitando assim generalizações e levando em conta as particularidades de cada entrevistado, isto abre a possibilidade de se realizar uma análise aprofundada do discurso do sujeito.

3.1. Participantes da pesquisa

Os participantes foram os coordenadores do PIBID de Física das seguintes instituições: Pontifícia Universidade Católica, Universidade Tecnológica Federal do Paraná e Universidade Federal do Paraná. Durante o levantamento das Instituições de Ensino Superior o Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE), não foi elegível para a pesquisa pelo fato de não possuir os programas de incentivo à docência pesquisado, pois a instituição está em processo de reestruturação dos seus cursos e no momento da pesquisa ela ainda não havia se habilitado nos referidos programas.

3.2. Meio da coleta de dados

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada que é definida por Morgan (1988) “como uma conversa intencional entre duas ou mais pessoas, dirigida por uma delas, com objetivo de obter informações sobre a outra.”

É preciso dizer que nos estudos qualitativos, as entrevistas podem ser classificadas quanto ao seu grau de estruturação. E, segundo Merton e Kendall (1946), as entrevistas podem ser guiadas por questões mais abrangentes acerca do tema de pesquisa o que confere ao entrevistado um grau maior de liberdade e espontaneidade nas respostas, enquanto que para o entrevistador é possível a partir

das respostas levantar um conjunto de outras questões e aprofundar ainda mais a pesquisa.

Corroborando com esta ideia, Gil (1999) explica que nesse tipo de entrevista o entrevistador dá mais liberdade para o entrevistado responder às perguntas sem que este desvie o foco do assunto.

Bogdan e Biklen (1994) defendem a entrevista semiestruturada sob a ótica que é possível estabelecer comparações entre as respostas dos entrevistados.

3.3. Abordagem Fenomenológica para Análise Qualitativa

Visando a compreensão das vivências e experiências dos indivíduos, porém sem generalizá-las, e ainda procurando compreender as individualidades dos sujeitos, a abordagem fenomenológica na pesquisa qualitativa se torna a opção mais adequada para obter os melhores resultados. A abordagem fenomenológica objetiva interrogar o fenômeno, o qual nesta pesquisa se situa sobre a percepção dos coordenadores de curso de licenciatura em Física e coordenadores do PIBID sobre políticas públicas para a formação docente em que pese a condição existencial dessas políticas.

Martins e Bicudo (1994) caracterizam a fenomenologia como "o discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra por si mesmo". Entretanto, para Giles (1979), a fenomenologia tenciona estudar "a aparição do ser na consciência ao invés de supor sua possibilidade dada antecipadamente".

Contudo Alves (2005) diz que, parte-se da reprodução das narrações dos coordenadores as partes que abrangem 'significações' a respeito do fenômeno que está sendo observado e interpretado, intentando conceber tais significados contidos nas respostas bem como examinar de acordo com as suas percepções sempre se atendo rigorosamente à integridade da manifestação que o entrevistado demonstra durante as suas narrações. Isso é, analisar de forma imparcial o que o entrevistado está dizendo sobre o fenômeno bem como manter a essência da resposta, isso se refletirá nos resultados alcançados, tendo em vista que estes significados servirão de fonte única de pesquisa.

No presente estudo, as partes selecionadas para apreciação foram submetidas à abordagem fenomenológica através das análises ideográfica e nomotética. A primeira diz respeito a um tratamento quanto a visão individual de

cada sujeito; ao passo que a segunda é feita baseada na busca pelos significados atribuídos pelos diferentes sujeitos sobre o mesmo fenômeno e especialmente sobre pontos cruciais que compõe tal fenômeno, de forma que possa ocorrer um deslocamento dos resultados individuais para um cenário generalizado, com a construção de normatizações de onde se edificam as categorias que não são a priori, mas emergem a partir da indagação de consciência que os sujeitos são estimulados a realizar.

Sob a análise nomotética, dentro destas categorias as falas são correlacionadas a fim de se efetuar a comparação e assim verificar as confluências, bem como as particularidades presentes no detalhamento produzido por cada entrevistado. De acordo com Alves (2005, p. 117):

Cabe à análise ideográfica, destacar, a partir do discurso de cada pessoa entrevistada, os pontos que são reveladores de significação. Para que o pesquisador condense esses pontos, ele deve partir da leitura minuciosa e repetida de cada descrição ingênua, sob um olhar psicológico, com o propósito de encontrar o que há de mais revelador sobre o mesmo fenômeno, de modo a chegar às unidades de significado decorrentes do discurso do indivíduo (ALVES, 2005, p. 117).

Com as convergências e divergências devidamente identificadas é suscetível então compilar as entrevistas e também os categorizar, de acordo com as particularidades e individualidades identificadas para que se possam formar panoramas gerais que envolvem um mesmo mote. Graças (2000, p.32) destaca acerca da análise nomotética:

É possível vislumbrar com maior clareza não só as percepções individuais como as generalidades que formam a unidade essencial ou estrutura geral do fenômeno, calcadas nas experiências de quem o está vivendo, o que é suficiente para embasar a construção final dos resultados (GRAÇAS, 2000, p. 32).

Para análise de dados optou-se por uma abordagem de pesquisa qualitativa, visando compreender as experiências dos indivíduos sem que haja generalizações.

3.4. INSTRUMENTO PARA CONSTITUIÇÃO DOS DADOS

Afim de registrarmos as percepções dos coordenadores acerca dos programas de incentivo à docência, foi elaborada uma entrevista semiestruturada

(Quadro 3), para que sirva de ferramenta de coleta de dados, assim possibilitando uma análise aprofundada dos dados reunidos.

A entrevista do presente estudo foi desenvolvida com o intuito de compreender o funcionamento das instituições de ensino no tocante à sua estrutura e como ela se integra com a sociedade, visando quais os impactos (positivos e negativos) que as políticas públicas educacionais trazem para a instituição. Além disso, tal entrevista também explora o cotidiano de um coordenador de curso, o que nos dá a percepção do lado profissional e humano da área de ensino e por fim nos traz a visão do coordenador com relação ao programa de incentivo à licenciatura e como ele funciona dentro da instituição.

Os temas abordados na entrevista foram:

- Dados referentes à instituição: tempo de existência da instituição e do curso de licenciatura em Física, número de vagas, formas de ingresso, percentual de desistência.
- Dados referentes aos programas de incentivo à docência: qual programa a instituição oferece, forma de seleção e desistências.

Foram realizadas entrevistas pessoalmente pela autora deste TCC, dentro das próprias instituições de ensino, as entrevistas foram gravadas com a devida autorização dos sujeitos.

Na Pontifícia Universidade Católica, a entrevista foi realizada com o coordenador do PIBID e do curso de licenciatura em Física, o qual foi o responsável pela criação do curso dentro da universidade, e que coordena também o PIBID.

Na Universidade Federal Tecnológica do Paraná – Campus Curitiba foi realizada a entrevista com a coordenadora do PIBID.

Na Universidade Federal do Paraná a entrevista foi realizada com a coordenadora do PIBID.

Questão	Enunciado
01	Há quantos anos existe a Universidade? E o curso de Licenciatura em Física?
02	Há quantos anos está na instituição? Em específico no cargo de Coordenador?
03	O Curso de licenciatura em Física é reconhecido pelo Ministério da

	Educação? Qual é o conceito do curso?
04	Qual a composição socioeconômica da Universidade?
05	Qual o suporte econômico da Universidade?
06	Qual o perfil do aluno egresso no curso de Licenciatura em Física?
07	A Universidade participa do programa PIBID?
08	Qual a política da Universidade para selecionar alunos para PIBID?
09	Quantas vagas são ofertadas por ano ao curso de Licenciatura em Física?
10	A Universidade participa de outros programas de incentivo à docência? Quais?
11	Qual a política da Universidade para selecionar alunos para os demais programas?

Quadro 3 – Pauta da Entrevista semiestruturada.

Fonte: a autora (2018)

4. ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo vamos abordar a análise dos dados obtidos durante as entrevistas realizadas com os coordenadores de curso e/ou coordenadores do PIBID, aplicando a metodologia descrita no capítulo três deste estudo.

Na seção 4.1 manifesta a análise qualitativa fenomenológica ideográfica das oitivas obtidas, cujas transcrições estão expostas nos apêndices A, B e C. Na seção seguinte, 4.2, apresentamos uma análise fenomenológica nomotética. Já a seção 4.3 denota as argumentações no que tange as análises dos resultados.

4.1. ANÁLISE QUALITATIVA FENOMENOLÓGICA DO TIPO IDEOGRÁFICA

Tal análise apresenta-se de forma a alinhar afinidades e/ou diferenças apontadas nas reflexões de cada indivíduo em torno da mesma questão.

Esta análise foi realizada partindo de todas as entrevistas realizadas durante a fase de coleta de dados, partindo da resposta de três questões sobre o PIBID, mas não se limitando a elas, pois as entrevistas foram conduzidas da forma a compreender o contexto e a realidade da instituição de ensino.

Aspectos Recorrentes
A Universidade participa do programa PIBID?
Qual a política da Universidade para selecionar alunos para PIBID?
Perfil do Aluno do PIBID
Até que ponto o PIBID prepara o aluno para a docência.
Qual critério de seleção das Escolas para receber o PIBID.

Quadro 4 – Aspectos recorrentes analisados
Fonte: a autora (2018)

Na sequência serão apresentados os discursos dos coordenadores, quadros tabulados em três colunas, onde a primeira coluna é número da questão, a segunda é a transcrição da resposta do coordenador e a terceira interpretação aferida para dar sentido as respostas.

4.1.1. Análise Ideográfica Do Discurso Do Coordenador Do PIBID de Física da Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Questão	Discurso do coordenador	Interpretação
Participação no PIBID	Sim, temos contemplado duas modalidades: o Pibid multidisciplinar, e o Pibid específico de cada curso. Então foram direcionadas bolsas, certo número de bolsas para esse interdisciplinar onde no ambiente escolar os alunos vão trabalhar projetos. Para o curso de Física, as iniciativas de ajuda envolvem grupos de bolsistas de diferentes cursos pra elaborar, resolver um problema de aprendizagem ou um problema de motivação, ou de drogas, enfim uma necessidade daquela comunidade onde a escola está.	A instituição participa do programa, em suas diversas licenciaturas e são criados grupos de bolsistas que envolvem todos os cursos, afim de desenvolver soluções para as necessidades tanto da escola como da comunidade onde estas estão inseridas.
Critério de seleção para o PIBID	No curso de física utilizamos o critério de ordem de chegada. No curso de física sempre tem sobra de bolsas, pois boa parte dos alunos bolsistas são calouros e que acabam desistindo do curso.	Critério de seleção simplificado, pouco burocrático. Tal processo foi adotado devido à baixa procura pelo programa.
Perfil do Aluno do PIBID	São alunos interessados com bom rendimento acadêmico e na maioria das vezes com uma consciência social. No geral são	Alunos comprometidos com o curso e com a questão social. São diferenciados os que se destacam academicamente.

	alunos responsáveis e que ajudam no desenvolvimento das escolas atendidas pelo programa.	
Até que ponto o PIBID prepara o aluno para a docência.	<p>Não se sabe até que ponto o programa prepara, pois muitas vezes eles desmotivam. Os alunos que participam de estágio em escolas precárias eles vão para o mestrado em física ou falam “não quero trabalhar em escola pública, quero trabalhar em escola...” é a imagem que eles têm da escola pública que é ruim, eles não querem.</p> <p>Por exemplo, uma ex-aluna daqui que fez o PIBID dela perto da casa dela, e ela falou “professor, eu não aguento aquele ambiente, a sala dos professores, os professores despreparados, professores que só falam besteira, que não estão interessados nos alunos, os alunos não estão interessados em aprender, tem problemas com drogas, problemas de disciplina, um batendo no outro, uma selvageria na escola, desde o diretor até o professor. Então nunca mais eu quero entrar numa sala de aula”. Então</p>	<p>A coordenação não sabe precisar o impacto do programa na preparação do aluno, acredita-se que seja positivo, mas há fatores que contribuem para a desistência total da docência fazendo com o que o licenciando acate o viés da pesquisa na área de Física, partindo para mestrados e doutorados na área. Perde-se um professor, mas ganha-se um pesquisador.</p>

	acontece esse efeito e o aluno ele conhece a realidade, não quer mais saber da sala de aula.	
Qual critério de seleção das Escolas para receber o PIBID.	O próprio programa tem o critério do IDEB e na instituição é dado prioridade para as escolas mais próximas.	Muitas vezes observa-se que as escolas que recebem o PIBID e que têm o IDEB mais baixo, em geral são as localizadas nas periferias e região metropolitana. Este fator em contribui para que o discente desista de participar do programa.

Quadro 5 - Análise Ideográfica do discurso do coordenador do PIBID de Física da PUC-PR
Fonte: a autora (2018)

Da entrevista com o coordenador do curso de licenciatura em Física da PUC, podemos extrair que o mesmo é um profundo conhecedor tanto do curso quanto do PIBID, pois em ambos os casos fez parte da equipe que idealizou e implantou o curso de licenciatura em física e viabilizou o PIBID para os cursos de licenciatura.

A instituição conta com bolsas mais do que suficientes para atender a demanda, tendo em vista que há sempre sobra de vagas no programa PIBID, em geral, na instituição. São tantas vagas que a seleção é feita de forma simplificada, apenas por ordem de chegada e inexistente fila de espera, ainda assim existem as vagas remanescentes das desistências dos alunos do programa, por motivos diversos, mas dois pontos são determinantes: a distância das escolas onde são desenvolvidos os projetos e o baixo valor da bolsa.

Os projetos do programa são desenvolvidos, na maioria das vezes, em escolas distantes do centro e em periferias, com baixo nível de desenvolvimento e baixo IDEB, e como já citados, estas condições são determinantes para a desistência do programa e em algumas vezes até mesmo do curso de licenciatura. O método de trabalho do PIBID na instituição consiste em grupo das diversas licenciaturas desenvolvendo situações problema do ambiente escolar e do contexto onde a escola está inserida.

4.1.2. Análise Ideográfica Do Discurso Da Coordenadora do PIBID de Física Da Universidade Federal do Paraná

Questão	Discurso do coordenador	Interpretação
Participação no PIBID	Sim, especificamente para o curso de licenciatura em física desde 2009 passando a valer em 2010, são projetos para as disciplinas de Física um, Física dois e Física três	A instituição desenvolve projetos de PIBID em escolas da região utilizando o conteúdo das disciplinas de Física Básica, transpostos para o Ensino Médio no primeiro, segundo e terceiro ano respectivamente.
Critério de seleção para o PIBID	O processo seletivo das bolsas para o Pbid é feito através de uma entrevista e análise de currículo, grade curricular e disciplinas cursadas. E na entrevista realizamos perguntas do tipo: Qual é a sua intenção com o PIBID? Por que você optou pela licenciatura? Que coisas gostam? Faz leitura? Pensa em ser professor? Com essas questões o perfil dos alunos que participa do PIBID são os que realmente querem ser professores. Assim conseguimos filtrar os que entraram em física com a intenção de mudar de curso dos que realmente querem seguir pela licenciatura.	O processo seletivo é padronizado, lançando mão de etapas bem definidas e entrevistas a fim de selecionar alunos que tenham o perfil voltado para a docência. Este processo minimiza a evasão do programa ao longo do curso.
Perfil do Aluno	O perfil dos discentes da	O perfil do discente definido pela

do PIBID	instituição é traçado através do processo de seleção, direcionamos as questões para que o perfil do discente seja aquele que queira ser professor e estar em sala de aula.	IES é priorizado o que demonstram interesse pela prática em sala de aula, selecionando-os assim para participar do programa.
Até que ponto o PIBID prepara o aluno para a docência.	Como nosso processo de seleção tem como base selecionar alunos que tenham interesse na docência, estes alunos acabam desenvolvendo projetos nas escolas e nem todos optam por dar aulas após a conclusão da graduação.	O processo de seleção neste item é fator que contribui fortemente, pois acaba por preparar o aluno para a prática docente e desenvolvimento de projetos nas escolas.
Qual critério de seleção das Escolas para receber o PIBID.	O PIBID tem regras próprias, a prioridade é para escolas nota baixa no IDEB. Mas nós damos a opção de escolha para o aluno, apresentamos as escolas e eles escolhem as mais próximas de suas casas.	A instituição obedece ao critério de seleção do edital do PIBID, dentre as escolas selecionadas os alunos têm a liberdade de escolher as escolas de acordo com o seu interesse pessoal.

Quadro 6 - Análise Ideográfica do discurso da coordenadora do PIBID de Física da UFPR
Fonte: a autora (2018)

Na fala da coordenadora, da Universidade Federal do Paraná, notamos que o programa é bem estruturado na instituição, pois foi implantado no ano de 2009 e sofre um processo de melhoria constante, garantindo assim um melhor aproveitamento dos recursos oferecidos pelo programa.

De acordo com a coordenadora, a seleção é bem rigorosa seguindo uma série de etapas, desde a análise curricular e notas até uma entrevista detalhada com o candidato, visando destinar os recursos humanos e financeiros de forma transparente, ainda com todo o rigor do processo seletivo existem mais candidatos do que vagas.

Os projetos são desenvolvidos em escolas públicas divididas em diversas áreas da cidade bem como na região metropolitana, os projetos visam trabalhar com questões de física no cotidiano das escolas e da comunidade.

4.1.3. Análise Ideográfica Do Discurso Do Coordenadora do PIBID de Física Da Universidade Tecnológica Federal Do Paraná – Campus Curitiba

Questão	Discurso do coordenador	Interpretação
Participação no PIBID	Sim, desde 2009 para todos os cursos de licenciatura dividido em interdisciplinar e específico para cada curso.	A instituição desenvolve projetos de PIBID em escolas da região utilizando o conteúdo das disciplinas de Física.
Critério de seleção para o PIBID	O processo seletivo das bolsas para o Pbid é feito através de análise de currículo, grade curricular, coeficiente de rendimento e disciplinas cursadas. Deve estar cursando entre o segundo e o oitavo período, alunos do primeiro período podem ingressar, mas somente se houver sobra de vagas. Também é feita uma análise de perfil do aluno, para evitar a evasão do programa e do curso também.	Processo seletivo é padronizado, concatenando análise curricular, coeficiente de rendimento e análise de perfil, visando selecionar alunos com as características da docência.
Perfil do Aluno do PIBID	O perfil dos discentes da instituição são alunos comprometidos, que se interessam pela docência e são participativos nos projetos.	Alunos com bom desempenho que demonstram interesse pela docência.

Até que ponto o PIBID prepara o aluno para a docência.	Alguns discentes acabam voltando para a universidade desmotivada e esses acabam por não quererem mais entrar em sala de aula e partem para a área de pesquisa. Muitos podem ver isso como negativo, porém ao contrário vemos isso como positivo, pois acaba se tornando docente aquele aluno que realmente tem interesse.	O PIBID cumpre sua função de preparar o aluno para a docência, fazendo uma espécie de seleção natural.
Qual critério de seleção das Escolas para receber o PIBID.	O PIBID tem regras próprias, que são escolas com o IDEB mais baixo. Usamos então este critério e também a questão da proximidade, pois os alunos desenvolvem os projetos no período da manhã. Também escolhemos escolas que sejam amigáveis ao projeto do PIBID, que tenham diretores e professores engajados.	Nesta instituição, o aluno não tem autonomia para escolher a instituição que irá atuar, são escolhidas escolas próximas à universidade para facilitar o deslocamento dos alunos, pois o curso de Física ocorre no período da tarde, e o projeto no período da manhã.

Quadro 7 - Análise Ideográfica do discurso da coordenadora do PIBID de Física – UTFPR
Fonte: a autora (2018)

Ao apreciarmos com o discurso da coordenadora do PIBID, da Universidade Tecnológica nota-se que a mesma traz um vasto conhecimento sobre este, bem como pelas políticas, burocracias e defeitos do programa.

Durante a entrevista percebeu-se que há um zelo com relação a seleção de alunos que farão jus a bolsa, nota-se um cuidado em especial para que o aluno selecionado seja aquele que goste da sala de aula, trazendo um aluno dinâmico e proativo. Proporcionando ao programa a possibilidade de ser aplicado em sua plenitude, ou seja, incentivar a docência.

Os projetos do programa são desenvolvidos em sua maioria em escolas públicas e distantes dos grandes centros e cada escola tem uma realidade diferente aonde os bolsistas podem se deparar com a realidade do mercado de trabalho, auxiliando assim em sua decisão de seguir a carreira da docência.

Podemos vislumbrar claramente que este cuidado na seleção de alunos traz bons resultados, tendo em vista que a cada novo edital não existem vagas remanescentes, a taxa de desistência do programa é baixa ao longo do curso.

4.2. ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DO TIPO NOMOTÉTICA

No presente estudo a análise nomotética, é a ferramenta utilizada para realizar a transposição dos resultados das falas dos coordenadores, permitindo-nos a categorização das mesmas, com o intuito de “determinar generalizações mediante a compreensão das convergências e divergências que se mostram nos casos individuais” (MARTINS; BICUDO, 1994 *apud* ALVES, 2005)

Nossa análise é embasada, ou advém, dos entendimentos contidos na análise ideográfica previamente realizada. Portanto, neste modo de análise, a nomotética, nos dá a liberdade de realizar generalizações (etimologicamente falando, a palavra significa “proposição de lei” ou “capas de estabelecer a lei”) a respeito das interpretações dos discursos ímpares de diferentes pessoas quando questionadas sobre o mesmo tema. (ALVES, 2005)

Diante do exposto, passamos então a discorrer a análise nomotética das questões apresentadas no Quadro 4, baseadas nas respostas obtidas durante as entrevistas.

4.2.1. Participação institucional das licenciaturas em Física no PIBID

Com relação a questão: ***A Universidade participa do programa PIBID?*** Surgiram três categorias, conforme descrito abaixo.

Participação da instituição desde o surgimento do programa.

Durante as falas dos coordenadores do programa, notou-se o interesse imediato em implantar tal Programa nas instituições por entenderem que ele é válido e de suma importância para o desenvolvimento da docência, bem como por

entender que o PIBID veio para implementar aspectos formativos que as instituições não conseguiam dar conta no meio acadêmico.

PIBID interdisciplinar e específico

Na interpretação dos discursos, identificamos que o PIBID nas instituições é dividido em duas categorias, a saber: interdisciplinar e específico. As vagas disponíveis para o PIBID interdisciplinar são compartilhadas para dois ou mais cursos de licenciatura da instituição, enquanto os projetos são desenvolvidos de forma interdisciplinar; ao passo que no PIBID específico as vagas são exclusivas para curso singular e os projetos são desenvolvidos na área de atuação desse.

Quantidade de vagas

Nesta categoria, percebemos que, as vagas não são definidas por diretrizes governamentais do Programa, mas sim de acordo com as características da instituição. Cada uma das instituições tem uma quantidade de vagas diferente, tanto para o PIBID interdisciplinar quanto para o específico, e a cada novo edital essas vagas podem ser ampliadas ou reduzidas de acordo com a procura e nível de desenvolvimento dos projetos.

4.2.2. Critérios e idiosincrasias de seleção para atuação no PIBID

Com relação a questão: ***Qual a política da Universidade para selecionar alunos para PIBID?*** Surgiram três categorias, conforme descrito abaixo.

Contrastes entre as instituições públicas e privadas

Nesta podemos destacar que as instituições têm políticas distintas para a seleção dos alunos do PIBID, percebeu-se que nas instituições públicas, UTFPR e UFPR, as políticas de admissão de alunos passam por um processo de seleção e entrevistas, afim de garantir que os alunos participem do programa do início até o final de seu curso de formação do Programa, garantindo assim um melhor aproveitamento dos recursos por ele oferecido. Com relação à instituição privada, na PUC-PR, a seleção dos candidatos é feita de forma mais simplificada, os alunos são selecionados por ordem de inscrição.

Processo de seleção

O processo de seleção segue, de um modo geral, o mesmo rigor, em que o aluno deve se inscrever para concorrer a uma vaga e passar por uma análise de documentos, currículo e de desempenho acadêmico. Neste ponto, cada universidade pública tem o seu coeficiente de rendimento acadêmico e após aprovado nessa etapa, o aluno ainda passa por uma entrevista com o coordenador do PIBID, quando se pode verificar o perfil e a intenção do aluno. E, somente após vencidas tais etapas o aluno passa a fazer parte do Programa. Apesar do rigor da seleção, os coordenadores dessas instituições afirmaram que geralmente há fila de espera para participar do PIBID. No processo de seleção da PUC-PR é bastante simplificado, na medida em que conta apenas com uma etapa de caráter eliminatório. Esta etapa consiste em análise de documentos por ordem de inscrição no programa e não há limites para alunos inscritos. Quanto à simplicidade do processo seletivo, o coordenador informou que isso é feito devido à baixa procura pelo Programa na Universidade e que existem mais vagas do que candidatos, não fazendo sentido um processo seletivo rigoroso, sendo que um dos objetivos do Programa consiste em incentivar a docência. Assim, justifica-se a opção por privilegiar os alunos que procuram o Programa.

Projetos atendidos

Esta categoria emergiu espontaneamente durante a resposta à questão 8, e o surgimento desta vem para corroborar com a escolha do método de entrevista semiestruturada para coleta dos dados.

Com relação aos projetos, percebemos na fala dos coordenadores, que existe uma preocupação em levar o conteúdo do ambiente acadêmico da docência para a prática do dia-a-dia, com a preocupação de correlacionar os conteúdos com a realidade da sala de aula de uma escola com todas as suas peculiaridades, dificuldades e desafios. Procura-se, assim, entender também o ambiente onde a escola está inserida.

Manutenção do PIBID na instituição

Também é consenso entre os coordenadores a preocupação em manter os alunos ativos no Programa, bem como com a continuidade dele na instituição. Eles veem no programa muito potencial e por isso a cada ano concentram esforços para

garantir as vagas do Programa tanto para a modalidade interdisciplinar quanto para o específico.

4.2.3. Características e habilidades do licenciando

Com relação a questão: **Perfil do Aluno do PIBID?** Surgiram duas categorias, conforme descrito abaixo.

Perfis semelhantes

Aqui nota-se que, segundo os coordenadores, os alunos no geral se interessam bastante pelo programa, que também oferece uma bolsa para quem participa do programa, contudo este não é o motivo do interesse, e sim o apelo vocacional para a docência. Apesar das desistências, comuns a qualquer programa, este mantém a maioria dos alunos focados nos projetos desenvolvidos junto a escola e a comunidade.

Seleção por perfil

Apenas uma das três instituições pesquisadas, procura traçar o perfil do aluno que mais condiz com as diretrizes do programa, nas outras a seleção não contempla esta característica fundamental, não obstante as duas acabam por ter uma taxa de evasão maior.

4.2.4. A prática da docência

Com relação a questão: **Até que ponto o PIBID prepara o aluno para a docência?** Surgiu a categoria, A realidade da sala de aula.

Nesta categoria, as questões levantaram divergências na visão dos coordenadores, temos uma instituição em que o coordenador não soube precisar até que ponto é benéfico o programa, pois acaba por expor o jovem licenciando à dura realidade de uma escola pública com baixo IDEB.

Já no programa de outra instituição, a seleção é o ponto focal para traçar um perfil prévio, como exposto no item 4.2.3, com isto a desistência é baixa e nesta instituição o programa é visto como benéfico para os discentes.

Enquanto na terceira, as desistências pelo impacto da realidade nos alunos da graduação são vistas como uma seleção, pois segundo a coordenação assim permanecem somente os interessados em contribuir com as escolas selecionadas.

Ponto de concordância entre os coordenadores é que o programa deve ser mantido e ampliado e que seria interessante trazer formas de medir a eficiência do programa no preparo do docente.

4.2.5. A importância de critérios bem definidos

Com relação a questão: ***Qual critério de seleção das Escolas para receber o PIBID?*** Surgiram duas categorias, conforme descrito abaixo.

O IDEB como critério

Neste item o IDEB foi mencionado como regra geral para a escolha de escolas da educação básica que receberão o programa. Os coordenadores concordam com sua utilização, porém em seus discursos fica claro que a realidade da escolha é outra, pois acabam por passar ao aluno da graduação a escolha da escola em que ele quer desenvolver os projetos, e a escolha normalmente se dá ou pela proximidade da IES ou pela proximidade da residência do graduando.

Outros Critérios

Neste ponto há um alinhamento de ideias entre os coordenadores. Durante a entrevista mostraram-se desconfortáveis em dizer que em parte dos projetos o critério do programa é deixado de lado em detrimento da distância e das condições das escolas. Para eles é necessário que, ou sejam implantadas regras mais específicas ou repassar essa responsabilidade as IES.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve objetivo de pesquisar quais as influências PIBID na formação do docente, na visão dos coordenadores dos cursos do PIBID de Física. Para isso, foi lançado mão de instrumentos de pesquisa, entrevista semiestruturada com os coordenadores do PIBID. Posterior à constituição dos dados, a apreciação desses ocorreu por meio da abordagem fenomenológica, por meio das análises ideográfica e nomotética sobre o fenômeno interrogado, o que pode ser configurado pela existência e implicação de políticas públicas na formação de professores em Física.

Com base na análise de revisão de literatura, observa-se que as políticas públicas influenciam diretamente na vida acadêmica e na formação dos docentes de Física, seja ela uma instituição pública ou privada.

Também, como um ponto de destaque, revelou-se que as Instituições Públicas de Ensino levam em conta apenas os planos oriundos das políticas públicas de ensino, pois estas não têm autonomia para criar programas de incentivo à docência, ao passo que na instituição privada que participou da pesquisa, na fala de seu coordenador, eles possuem liberdade para propor, junto ao conselho de educação da instituição, para realizar ações no sentido de incentivar não somente a iniciação à docência, mas também a iniciação científica. Como exemplo desta autonomia, o coordenador da PUC-PR citou que já existem movimentos dentro da instituição para receber os alunos que provenientes da recente Reformulação do Ensino Médio (Lei 13.415/2017), que propõe entre outras coisas, a Base Nacional Comum Curricular a ser implantada pelo Ministério da Educação.

Vimos que existem alguns programas de incentivo à docência, a exemplo de PARFOR, PRODOCÊNCIA e PIBID. Dentre esses programas, nas universidades analisadas, o único deles que permanece ativo é o PIBID.

Ao analisar os discursos dos entrevistados percebe-se a importância do PIBID para a formação profissional do aluno, pois ao mesmo tempo que prepara o discente para as futuras atividades como professor, também o incentiva a dedicar-se com maior empenho nas disciplinas do curso.

O PIBID, além de oferecer a prática de ensino também contempla uma bolsa ao aluno que ingressar no programa. E neste contexto existe uma diferença também entre as instituições públicas e privadas, pois ao passo que nas públicas as vagas

são muito disputadas, na PUC-PR, de acordo com a fala do coordenador, transcrita no Anexo I, há sobra de vagas e até um certo esforço em manter o programa ativo na universidade por conta disso.

Como pontos positivos do Programa, podemos citar que a bolsa oferecida ao discente é um estímulo a sua permanência tanto no programa quanto no curso. O PIBID, por ser uma proposta diferente do estágio obrigatório, permite desenvolver habilidades desde o início do curso com as quais o aluno só teria contato a partir do segundo ano da graduação.

Em perspectiva das implicações negativas, detecta-se a volatilidade dos programas e as confusas diretrizes governamentais, o que traz incertezas para dentro das universidades, a exemplo da extinção e criação de programas, novas diretrizes, extinção de cursos etc. Estes são fatores que desestimulam tanto os docentes formados, discentes de licenciaturas e também o jovem que não se sente seguro em assumir uma profissão com tantas dificuldades como a do docente de Física.

O objetivo do estudo foi trazer uma reflexão sobre como o PIBID, influencia a formação de docentes de disciplina de Física e das dificuldades em forma-los. Como professora de Física e futura pesquisadora na área de educação, pude observar que o processo de formação docente é carente de melhorias e trazem desafios que ultrapassam as salas de aula das universidades e que o processo de formação de docentes dentro das instituições é muitas vezes penalizado pelo contexto político nacional.

Durante pesquisa que realizei em livros, artigos e leis e complementando com as entrevistas com os coordenadores dos cursos de licenciatura em Física de Curitiba, tive a percepção de que se forem fomentados trabalhos de formação docente desde o ensino fundamental e médio para que então o ofício de professor seja visto como uma carreira profissional devidamente reconhecida pelos seus anos de estudo, pelo seu constante aperfeiçoamento profissional e pela sua dedicação extraclasse. Todos esses fatores, se incentivados durante todo processo de aprendizagem, pode despertar nos alunos, na hora de decidirem suas carreiras, o interesse pelo nobre ofício de lecionar.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, J.A.P. **Significados sobre Ciência e Tecnologia entre Alunos do Ensino Médio a partir de um Caso de Dano Ambiental**. Bauru, 2005. Dissertação de Mestrado – UNESP.

AMARAL, Cláudia Letícia de Castro do; FERREIRA, Liliana Soares. **Políticas educacionais no contexto da globalização do capital: da política às políticas de gestão. Iniciação**: Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística, São Paulo, v. 4, n. 4, p.1-7, out. 2014. Mensal.

BOGDAN, R. & BIKLEN, S. K. (1994). **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Editora Porto.

BRASIL, **Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio. Etapa II – Caderno III**. Disponível em : http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/cadernos/web_caderno_2_3.pdf. Acessado em 12 nov. 2018

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legislação Brasileira).

BRASIL. **Lei 10.260/2001**. Dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao estudante do Ensino Superior e dá outras providências. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/ anotada/2574584/art-1-da-lei-10260-01>. Acesso em: 02 out. 2018.

BRASIL. **Lei 12.202/2010**. Altera a Lei n. 10.260, de 12 de julho de 2001, que dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – FIES. Permite abatimento de saldo devedor do FIES aos profissionais do magistério público e médicos dos programas de saúde da família; utilização de débitos com o INSS como crédito do FIES pelas instituições de ensino; e dá outras providências. Disponível

em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12202.htm. Acesso em: 02 out. 2018.

BRASIL. **Lei 4.024/61**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4024.htm. Acesso em: 02 out. 2018.

BRASIL. **Lei 4.024/61**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4024.htm. Acesso em: 02 out. 2018.

BRASIL. **Lei 5.540/68**. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola medida, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.fiscosoft.com.br/indexsearch.php?PID=502> Acesso em 12 nov. de 2018.

BRASIL. **Lei 5.692/71**. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/l5692_71.htm Acesso em: 02 out. 2018.

BRASIL. **Lei 5.800/2006**. Dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5800.htm. Acesso em: 02 out. 2018.

BRASIL. **Lei 7.044/82**. Altera dispositivos da Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes à profissionalização do ensino de 2º grau. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/128264/lei-7044-82>. Acesso em: 02 out. 2018.

BRASIL. **Lei 9.394/96**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 12 nov. 2018.

BRASIL. **Lei 9394/96**. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm. Acesso em: 02 out. 2018.

CAMPOS, F. A. C. e SOUZA JÚNIOR, H. P. **Políticas Públicas para a Formação de Professores: Desafios Atuais**. Trabalho & Educação, Belo Horizonte, v.20, n.1, p.33-46, jan./abr.2011

CARVALHO, Diana Carvalho de; QUINTEIRO, Jucirema. **A formação docente e o Pibid: dilemas e perspectivas em debate**. Entrever, Florianópolis, v. 3, n. 4, p.I-XII, jan./jun. 2013.

CURY, C. R. J. **A formação docente e a educação nacional**. In: OLIVEIRA, D. A. **Reformas Educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 125-141.

FONSECA, João José Saraiva da; **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREITAS, H. C. L. **Formação de professores no Brasil: 10 anos de embate entre projetos de formação**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 23, n. 80, p. 136-167, set. 2002.

GARCIA, Nilson Marcos Dias; HIGA, Ivanilda. **Formação de professores de Física: problematizando ações governamentais**. Educação: Teoria e Prática, Rio Claro, p.166-183, ago. 2012. Mai-ago.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GILES R.T. **Crítica fenomenológica da psicologia experimental em MerleauPonty**. Rio de Janeiro: Vozes, 1979:422.

GIRON, Graziela Rossetto. **Políticas públicas, educação e neoliberalismo: o que isso tem a ver com a cidadania**. Revista de Educação. PUC-Campinas. Campinas. n.24. jun. 2008.

GOBERT, MULLER In, VAZ., L.G.D.; **Políticas públicas**. Revista nova Atenas de educação e tecnologia. Revista eletrônica do departamento. Acadêmico de

ciência da saúde Educação física e esportes – Biologia – Segurança do trabalho.
Vol. 10, nº. 01, jan./jun./2007

GRAÇAS, E.M. Pesquisa Qualitativa e a Perspectiva Fenomenológica: Fundamentos que Norteiam sua Trajetória. **Revista Mineira de Enfermagem**. 28-33. Belo Horizonte, 2000

HAYEK, F. A. **O caminho da servidão**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1987.

HÖFLING, Eloisade Mattos. ESTADO E POLÍTICAS (PÚBLICAS) SOCIAIS. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 21, n. 55, p.30-39, nov. 2001. Trimestral.

LASWELL, Harold. **The decision process: seven categories of functional analysis**. College Park: University of Maryland Press, 1956

LÜCK, H. **Gestão Educacional: uma questão paradigmática**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2006.

MACHADO, Maria Aglaê de Medeiros (Org.). **Progestão: construindo saberes**. Brasília, DF: Consed, 2006.

MARTINS, J. e BICUDO, M.A.V. **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Ed. Moraes. 1994.

MERTON, R.K. & KENDALL, P.L. (1946). "The focused Interview". **American Journal of sociology**, 51, 541-557.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, Planejamento Governamental, disponível em <http://www.planejamento.gov.br/servicos/faq/planejamento-governamental/plano-plurianual-ppa/o-que-e-o-ppa>. Acesso em 12 nov. de 2018.

MORGAN, D.L. (1998). **Focus groups as qualitative research**. Newbury Park, CA: Sage.

OLIVEIRA, Oséias Santos de; PEREIRA, Sueli Menezes; DRABACH, Neila Pedrotti. **Políticas e Gestão da Educação: olhares críticos em tempos sombrios**. Curitiba: Ufpr, 2016. 354 p.

PEREIRA, J. E. Diniz. **As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente**. Educ.Soc., v. 20, n. 68, p. 109-125, dez. 1999.

PORTAL CAPES, **Sala de Imprensa, disponível em** <http://www.capes.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/8254-capes-divulga-numeros-de-2016>. Acesso em 12 nov. de 2018.

PORTAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC, **Programas do MEC voltados à formação de professores**.

PORTAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC, **Programas do MEC voltados à formação de professores**.

PRYJMA, Marielda Ferreira; OLIVEIRA, Oséias Santos de. **O Desenvolvimento Profissional Docente em Discussão**. Curitiba: UFPR Editora, 2016. 443 p.

QUADROS, Neli Helena Bender de. **Políticas públicas voltadas para a qualidade da educação no ensino fundamental: inquietudes e provocações a partir do plano de desenvolvimento da educação**. [Dissertação de Mestrado em Educação]. Passo Fundo-RS: Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo, 2008

SETUBAL, Maria Alice. **Com a palavra...** Consulex. Ano XVI. N.382. 15 de Dezembro de 2012.

<http://www4.pr.gov.br/escolas/numeros/>

ANEXO A - TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO PUC-PR

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: PUC01

[00:00:03.10] Intervier: OK PROFESSOR ENTÃO EU VOU COMEÇAR COM UMAS PERGUNTAS GERAIS PARA IRMOS PARA AS MAIS ESPECÍFICAS.

[00:00:09.21] Interviewer: QUANTOS ANOS TEM O CURSO DE FÍSICA AQUI NA INSTITUIÇÃO

NÓS COMEÇAMOS EM 2008 ENTÃO VAI FAZER 10 ANOS ANO QUE VEM.

[00:00:21.28] Interviewer: QUANTO TEMPO PO PROFESSOR ESTÁ NA COORDENAÇÃO

[ENTREVISTADO] - Desde 2009, na realidade eu participei da criação do curso, mas como ele nasceu integrado com o curso de matemática no primeiro ano o coordenador era o mesmo coordenador da matemática até o tempo deles escolherem entre os físicos um coordenador, estou coordenador desde aquela época.

[ENTREVISTADOR] - então conhece bem o curso

[ENTREVISTADO] - conheço e também assim os colegas não querem assumir, estão mais engajados em pesquisas ou tem suas aulas ou atividades fora da instituição e acaba ficando para a gente.

[ENTREVISTADOR] - e é bem puxada a rotina do coordenador eu digo isso pelo que vejo na UTFPR.

[ENTREVISTADO] - tem uma carga horária de no mínimo 10 aulas em sala de aula, tem a coordenação. E não é só a coordenação do curso, a gente participa das decisões da universidade também, tem reuniões da pró-reitoria, com o decanato, todas as instâncias. As reuniões com o decanato, são semanais e bem regulares. E ainda este ano estamos fazendo a revisão do projeto pedagógico a gente está sempre fazendo revisões sempre reavaliando, quando não é do projeto pedagógico inteiro, como estamos fazendo agora, é de partes correção de rumo, aperfeiçoamento de projeto em andamento. Especialmente esse projeto pedagógico ele foi revolucionário e está servindo de modelo para o restante da universidade, por que a gente fez uma integração das licenciaturas e era uma ideia antiga já eu sempre defendi essa ideia, o decano também, e a universidade viu uma perspectiva econômica interessante na integração então a gente desde 2016 tem trabalhado intensamente na construção do projeto e agora 2017 a gente está implantando e efetivando a mudança, mudanças de ementas de disciplinas, mudou a filosofia, antes a gente tinha um curso focado em conteúdo, focado no professor com aula expositiva e a gente mudou, não por iniciativa só da escola, da universidade como um todo, mudou para uma abordagem por competências e focada no estudante, competências do estudante.

[ENTREVISTADOR] - isso vai chegar no sistema de avaliação do estudante.

[ENTREVISTADO] - Já está chegando, e a abordagem então é por competência e as metodologias como consequência mudaram completamente, a gente está com o um foco grande em metodologia, onde o aluno é colocado em performance na sala de aula, nas disciplinas pedagógicas ele tem essa atividade dele atuando como professor numa situação simulada nos estágios isso ajuda muito. Nos estágios e no PIBID as avaliações são feitas em situação de performance de ação, nas disciplinas mais duras, física e matemática, também as atividades e avaliações o aluno também é colocado em sala de aula, invés da aula expositiva tem exposição, mas com muita frequência é colocado o aluno resolvendo problemas usando metodologia.

[ENTREVISTADOR] - Interessante uma avaliação dessas, por que ela acaba mudando a percepção desse futuro professor para a sala de aula também. Ele leva para a sala de aula, com ele essa formação que ele teve aqui.

[ENTREVISTADO] - Por exemplo, vamos falar da física experimental, a gente tem uma abordagem normalmente e até antiga de aprender a teoria para depois ir para o laboratório. Não necessariamente isso é verdade. Você pode ter uma abordagem no laboratório e depois estuda a teoria, volta ao laboratório, pode-se inverter um pouco essa lógica e funciona.

[ENTREVISTADOR] - essa integração das licenciaturas por acaso tem relação ou não com a estrutura do novo ensino médio, com as diretrizes que tem o ENEM.

[ENTREVISTADO] - Não, porque quando começamos o projeto, sabíamos da iniciativa do governo, existe uma tendência em direcionar para o novo ensino médio aí conseqüentemente uma nova licenciatura um novo paradigma na formação do professor, mas nós terminamos o projeto a idealização dele, antes de efetivarem a reforma no ensino médio. Então ela não saiu completamente alinhada, mas saiu uma integração mais ou menos alinhada. Agora se nós quisermos alinhar com o governo teremos que rever o projeto. O motivo maior da integração é a baixa procura pelos cursos de licenciatura e o alto custo. No modelo antigo onde cada curso tinha sua turma, exceto física e matemática que sempre foram integrados, onde as turmas com poucos alunos já eram compartilhadas, com isso tinha a necessidade de um professor só para os dois cursos e com isso gerava um custo menor, mas isto não impactava no custo da mensalidade, as mensalidades continuavam altas, pois eram somente dois cursos. Não poderia alterar a mensalidade somente de dois cursos. Deve-se haver um preço único para todas as licenciaturas. Com esse estudo de 2016, a integração aconteceu em todas as licenciaturas, então as disciplinas pedagógicas hoje, a gente forma turmas ainda pequenas e alocadas em um determinado curso e os cursos com turmas menores, os alunos são alocados com esses professores. Esse projeto reduziu o custo de operação de todas as licenciaturas ao ponde de uma mensalidade que girava em torno de R\$ 1000,00 antes do projeto, agora está em R\$ 600,00. Então foi uma redução considerável, isso refletiu na procura hoje pelas licenciaturas muito grande se comparada com os anos anteriores, coisa em torno de três vezes, a escola triplicou o número de alunos, só a mudança de projeto, neste ano ao que tudo

indica, a gente já tem um indicativo estatístico de inscritos no vestibular e nós já temos mais do que no ano passado, e não fizemos, não sabemos ainda se vai haver vestibular de janeiro, mas a expectativa é que sim, ano passado teve dois vestibulares o de outubro e o de janeiro e esse ano só a procura no vestibular de outubro/novembro já ultrapassou ano passado, então o vestibular de janeiro vai superar bastante o de outubro. É muito claro mensalidade baixa a procura é maior.

[ENTREVISTADOR] - quantas vagas são ofertadas no curso de licenciatura em física por ano.

[ENTREVISTADO] - 60 vagas.

[ENTREVISTADO] - Destes 60 tem uma estimativa de quantos de uma turma chegam até o final do curso?

[ENTREVISTADO] - Bem pouco, nosso curso é semestral, então temos formatura se for somar do ano, dá uma média entre 5 a 7 formados por ano. Não é um número muito grande, a desistência é bastante grande no início do curso, o motivo da desistência são as dificuldades com os conteúdos e temas abordados das disciplinas.

ENTREVISTADO - a evasão é grande no começo do curso, no primeiro semestre depois é bem pouco, o motivo maior. Tem alguns casos de motivos financeiros, mas não é a principal causa. Principal causa é a dificuldade com as disciplinas mesmo, a gente recebe alunos de ensino médio saem bem despreparados e os ingressantes nossos normalmente vem de escolas públicas, alguns poucos de escolas particulares. O que se revela é que poucos desses alunos vem com a bagagem suficiente para acompanhar o ritmo do curso. A gente trabalha no início do curso em disciplinas de resgate de conhecimento, dessas lacunas que eles trazem. Matemática básica, física, a gente recebe alunos que nunca estudaram física. Então qual o motivo que eles procuram o curso de física eles gostam da divulgação científica, eles assistem documentários de astronomia ou veem programas e séries na tv como Big Bang Theory, Cosmos e acabam se interessando.

Mas uma bagagem assim de conhecimento técnico, matemático e a física escolar e conceitual bem pouco, eles tem bastante dificuldade no começo, o maior motivo de

evasão é a dificuldade nos temas, Matemática e física. Uma fração razoável, conseguem ler mas tem pouca interpretação. Nós temos em nossa matriz disciplinas de resgate do português, como LPTA - Leitura e Produção de Textos Acadêmicos, e tem exames de proficiência de língua portuguesa na matriz inteira dos cursos, que é cobrado interpretação de texto de vários níveis, interpretação e escrita. Reconhecer estilos de escrita isso é cobrado nos exames de proficiência de língua portuguesa. Os que vem sem essa bagagem e estão dispostos a resgatar esse conhecimento, a instituição oferece isso. Essas disciplinas podem ser feitas quantas vezes o aluno desejar e o exame também, o exame é totalmente gratuito por 2 vezes, à partir da terceira é cobrada uma taxa simbólica. A disciplina é optativa para os que os que passarem no exame, caso o aluno não passe aí a disciplina é obrigatória. Há outros programas também como monitorias em matemática, tem projetos que visam ensinar metodologias de estudo.

[ENTREVISTADOR] - Então a universidade oferece bastante suporte ao aluno

[ENTREVISTADO] - Sim, o aluno tem sempre à disposição e em sua maioria é gratuita, por exemplo ULBA - Unidade de núcleo Base é gratuita, basta se inscrever no programa.

[ENTREVISTADOR] - E é importante esse apoio, pois ele como futuro professor ele tem saber ler, interpretar e escrever. 04:49:00

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: PUC 02

(Início)

R: ((04:49))...principalmente leva a ideia de a necessidade desse suporte em paralelo que as aulas não são normalmente suficientes, então ele levanta essa ideia pra escola criando, se alinhando com o Pibid, por exemplo...

P: Exatamente.

R: Que disponibiliza alunos da universidade às vezes em final de curso e pode ser... esse recurso humano, né, pode ser utilizado no ambiente escolar pra...

P: Aperfeiçoamento profissional mesmo.

R: Aperfeiçoamento, pra reforçar aqueles alunos da escola que têm mais dificuldade.

P: Exatamente, uhum.

R: E a metodologia... bom, vou deixar você fazer a pergunta senão...

P: É.

R: Acabo falando só do curso.

P: Tá. Quais programas de incentivo à licenciatura, docência, que a instituição tem ou participa?

R: Pibid e Prouni.

P: Ela não tem um programa...

R: A gente tinha um programa... incentivo financeiro você diz, né?

P: Isso, aham.

R: A gente tinha um programa de bolsas da instituição. Porque a instituição é filantropia então parte da filantropia ela tem uma obrigação de exercer filantropia nas suas atividades.

P: Exatamente.

R: E a universidade passou no início do curso até metade de... até 2010 se não me engano... A PUC tinha um programa próprio de bolsas, tá? E o governo não reconheceu isso como filantropia. Porque dizia o seguinte... não é que não reconhecia como filantropia, já existia o Prouni, a gente estava fazendo um trabalho em paralelo (inint 00:06:34). Então não era necessário que o nosso... o programa da universidade em paralelo com o fornecimento de bolsas.

P: Entendi.

R: Em resumo, o governo bolsas somos nós que damos, então a universidade praticar filantropia de outra forma. E aí o programa de bolsas da PUC, ele foi extinto. Talvez exista alguns alunos ainda lá persistentes...

P: É porque uma amiga minha ela se utilizou dessa bolsa...

R: A bolsa da PUC mesmo?

P: Da PUC pra cursar História, se formou. E eu uma vez eu passei no vestibular aqui, só que quando eu vim não tinha mais essa bolsa, em 2011.

R: É, foi extinto. Foi acho que em 2010...

P: É, daí lá não precisa bolsa. Então e quantas vagas são ofertadas... ah não, já perguntei, né, 66 vagas.

R: É, 60 mais as do Prouni, né?

P: Mais as do Prouni, né? Então agora eu vou falar especificamente do Prouni. A gente pode conversar um pouquinho depois um pouquinho do Pibid. Tá bom? Em que ano que a universidade aderiu o Prouni?

R: Essa resposta eu não vou ter pra você, não sei, exatamente assim eu não sei. Mas desde... acho que desde a criação.

P: Desde a criação?

R: É.

P: Foi criado acho que em 2004... 2004, ó... é.

R: É, quando o curso foi criado já tinha aluno... não, no começo? Tinha aluno... não, tinha aluno Prouni sim.

P: Era, acho que o Prouni se não me engano...

R: Tinha, tinha.

P: Ele foi criado em 2004.

R: E tinha bolsas da PUC já, logo depois já tinha as bolsas... não, não vou te dizer com certeza, mas de memória assim eu acredito que desde que o curso foi criado eu tenho aluno bolsista Prouni, não me lembro de... assim, até o número de alunos era razoável, a procura, né? Porque ela tinha as bolsas.

P: Aham. É porque quando foi criado a bolsa do Prouni eles tinham bolsa de 100, 50 e 25%.

R: Isso, uhum.

P: E daí depois agora foi cortada as bolsas de 25 e ficou só 50 e 100.

R: 50 e 100%, que é o...

P: É o que mais...

R: 25% não resolve muito.

P: Não resolve muito, né?

R: Pra quem precisa.

P: Uhum.

R: É só um desconto.

P: Então dos alunos que ingressam no curso de Física, qual a porcentagem mais ou menos que utiliza a bolsa do Prouni?

R: Depende do ano. No ano, por exemplo, 2000 e... quando que foi o último Enade?

R: Conta três anos. 2017... 14... 2014.

P: 2013... 14... 15...16... é, tem esse ano.

R: Tem esse ano. 2014 mais de 50% da turma era Prouni.

P: Era Prouni?

R: Isso impactou até o nosso cenário porque o aluno Prouni ele é mais... ele tem o Enem mais alto, né? E no cálculo do conceito Enade ele puxa o conceito pra baixo.

P: Ah é? Não sabia.

R: É, é. Então ele tem um efeito... quando a gente recebe muito Prouni no ano do Enade, isso no cálculo da nota do conceito Enade ele puxa a nota pra baixo porque é uma comparação, né? Dos ingressantes com os concluintes.

P: Entendi.

R: Tá. E bom, a pergunta é...

P: Quantos por cento, né, do curso...

R: Depende do ano, varia, né?

P: Varia...

R: Então tem ano que dá 60, 70%... teve uma turma uma vez que essa turma que está se formando agora tinha 49 alunos na entrada, acredito que 35 alunos era Prouni mais ou menos, 30, 35, quase todo mundo era Prouni. Um ou outro era...

P: Então a composição de uma turma de Física é...

R: É, só que dali foi assim: a partir do projeto... mais de 50% era Prouni. A partir do nosso projeto em 2017... 2016 já foi pouco Prouni por que...

P: Porque baixou o valor da mensalidade?

R: Não, não, 2016 ainda era alto, mas aí o número de ingressante foi bem mais porque pra pagar 1 mil reais, né, de licenciatura é meio complicado, alto valor, é considerado alto, né?

P: Aham, sim.

R: Porque normalmente o padrão econômico de quem procura curso de licenciaturas é menos do que de um aluno da engenharia por exemplo .

Procura uma licenciatura 1 mil reais é considerável, difícil pagar. Então teve pouca procura em 2016, poucas bolsas Prouni. Na verdade, manteve praticamente as bolsas Prouni, mas como não tinha mais bolsas institucionais e tinha vários cursos... o porquê de diminuir o número de bolsas Prouni: é que às vezes a universidade gerencia pra onde que vão as bolsas Prouni, né? Então se os cursos de Engenharia têm alta procura com pagantes, eles mandam as bolsas para as licenciaturas. Se nas Engenharias têm pouca procura, então eles direcionam, distribuem mais as bolsas. A gente ficou... em alguns anos a gente ficou com poucas bolsas.

P: Entendi.

R: E então... 2016 teve pouco, agora 2017 menos ainda, a gente teve algumas bolsas, acho que menos que 10 bolsas, umas seis bolsas só, cinco, seis bolsas Prouni, o restante tudo pago. E esse ano, esses 55 inscritos no vestibular agora, que já pagaram inscrição, eles são todos, todos com intenção de pagar mensalidade, não é Prouni, Prouni não estão ali ainda.

P: O Prouni não faz vestibular, ou faz?

R: Não, não.

P: Não faz, né? Ele é um processo à parte.

R: É um processo paralelo, um processo paralelo.

P: É porque eu não sabia...

R: É pelo Enem, né?

P: Ah, é pelo Enem daí? Entendi, ok. Então as bolsas que são concedidas em sua maioria elas compõe 50 ou 100%? Das bolsas que vem para licenciatura, elas vem...

R: Mais 100%.

P: Mais de 100%?

R: É. Mais bolsas 100%...

P: A maioria é 100%?

R: Do que 50%.

P: Entendi. E os alunos egressos, os que saem, os que se formam do curso de Física, eles na sua maioria eles atuam em sala de aula ou eles vão pra mestrado, doutorado, outras áreas?

R: A maioria vai pra sala de aula.

P: A maioria vai pra sala de aula?

R: É, mas tem bastante que vai pra mestrado, doutorado também, a gente já tem dois doutores.

P: Mas mestrado em educação aí?

R: ãhn..

P: Mas mestrado em educação ou mestrado na Física dura mesmo?

R: Mais na Física dura.

P: Quando vai pra...

R: Quando vai, vai mais pra Física dura.

P: Mas a maioria daí sai do curso e vai...

R: E vai pra sala de aula.

P: Vai pra sala de aula. É um bom retorno, né?

R: E bons alunos, bons alunos. Não tem nenhum desempregado.

P: Ai, que bom.

R: Nenhum, nenhum, nenhum. Talvez (inint 00:13:56) todos os formados estão empregados. Não vou contar os que saíram agora, né, no começo do ano porque eu não sei ainda...

P: Aham, mas até...

R: Normalmente eles já saem daqui trabalhando, antes, né? Eles já estão em sala de aula antes de se formarem. PSS...

P: PSS abre um bom vínculo de trabalho.

R: É, ou como estagiário num colégio, trabalham em colégios particulares...

P: Particulares.

R: E às vezes até atua em sala de aula mesmo, né? Porque não tem outro professor, eles anunciam, não consegue candidato...

P: É, a carência por um docente de Física...

R: É bastante.

P: É bastante grande, né?

R: É bastante grande, né? A procura pelo profissional é bastante forte.

P: Quando eu fiz o meu Ensino Médio eu lembro que eu não tinha professor de Física, era matemático, era engenheiro, era economista...

R: Dentista.

P: Então...

R: Médico. Eles estudam bastante no pré-vestibular, aí sabem, aí gostam de dar aula.

P: É, daí eles acabavam indo dar aula pra gente, mas a carência do docente de Física ela é latente mesmo, né?

R: Sim.

P: Hoje em dia. Aqui eu já perguntei. Acho que do Prouni era isso que eu queria saber. Tem alguma...

R: É um programa importante, né? Acredito que deveria ter mais bolsas. Normalmente os alunos Prouni são melhores...

P: É, eu ia até...

R: Mais dificilmente eles desistem, quando desistem eles não desistem da universidade...

R: Eles transferem de curso ou transferem de lugar, sai da universidade paga, vai pra pública, é um aluno que tem uma...

R: Uma formação anterior melhor porque tem um score bom no Enem. Então o aluno, quando chega bastante Prouni a gente fica feliz porque a gente sabe que é uma turma que vai ter um bom desempenho no Enade, por exemplo. Aquela turma de 2014 que a grande maioria era Prouni que eu falei pra você, vai fazer o Enade agora, então tem boa expectativa. Por quê? Porque são alunos bons, são excelentes, né? São profissionais que vão sair daí e vão fazer mestrado, vão ser bons professores porque eles já entram com a bagagem boa e conseguem acompanhar o ritmo do curso e a gente tem egressos profissionais de boa qualidade.

P: Será que é um reflexo também da bolsa ser atrelada à desempenho?

R: Sim.

R: Com certeza. É um processo seletivo. O Enem é um processo seletivo porque quem ganha Prouni é quem tem maior score no Enem. Então os que entram aqui via... todos querem bolsa, todos fazem Enem, quase todos, né? Se não fizeram nesse ano, fizeram ano passado, e normalmente sabem que quem vai bem no Enem tem bolsa, pode ter bolsa se quiser. Claro que não é só o Enem, tem outros requisitos também que é a situação socioeconômica. Mas na média quem entra via Prouni, com bolsa Prouni mesmo, 50%, eles têm melhor desempenho ou são mais engajados, eles são mais...

P: Comprometidos.

R: Comprometidos, não desistem facilmente. Eles são em média... às vezes tem um caso ou outro que... mas em média esse... agora, esse trabalho de fazer esse acompanhamento e tal, a gente não tem, não tem.

P: Não, tá ok, só pra...

R: Agora, você tem um bom relato de que isso acontece...

P: Sim.

R: Pra relatar no seu trabalho, como você está fazendo várias entrevistas com coordenadores você pode comparar as opiniões. A minha opinião é essa, né?

P: Aham.

R: De que como professor e como coordenador a gente percebe no convívio com os alunos que os Prouni eles têm um desempenho melhor. Você pode colocar isso como um palpite, né? E inspirar esse levantamento mais, que é o trabalho, seria trabalho da monografia isso aí, você fazer esse levantamento não é fácil.

P: É.

R: Se tivesse uma intenção lá no começo de fazer um acompanhamento...

P: Sim.

R: Os dados estão nas universidades, agora pra separar...

P: Tem que filtrar, né?

R: Organizar, filtrar ali, é um trabalho, né? É um trabalho que tem que ser feito.

P: Seria interessante até, né, essas informações...

R: Eu não sei se aqui alguém fez.

P: Não, mas só pra título mesmo de às vezes colocar o que o professor tá falando em palavras, colocar em números às vezes fica mais...

R: É um trabalhão fazer isso.

P: É um trabalhão, mas a gente tenta. Sobre o Pibid, né? A instituição ela sempre trabalhou com Pibid? Desde que eles começaram institucionalizar...

R: Não, começou com matemática aqui, foi acho que um ano com matemática e depois entrou a física. A física e outros cursos. A matemática foi o primeiro curso a ter Pibid. Porque no começo não foi generalizado a história do Pibid, né? Foram poucas... eram 20 bolsas.

P: É pouquíssimas bolsas, né?

R: Eram pouquinhas só e era pouca pra instituição, eu não lembro exatamente como que foi a história. E depois foi ampliado o número de bolsas e (inint 00:21:17), todas as licenciaturas poderiam fazer parte do Pibid, antes tinha tipo tantas bolsas pra cada universidade e aqui foi a matemática que começou.

P: Entendi. E aqui para o curso de Física? Essas bolsas do Pibid elas estão pra que áreas?

R: Aqui tem o Pibid, no nosso projeto o Pibid tem um projeto institucional, né? De iniciação à docência. No nosso projeto tem contemplado duas modalidades: o Pibid interdisciplinar...

P: Isso.

R: Poderia ser chamado multidisciplinar, e o Pibid específico de cada curso. Então foram direcionadas bolsas, um certo número de bolsas pra esse interdisciplinar onde no ambiente escolar os alunos vão trabalhar projetos, iniciativas de ajuda que envolvem grupos de bolsistas de diferentes cursos. Num grupo lá você tem lá...

P: Estudantes de química.

R: Físicos e tal, pra elaborar, resolver um problema de aprendizagem ou um problema de motivação, ou de drogas, enfim.

P: Uma necessidade daquela comunidade onde a escola está...

P: Que aplica o projeto.

R: A abordagem é multidisciplinar, né? Então esses alunos quando vem de diferentes...

R: Formações, né? Então eles acabam contribuindo e gerando um trabalho que é diferente, é distinto do disciplinar. O tipo de problema abordado também é diferente no multidisciplinar então não tem sentido no multidisciplinar trabalhar as dificuldades com física ou dificuldades com português, não tem sentido, isso eles não vão

trabalhar. Eles trabalham problemas, cuja abordagem, que exige uma abordagem multidisciplinar.

P: Interdisciplinar se trabalha problemas relacionados a várias áreas dos saberes.

R: Isso eles não estão estanques à uma disciplina, à uma área.

P: Exatamente.

R: Por isso que juntam bolsistas de diferentes cursos. E os coordenadores eles também têm a linha de trabalho deles aqui é meio interdisciplinar.

P: E quantas vagas é ofertadas pra esse Pibid?

R: Eu não me lembro. Eu era coordenador de Pibid, eu sabia isso. Mas eu posso mandar uma mensagem enquanto a gente conversa, eu estava falando agora há pouco com o coordenador interdisciplinar.

P: O senhor era coordenador do Pibid interdisciplinar?

R: De Física.

P: Ah, o da área? Entendi.

R: Da área, não interdisciplinar. Mas eu como coordenador forneço bolsistas pra eles. No caso são... deixa eu perguntar pro Ezequiel.

P: Os alunos têm reuniões semanais? Quinzenais?

R: Semanais. Duas reuniões.

P: Duas reuniões semanais com os coordenadores?

R: É, eles usam dois dias na escola. São 12 horas, né? Oito horas, são duas reuniões de quatro horas na escola e mais quatro pra eles fazerem trabalhos fora do ambiente.

P: Fora da escola.

R: Fora do ambiente.

P: E eles também fazem publicações? Participam dos Snap...

R: Tem os eventos, né? Tem os eventos do próprio Pibid, né? Tem os encontros. Quando é aqui eles vão, agora quando é fora de Curitiba, quando tem transporte, aí vai uma fração deles, né? Às vezes não tem transporte pra todo mundo. Quando foi em Ponta Grossa foi bastante gente. Teve em Cascavel também, né?

P: Acho que teve um encontro em Cascavel, aham.

R: E aí eles vão, acho que em Santa Catarina teve um.

P: O curso aqui é noturno?

R: Sim.

P: Noturno. A maioria dos alunos trabalha durante o dia?

R: Maioria.

P: E daí vem pra faculdade...

R: Maioria.

P: À noite?

R: É, o que acontece no começo, eles trabalham...

(...)

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: PUC03**Duração: 00:00:35**

(Início)

R: Normalmente eles trabalham, mas tem aluno que não trabalha também ou trabalha menos período, menos horas, né?

P: Menos horas.

R: A maioria deles no começo do curso trabalha. E a partir do terceiro período eles já começam a dar aula, aí começa a ter flexibilidade, né?

P: Isso.

R: Compatibilizar...

P: O horário.

R: A função do curso com o horário de...

P: Isso é bacana, né, na profissão do professor também, né?

R: É, a profissão do professor é mais flexível.

P: Isso.

R: Você pode administrar melhor o seu horário...

P: Administrar melhor o horário, quantas aulas...

R: É. Tá.

(...)

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: PUC04

Duração: 00:26:10

(Início)

P: Então assim, ainda com relação ao Pibid, como que a universidade ela seleciona esses alunos pra participar do Pibid? O aluno se inscreve no Pibid?

R: A gente tem um... nesse ponto a gente acaba tendo um probleminha aqui na universidade. Na maior parte do tempo a gente tem mais bolsas do que interessados.

P: Olha só...

R: O valor não é muito grande, né? São 400 reais.

P: 400 reais.

R: E as escolas normalmente são distantes, lá na...

P: É, pergunta que eu ia fazer.

R: Tipo, Pinheirinho, (SIC) e tem aluno... ou então Santa Cândida. E normalmente o aluno não tem muita escolha de onde ele vai, quando aparece a vaga, a vaga é ali. Se a escola é perto da casa do aluno, do estudante, e ele tem tempo disponível ele...

P: Pega.

R: Ele pega, senão não vale a pena porque quando ele pega o transporte coletivo primeiro que ele leva um tempão pra chegar lá no loca, são três vezes por semana e ele acaba gastando, você gasta duas passagens, ida e volta, vai dar 16 reais por dia, se ele for somar na conta dele vale a pena ele pegar um estágio, alguma outra coisa. Então aluno de final de curso, normalmente quando tem PSS eles não pegam...

P: Já não pega mais.

R: Não pega o Pibid ou pega os dois. E também não tem muitos alunos no curso, como eu disse tem bastante evasão, né?

P: Aham.

R: A gente tem em média... começa o ano com em torno de 100 e poucos alunos, 115, 110 alunos e no final do ano a gente tá com 60, 70, 80 alunos.

R: Pois é. Então a gente tem... de bolsas a gente tem, fluxo continuo, né? São 30, 30 bolsas.

P: 30 bolsas. Essas 30 bolsas divididas nos dois...

R: 30 mais as bolsas do interdisciplinar.

P: Ah tá. Então é 30 para o de Física...

R: Acho que são mais seis bolsas do interdisciplinar que não necessariamente são... elas não têm nenhuma previsão assim pra distribuição igualitária, né? Equitativa...

P: Sim, não.

R: Entre os cursos. Então pode ter mais alunos... no interdisciplinar tem 55 bolsas.

P: 55 bolsas. Dessas 55 às vezes ficam com seis pra Física?

R: Isso. Então são vários cursos, né? A gente tem 10, 12 cursos, 11 cursos de licenciatura.

P: Ela não é equivalente... dividida igualmente, né?

R: Não porque às vezes não tem bolsista.

P: Entre os cursos porque não tem a demanda deles.

R: Tem curso que não tem bolsista. Aí pega de outro curso...

P: De outro curso.

R: Tem que ter Física lá, não pode ser zerado, mas... no começo do ano tem bastante, tem bastante... quando entram os calouros, eles entram sedentos por bolsas, né? E tem bastante aluno também, então aí faltam bolsas. Aí como que a gente faz o processo seletivo? Quando lança o edital é o edital e a gente coloca ordem de chegada porque não adianta critério e tal que aí sei lá... notas, aí vai sobrar bolsas. Então a gente faz ordem de chegada e aí forma uma fila, né? Os primeiros... ordem de chegada significa entregar todos os documentos...

P: Os documentos na data.

R: Com a conta aberta, o pacotinho sem faltar documento nenhum, e os primeiros recebem a bolsa. E aí fica uma filinha lá de uns 10, no começo do ano isso, 10, 15 na fila. Mas já nos primeiros meses ali a gente já coloca esses 10 e aí ficam bons alunos, né? Porque os que entram, como eles entram meio fácil, uma boa parte deles é feito por ordem de chegada, né?

P: Aham.

R: Então uma boa parte desses bolsistas são calouros, né, que às vezes desistem do curso então a gente tem que retirar do Pibid, e aí já entram aqueles que estão na fila. Então em pouco tempo a fila acaba, em seis meses a fila acaba, quatro meses a fila acaba.

P: Daí fica sobrando...

R: Aí quando aparece a bolsa a gente tem que anunciar e desejar que apareça um interessado assim. Se tem mais que três faltas têm que tirar do programa, só que a gente não pode tirar, deixar sem bolsista, perde a bolsa...

P: Porque senão acaba perdendo a bolsa.

R: Perde a bolsa.

P: O curso...

R: O curso perde a bolsa. Então às vezes é complicado, a gente tem que ficar ameaçando, cobrando do aluno.

P: É a história em todas.

R: Dizendo que vai tirar a bolsa.

P: E as escolas? Como as escolas que fazem, que recebem o Pibid?

R: Ah, são sempre muito interessadas em receber.

P: São sempre bem interessadas?

R: Porque o professor vai receber uma bolsa, a escola tem um trabalho a mais com seus alunos, a possibilidade, né, recursos a mais pra trabalhar, às vezes tem um laboratório que está desativado e eles querem ativar, aí os alunos vão lá e já mexe com o ambiente da escola, né?

P: Agitam, né? A escola.

R: Anima um pouco o ambiente. Na sala de aula... tem problema de disciplina no ambiente da escola, às vezes quando pegam bons bolsistas eles ajudam na dinâmica ali, enfim, tem os eventos da escola que eles ajudam a executar o evento, a realizar o evento.

P: Eles são bem proativos?

R: São. Normalmente participam bastante. Tem as exceções, né? Mas normalmente eles são bem ativos, a gente vê. Tem o grupo aqui do Pibid no celular, o WhatsApp. Eu acompanho, como coordenador eu acompanho as atividades nos grupos, né? Então tem os dois coordenadores da instituição. Olha, aqui é o da matemática, eu acompanho. Se você olhar aqui ó...

P: Ah, que legal.

R: É bem ativo. Eles postam, todas as semanas as reuniões eles postam a foto e a chamada.

P: Ah tá, entendi. Que bacana.

R: Então isso aqui é um produto, esse WhatsApp aqui vai ser um produto... (esse é o) da matemática, (Gustavo) da Física... ó: Colégio Flávio, Flávio Ferreira da Luz. Aí tem outro aqui é São Paulo Apóstolo. Esse específico da escola é mais pra eles, né? Pro supervisor lá cobrar e tal, e a gente fica vendo também. E aí quando tem... ó, Protásio Carvalho. Deixa eu achar da PUC... tem cada um... (inint 07:26) esses são os cursos de Pibid de Física. Deixa eu achar aqui o da...

P: E as escolas que são selecionadas, a instituição que oferece ou elas que procuram a instituição?

R: O próprio programa ele já tem critérios de Ideb...

P: É, eles têm que procurar escolas com baixo Ideb...

R: Isso.

P: Tudo isso.

R: É, normalmente... eu não me lembro como foi feito lá no começo quando foi iniciado o programa, mas agora quando um colégio cria problemas, tipo, não deixa os alunos entrarem na sala de aula, os bolsistas, tem que entrar em sala de aula. Não deixa os bolsistas assistirem às reuniões pedagógicas, tem que deixar. Não deixa os bolsistas entrarem nos laboratórios, se tiver laboratório, não deixa. (inint 00:08:26) tive problema, tive que tirar o (inint) quando eu era coordenador Pibid. Eles não deixavam, não tinha um espaço onde os alunos fiquem, eles ficavam no pátio.

P: Ah daí, né, não ajuda, pelo contrário, só atrapalha...

R: Aí eu fui até o colégio, tem que fazer as visitas também e quando a gente estava lá estava tudo bem, né? Mas na sala dos professores os alunos não podiam entrar constante os professores, né? Não sei, não sei porquê. O laboratório, ah tem equipamentos de valor lá, não pode expor. Aí fui lá ver o que que estava acontecendo, conversei e tal, me atenderam bem, mas os alunos continuaram reclamando que... e as reuniões todas vazias, tiravam fotos a sala vazia. Aí passou um semestre, início do segundo semestre eu falei com a coordenação geral do Pibid aqui e tirei o colégio.

P: Isso acaba desmotivando o aluno, né?

R: Não, tirei, tirei, falei “não quero mais”. Eles vieram aqui, veio diretora, coordenadora pedagógica, “mas por quê?” e tal, falei “por isso, isso, isso e isso”. Mostrei o histórico eu cobrando o supervisor de lá, supervisor...

P: Tudo documentado.

R: Tudo documentado. Tiramos. E aí colocou nesse São Paulo Apóstolo aqui que tá tudo bem, eles trabalham, mas às vezes tem problema. Como foi escolhida a escola, não sei, essas escolas elas estão no projeto desde do começo, né, (vai revezando) muda o curso, muda o curso que atua nelas e às vezes entra uma escola nova. Não me lembro como foi selecionado, mas tem o edital, né?

P: Tem...

R: Que é publicado. Como é muita bolsa...

P: Tem que atender os requisitos dos editais?

R: Tem escola que não quer saber. Tem escola que não quer receber, que o ambiente dele seja perturbado por estagiário, né, eles chamam estagiário. Mas tem colégio muito bacana que soma bastante pros alunos daqui, Santa Cândida, Paulo Leminski...

P: Eu moro lá no Santa Cândida.

R: É? O colégio Santa Cândida é um excelente colégio. Ele é melhor do que muitas escolas particulares.

P: É mesmo.

R: Com estrutura de laboratório assim. Falando da Física, né? Muito boa. Uma diretoria que cuida do colégio.

P: Agora não sei, antigamente era das freiras, né? Agora não sei se é...

R: É, o ambiente é excelente.

P: A freira ainda que administra.

R: Muito bom. Os alunos daqui que vão pra lá, nossa, elogia.

P: Que bom, né?

R: Falam assim "nossa, se eu morasse lá perto eu estudaria nesse colégio".

P: O bom assim é que o Pibid ele coloca o aluno frente à sala de aula numa realidade já às vezes não tão favorável quando é uma escola muito longe, com o Ideb muito baixo ou com uma escola de periferia, né?

R: A gente tem os dois extremos, tem o Santa Cândida que é excelente, né? Um ambiente excelente. Tem o Paulo Leminski que é um ambiente excelente. Tem o colégio (inint 00:11:24) que é péssimo assim em infraestrutura, eu fui lá e chovia no

laboratório, laboratório tava todo alagado, misturado equipamentos... e o Santa Cândida, por outro lado, é tudo organizado, com aulas agendadas, equipamentos funcionamento.

P: Lá é, tudo.

R: Com projetos de desenvolvimento de novas dinâmicas pra apresentar pros alunos.

P: Lá é tudo documentado.

R: Tudo certinho.

P: Tudo certinho.

R: Paulo Leminski a mesma coisa, tem trabalhos bacanas assim. Já o João (inint 00:11:55) o máximo que eles conseguiam fazer, dentro da precariedade da escola, eles conseguiam fazer eventos interessantes, né? Teve um projeto lá em que eles ajudaram os pais à entender a conta de luz.

P: Ah, que bom. É que às vezes não entende uma coisinha assim...

R: Como acessar pelo computador os serviços da prefeitura. Então nos ajudaram nesse... fizeram um evento lá. Aí teve o evento da Copa, da Copa do Mundo. Eles mostraram os países que estavam participando da Copa com imagens, né, a cada sala... cada sala estava decorada com um país diferente. As paredes, o teto e tal, tudo decorado. Muito legal. Com toda precariedade, o laboratório chovendo dentro.

P: Nossa, você vê, né? Eu acho que acaba preparando mais o aluno, que vai ser o futuro professor pra diversas situações.

R: Eu não sei até que ponto, eu não sei até que ponto. Não dá pra dizer isso porque muitos dos alunos...

P: Desmotivam?

R: Desmotivam. Os alunos que participam de estágio em escolas precárias eles vão pro mestrado em física ou falam “não quero trabalhar em escola pública, quero

trabalhar em escola...” é a imagem que eles têm da escola pública que é ruim, eles não querem. Então tem um exemplo de uma aluna, ex-aluna daqui que fez o estágio dela perto da casa dela, lá no Jardim Zoológico, e ela falou “professor, eu não aguento aquele ambiente, a sala dos professores, os professores despreparados, professores que só falam besteira, que não estão interessados nos alunos, os alunos não estão interessados em aprender, tem problemas com drogas, problemas de disciplina, um batendo no outro, uma selvageria na escola, desde o diretor até o professor. Então nunca mais eu quero entrar numa sala de aula”. Então acontece isso, um efeito... às vezes a gente pensa “ah, o aluno vai conhecer a realidade” de fato, ele conhece a realidade, não quer mais saber.

P: É. Também tem esse outro lado, né?

R: Então se esse aluno tivesse feito um estágio numa escola boa tipo Santa Cândida, Paulo Leminski ou uma escola... um ambiente escolar interessante... não precisa ser rico, mas com um sistema de valores que seja positivo, né? Não negativo, construtivo, seria interessante, isso não acontece. Então normalmente escola que tem Ideb baixo é uma escola onde a diretoria da escola, a coordenação pedagógica da escola, os alunos são todos descomprometidos com o crescimento, com educação. E mandar estagiário pra esses ambientes é um tiro no pé, a gente tá desmotivando professores, futuros professores. A gente tá encaminhando eles pra se adequar àquela realidade porque quando o estudante sai da universidade vai pensando “eu vou ver a realidade em que eu vou trabalhar” e normalmente ele não pensa “eu vou mudar a realidade” ele se sente engolido pelo sistema.

R: Porque o perfil do nosso estudante é um perfil economicamente precário. Então ele não se sente empoderado pra mudar a realidade, ele se sente na necessidade de se adequar à realidade. E se ele encontra uma realidade negativa ele não vai querer se adequar à essa realidade, ele tem que ser colocado num estágio numa escola boa, num ambiente bom, num ambiente que ele sente que ele pode crescer e não um ambiente que ele tem que resgatar, ele que tem que ser resgatado.

P: Aqui na região, próximo aqui, não tem nenhuma escola aqui?

R: Tem escolas ruins, aqui ao lado.

P: É, isso que eu ia perguntar, por causa da região.

R: Com problemas de drogas, problemas de aluno que bate em professor.

P: Realmente é de assustar mesmo o professor.

R: Então a realidade é essa?

P: Pesa, né?

R: Você já fez o seu estágio?

P: Já. Só que o meu estágio quatro eu tô fazendo numa escola particular.

R: Então, é isso que a gente tem buscado.

R: Agora, com esse efeito que a gente tem vivido a gente tá falando aqui entre os coordenadores “a gente não vai mandar... a gente vai buscar campos de estágio positivo” não escola positiva, mas campos de estágio que que tragam uma percepção positiva da profissão do professor.

P: Entendi.

R: E não lá conhecer a realidade, não, aquilo a gente tem que exterminar, aquela realidade ruim lá tem que desaparecer. A gente não pode colocar nosso professor pra se adaptar àquela realidade, não.

P: Exatamente. A gente tem que mudar a realidade mesmo, mas é difícil hoje em dia, né?

R: Com vontade muda.

P: Com vontade muda, mas é como o professor falou, quem pode mudar – na minha opinião – é o novo professor, é quem tá saindo...

R: Mas ele não se sente empoderado.

P: Quem tá indo agora.

R: De fazer isso.

P: Mas...

R: O nosso perfil...

P: Os professores antigos eles sentem-se menos ainda.

R: Pois é.

P: Porque eu já dei aula no estado, em escolas assim de ter... pai ir armado conversar com o professor porque deu uma nota baixa, isso e aquilo.

R: Vou mandar meus estagiários pra esse lugar? Não. Isso é uma posição já minha, não vou mudar. Porque não surte...

P: Efeito.

R: Efeito positivo, o efeito é negativo.

P: Entendi.

R: Né? Então essa é uma experiência assim. Claro que tem aluno, tem alguns alunos daqui, né, que saem eles "ah, eu vou mudar essa realidade". Tem uma aluna, inclusive ela nem foi uma aluna brilhante no curso, trabalha lá na fazenda da Rio Grande, né? Não digo que as escolas lá têm problemas, eu visitei duas escolas lá, excelente as escolas. Eu tenho lá uma professora que saiu daqui que trabalha numa escola, a escola é precária, né? E foi ganhadora da (inint 00:18:23) prêmio como melhor aluna da turma que trabalha numa outra escola, as duas são consideradas excelentes professoras, né? Assim, (falei com os) diretores da escola.

P: Sim.

R: E essa que tá na escola boa, está lá porque está numa escola boa porque ela tem... se ela quisesse ela poderia vir aqui e trabalhar num Positivo, num colégio que paga super bem. Mas ela fica lá porque ela talvez seja acomodada e tal, e quer ficar perto de casa. Esses dias eu ofereci um processo seletivo do TECPUC que ela não veio, não quis, ela quer ficar por lá mesmo.

P: Entendi.

R: E a escola é boa, se sente bem. A outra também quer ficar por lá e a escola é ruim, mas ela encara como um desafio, ela fala “professor, eu estudei aqui” e ela teve grande dificuldade aqui na... ela levou dois anos a mais pra se formar, ela falou assim “minha...” ela dizia assim “meu projeto de vida é aqui nessa escola, eu quero resgatar”...

P: Ah, que bacana.

R: As crianças da mesma forma como eu fui resgatada.

P: A instituição aqui acabou passando um valor pra ela...

R: Sim, sim. Então é assim, ela falou que ela estudou porque alguns professores tiveram efeitos na vida dela, efeito positivo, né? E ela veio e fez uma graduação e conseguiu se erguer. E ela quer fazer isso com outras crianças, crianças drogadas que ela disse que na sala dela uma vez ela contou que tinha dois alunos, né, um tinha matado o pai do outro.

P: Meu Deus.

R: Com problema de droga.

P: Imagina contornar uma situação dessas.

R: De vez em quando um dos alunos ia armado. Criança, pra aula. E ela convive com isso tranquilo. Circulava drogas na sala.

P: É. Em escolas assim...

R: Pra eles é... circula droga, mas pra eles é o dia a dia, né? “ah, toma isso aí” como se desse um cigarro assim, sabe? Um doce, uma bala pra eles “ah, tó aí”.

P: É, ano passado a gente teve... eu, o diretor, o professor de português, a gente teve que controlar um aluno que tava tendo uma overdose na escola, segurar, chamar Samu pra não se bater, pra isso, praquilo...

R: Pra não se machucar.

P: Pra não se machucar. Ele tava tendo uma overdose, então são realidades, né, mas enfim.

R: Não, mas pra essa realidade a gente... só se eu não quiser, né? Se ele pedir, a gente vai tentar evitar. É difícil a gente escolher campo de estágio, já é difícil conseguir o campo de estágio, né? Quanto mais selecionar, mas a gente tá pensando aí nas escolas da rede Marista, nas escolas particulares, né, a gente viabilizar o estágio ou em escolas públicas boas...

P: Boas.

R: Como essa que eu falei anteriormente e colocar os alunos ali. São muitos alunos, são vários cursos, né?

P: Vários cursos.

R: E satura ficar...

P: Fica mandando...

R: Muitos estagiários nas escolas, a gente não tem muita escolha. Mas o efeito é: não há efeito positivo em mandar estagiário em escola ruim. O Pibid é um programa interessante, claro, tem um atrativo da bolsa, ele mantém o aluno... tem um efeito de retenção, o aluno nos cursos de licenciatura, mas ao mesmo tempo como ele exige que tenha escolas no programa com o Ideb baixo com a intenção de recuperar a escola, né? O efeito não é muito positivo nos alunos que vão fazer o...

P: O Pibid.

R: O Pibid ali.

P: Entendi.

R: Mesmo sendo com bolsa, normalmente os alunos querem sair. Eles entram pela bolsa e ficam... a não ser que a escola seja vizinha dele, que aí ele já está acostumado com aquela realidade.

P: Sim, com aquela realidade. Ele está inserido.

R: Ele está inserido, aí não tem problema.

P: Ou foi a escola que ele estudou...

R: É, exatamente, aí mesmo sendo uma escola ruim ele...

P: É, porque daí acho que tem outras proximidades, né, tem os professores que provavelmente ele já deve conhecer...

R: Normalmente essa é a tendência, os alunos tendem a fazer o Pibid perto da casa dele, então é uma realidade. Mas quando a gente faz o aluno atravessar a cidade pra uma escola lá fora da cidade e com Ideb baixo, com problemas...

P: Aí eles desistem.

R: Aí não é certo, mas tem o efeito negativo.

P: Uhum.

R: A tendência deles não quererem continuar lá é grande.

P: É uma pena, né? Mas eu acho que...

R: Fechou?

P: Fechou professor. Eu posso publicar na... o TCC eu mando uma cópia pro professor e tudo, mas o nome da PUC, o nome do professor, a colaboração?

R: Normalmente em pesquisa, né, você fez quantas entrevistas?

P: Eu vou fazer mais duas ainda. Vou fazer três.

R: Aí você coloca...

P: Instituição de Ensino Superior.

R: Você coloca... não tem por que você identificar a cada resposta quem foi que deu.

P: Sim.

R: Então eu pediria assim que você coloque a sua pesquisa, né, as respostas e tal, faz a sua análise. Na verdade, vai ser uma leitura sua do que eu estou falando, do que os outros professores estão falando então não é exatamente o que a gente está falando. Então na sua leitura você deixa misturado e você vai fazer estatística e lá identifica quais foram as suas fontes de forma que não dê pra ligar...

P: A resposta.

R: A fonte com a resposta.

P: Entendi.

R: Entendeu? Acredito que os outros professores também vão falar isso. Porque algumas coisas a gente...

P: Não, não, mas eu não vou escrever na íntegra pergunta e resposta, pergunta e resposta.

R: Sim porque eu falei muita coisa aqui de opinião, né, e tal, e às vezes pode desagradar alguém.

P: Não, de maneira nenhuma.

R: Então eu fui bem honesto na minha percepção que eu tenho do que foi discutido, né?

P: Aham.

R: Mas...

P: Não, eu digo só colocar que as instituições de ensino pesquisadas foram PUC, mas sem dizer qual respondeu isso, qual respondeu aquilo...

R: Isso, perfeito.

P: Nesse sentido que eu pedi se eu posso publicar o nome da...

R: Pode, pode.

P: Só nisso. Não vou mesmo colocar...

R: Identificar quem falou o que.

P: Não, não, isso não.

R: Não?

P: De maneira nenhuma.

R: Apesar que eu acho que não tem nada comprometedor, eu só falei a verdade. É só questão de segurança pra não...

P: Sim, sim. Não, só pra colocar lá que “as instituições foram pesquisadas...”

R: Só três vai fazer? Tem que ser pelo menos cinco.

P: Mas é que em Curitiba só tem PUC...

R: Ah, Física mesmo.

P: PUC, Federal e UT e tem Uni Andrade que começou agora de novo, né?

R: De novo?

P: Só que a Uni Andrade ela tá passando por uma reestruturação então eles não têm nenhum tipo de bolsa, eles não têm Pibid, eles não têm Proni.

R: Aí não tem sentido...

P: Daí não tem sentido eu fazer essa pesquisa, né? Talvez pra uma comparação, intenções, não sei.

R: É, vai ser só as três mesmo. É, mas são as três principais.

P: Mas é isso professor, brigada.

(Fim da transcrição)

ANEXO B - TRANSCRIÇÃO UFPR

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: UFPR

Duração: 01:05:02

(Início)

P: Então professora inicialmente eu gostaria que você falasse um pouco de seu histórico e das suas funções na universidade.

R: Bom, nós temos nas grades seis disciplinas, quatro de metodologia e duas de estágio e eu entrei aqui na universidade em 2014 e desde então ou são duas disciplinas de metodologia por semestre ou uma de metodologia e uma de estágio que eu atuo enquanto professora da graduação. Na pós-graduação ingressei ano retrasado então já estou há dois anos na pós-graduação e todo semestre eu ofereço uma disciplina. Eu faço parte de um grupo de pesquisa relacionado à pós-graduação e sou coordenadora de um dos projetos do Pbid também e também exerço outras atividades que são de comissões, de colegiado, departamento, coisas mais administrativas, agora reforma do curso que tá pra começar, então essas atividades que são mais... não são atividades de pesquisa nem de ensino, né, são atividades mais relacionadas conforme a demanda aparece nas comissões ou eventos, né? Comissões de eventos internos, de extensão, curso. E também participo de congressos, de coisas assim, levando na universidade, né, convidada como

palestrante, né? Não só como apresentadora de trabalhos submetido, mas também como representante da universidade com palestras, num curso, este tipo de coisa.

P: Entendi. Você falou né, que vai ter uma reforma no curso. Seria uma reforma na grade curricular de Física?

R: É que tem a nova legislação que os cursos de licenciatura. Então todos os cursos de licenciatura vão passar por essa reforma. A última reforma do curso de Física aqui da federal foi em 2010 passou a ter vigor em 2011, eu não estava aqui na universidade nesse tempo e agora por causa desta alteração na legislação vai ter outra reforma, só que a gente ainda não iniciou as discussões, então eu não sei bem como é que ela vai ser porque ainda eu não sei se ela vai ser só da grade, não sei nada sobre isso ainda.

P: E essa reforma seria pra se alinhar o novo Ensino Médio ou não tem relação?

R: Não, ela tem relação com a nova regra pra licenciatura, eu não estou lembrando qual é a resolução, mas é uma resolução que veio do MEC sobre as licenciaturas, daí muda a quantidade de horas uma coisa assim, mas essa reforma que veio agora do Ensino Médio, ela é posterior, quando entrou em vigor esta orientação das licenciaturas não tinha reforma do Ensino Médio ainda, agora tem a do Ensino Médio, mas não se mudou a da licenciatura, então não sei como vai ficar isso aí, isso é outro item de doideira.

P: É, então desde quando a universidade participa do Pbid?

R: A universidade em termos de todos os cursos?

P: É, do curso de física.

R: O curso de física ele entrou no PIB de 2009, primeiro processo seletivo com aluno efetivamente atuando nas escolas eu acho que foi 2010, então entrou no processo de 2009, passou a valer em 2010 com um único projeto na época. Depois foi ampliado pra um segundo projeto em 2000 e não sei mais, sou muito ruim de datas. Depois ampliou pra um terceiro projeto, que é o que eu faço parte. Esse terceiro projeto ele começou em 2013 ou 2014 eu acho, e eu entrei nele no ano seguinte.

Então são três projetos física um, física dois, física três, eu faço parte do física três desde o segundo ano do física três, então o primeiro ano foi outra pessoa e daí eu entrei no segundo ano e estamos até agora.

P: Aqui não chega a ter o interdisciplinar ou multidisciplinar...

R: Tem.

P: tem também?

R: Tem. Mas num...

P: Mas você é da área específica?

R: Eu e esses outros dois coordenadores somos da física especificamente.

P: Da física especificamente, entendi. Qual o perfil do aluno que ingressa no curso de física?

R: De física?

P: De física.

R: Esta pergunta é muito complicada. Nós temos alunos assim, porque as minhas disciplinas, as que eu atuo elas não são... os alunos eles já estão no segundo semestre quando eles entram na primeira disciplina de metodologia, né? Então muitos alunos eles entram como calouros, mas eles passam o primeiro semestre desistem do curso porque o primeiro semestre eles fazem física um, física um, cálculo um, então alguns alunos de repente entram no curso com uma ideia e já desistem no primeiro semestre porque não é bem isso que eles imaginaram do curso. Então quando os alunos chegam pra gente na metodologia um eu tenho percebido diferentes perfis. A gente tem alunos que são alunos mais velhos, que já fizeram outro curso, que trabalham com outra coisa e que ingressam na física porque gostariam de cursar uma coisa da exatas, talvez uma engenharia ou são mais afim de matemática coisa assim, e a licenciatura em física por ser noturno, já que eles são mais velhos, trabalham, tem família, é uma opção viável dentro dessa perspectiva que eles têm, né? De uma realização de sonho às vezes ou

identificação de perfil. Alguns trabalham em áreas afins, então tem alguns alunos que trabalham com instalação elétrica, por exemplo, fizeram algum curso técnico, já trabalham na área, daí procuram o curso de física também nesse sentido, né, como trabalham o dia inteiro não consegue fazer uma engenharia ficam na física que é o mais próximo do técnico que eles já fizeram, mas o grosso mesmo dos alunos são alunos que vieram pra fazer licenciatura em física mesmo, pra ser professor de física. E a gente entrevista os alunos eles dizem “ah, eu tive um ótimo professor de física, por isso que eu vim fazer física e ser professor” e outros é “tive um péssimo professor de física aí eu quis ser professor de física”.

P: É interessante esse discurso porque nós alunos da graduação percebemos que que tem uma defasagem, tem uma evasão no primeiro período muito grande principalmente de alunos que entraram em física, mas que queriam fazer engenharia, e daí depois eles conseguem via transferência de curso, meios internos ir pra engenharia.

R: Os nossos eles mais pro fim assim nas metodologias três, quatro, antes do estágio ainda, esses alunos que tinham interesse à princípio em fazer engenharia eles vão até essas disciplinas, né? Então eles não... tem alguns que trocam, claro, de curso, né? Mas muitos que entraram no propósito de fazer engenharia continuam na licenciatura.

P: Continuam na física? Ai que bacana.

R: E na licenciatura, né?

P: Na licenciatura.

R: Eu tenho impressão, mas daí é uma impressão minha, que o motivo disso é que a licenciatura em física é à noite e eles trabalham durante o dia.

P: Ah, pode ser, né? E engenharia já é...

R: Porque talvez alunos que fossem do bacharelado que é de dia tenham mais facilidade de ficar na engenharia que é de dia também. Então tenho a impressão que

a permanência dos alunos que gostariam de fazer engenharia, mas permanecem na licenciatura em física tem a ver com o turno mesmo.

P: É, pode ser porque ali na UTFPR física é à tarde e engenharia já muda muitas disciplinas pro noturno, bastante então acaba indo pro noturno.

R: Pode ser um fator, né?

P: Pode ser um fator.

R: Essa questão do horário de trabalho.

P: Uhum, pode ser. E o perfil do aluno do Pbid?

R: Ah, esses geralmente... porque assim, o processo seletivo a gente tem uma entrevista e análise de currículo, de grade curricular, disciplinas cursadas e etc. Então em geral na entrevista a gente pergunta “qual é sua intenção pro Pbid?” “Por que que você veio pra licenciatura? Que coisas você gosta? Você lê? Você pensa sobre ser professor?” Então os perfis dos alunos que fazem Pbid é muito relacionado com esse perfil que a gente espera na entrevista. Então em geral a gente tem alunos que querem mesmo ser professores, então alunos que gostariam de estar fazendo engenharia ou coisas assim... a gente acaba não ficando com eles, né? São poucos que tem esse perfil e que se candidatam ao Pbid, pouquíssimos mesmo, mas quando eles se candidatam a gente não tem essa tradição de ficar com esses alunos até porque a gente tem mais candidato do que vaga. A gente já teve momentos em que tinha número de vagas às vezes sobrando e menos candidatos, daí nessas ocasiões a gente pegou até aluno que não tinha perfil de ser professor ou que não queria ser professor, mas que gostaria de ver como que é o Pbid, ou então queria fazer Pbid pra já ir se preparando pro estágio porque não queria ser professor e daí ia ter dificuldade no estágio então já queria antecipar isso. E não é o perfil que a gente prefere, né? Mas a gente pegou porque tinha vaga, tinha... e agora nos últimos processos seletivos a gente tem feito uma lista de espera bem grande e tem muito mais aluno do que vaga.

P: Que bom, né? Porque uma outra instituição que eu entrevistei é ao contrário.

R: É, a gente fica muito feliz com isso porque nós temos agora no conjunto dos três projetos porque a gente trabalha junto, a gente tem 43 bolsas, né?

P: Bolsas, aham.

R: E o fato de a gente abrir processo seletivo de substituição, quer dizer, os alunos eles se formam ou eles saem do Pbid por N motivos, geralmente a gente tem cinco, seis alunos saindo no semestre e quando a gente abre inscrição a gente tem 15 inscritos, que vem na entrevista, a gente tem mais inscritos que não comparecem na entrevista, né? Mas na entrevista a gente tem uns 15 então a gente fica muito feliz porque a gente tem bastante procura mesmo.

P: Aham. E é bom, né, porque você... a bolsa é quase que irrisória, né?

R: É.

P: Assim, é uma ajuda de custo, claro, até mesmo pra transporte, mas isso... o fato da bolsa ser um valor baixo demonstra que eles têm interesse realmente no programa e não na bolsa, né?

R: E eles comentam sempre na entrevista, a gente pergunta “como você ficou sabendo do Pbid?” E geralmente “ah, eu tenho um colega que faz Pbid e disse que o projeto é muito legal e daí eu vim me candidatar pra fazer também”, né?

P: Então não é via edital às vezes, é via colega.

R: Eles já sabem que tem...

P: Que tem.

R: Que todo semestre a gente abre um edital novo porque quando muda o semestre a gente tem ótimos alunos às vezes que gostam do Pbid e tudo, mas daí eles têm disciplinas que casa com o horário e não dá pra fazer. Então todo semestre a gente abre edital de novo por causa dessas trocas de disciplina, né? Então os alunos eles ficam esperando a abertura do edital, mas eles já sabem que o projeto existe, que o projeto costuma abrir vaga.

P: E sempre é dado continuidade ao projeto que está em andamento? Então, por exemplo, sai uns alunos, mas sempre sobra alguns que vão continuar com aquele projeto? Ou abre um projeto novo?

R: Tudo depende, tudo depende. A gente trabalha com supervisores na escola e daí tem alguns projetos com alguns supervisores que são projetos em grupo, então se o grupo, por exemplo, tem cinco alunos e um aluno sai o novo aluno entra no lugar daquele e o projeto continua. Então é dado andamento no mesmo projeto com outro aluno no lugar. Agora, tem outros projetos que não, que são projetos mais individuais então o aluno junto com o supervisor tinham planejado alguma ação e aí esse aluno sai, então o novo aluno não necessariamente vai fazer essa ação que foi planejada pelo anterior, às vezes esse aluno novo ele entra e aí ele e o supervisor fazer um novo projeto que é dado continuidade.

P: E as escolas que o Pbid atende é aqui por perto? É na região central ou é mais na região de periferia?

R: Aqui tem... é que eu não sou de Curitiba então essa pergunta é complexa.

P: Aham, vamos lá.

R: A gente tem... uma escola fica em São José dos Pinhais.

P: É longe.

R: A gente teve uma escola na época em Almirante Tamandaré, agora não tem mais, né, a supervisora saiu. A gente tem algumas escolas que são mais na periferia, tem uma que é próxima ao campus politécnico. A gente tinha uma escola central aqui, o Colégio Xavier, mas não tem mais. Então assim, é uma diversidade, tem alguns momentos do projeto que a gente tem escolas mais próximas, mais longes.

P: E os alunos eles chegam a escolher pra que escola eles vão ou vocês?

R: Eles escolhem.

P: Eles escolhem.

R: A nossa forma de distribuição dos alunos é: quando a gente faz o processo seletivo, daí entram os alunos novos, a gente faz uma reunião com os alunos, os alunos se apresentam, a gente apresenta onde ficam as escolas, antes de apresentar os supervisores a gente diz onde são as escolas e em geral eles escolhem pela localização.

P: Próximo de casa...

R: Próximo de casa ou próximo do ponto de ônibus, ou terminal de ônibus. Porque às vezes todas as escolas são longe, eles escolhem pela facilidade de transporte, outros escolhem porque um tio ou um parente, namorado mora perto daquela escola então fica viável, né? E também a gente tem também às vezes alteração de bolsista de escola durante o projeto. Então, por exemplo, um aluno tá há um ano com um supervisor nessa escola, e aí ele se muda de casa então daí ele conversa com um colega que faz parte de outro projeto e daí eles podem trocar.

P: Pra remanejar.

R: Pra remanejar. Então a qualquer momento... a única observação que a gente tem em relação a isso é que se o bolsista quer sair da escola ele tem que encontrar outro bolsista que troque com ele. Nós não trocamos, eles conversam e em comum acordo eles se escolhem e daí eles vem conversar com a gente, daí a gente faz a mudança, mas eles que escolhem. E também o que às vezes acontece de um aluno tá há bastante tempo no projeto e aí ele sente que já não tá rendendo mais como antes porque tá sempre na mesma escola, sempre com o mesmo supervisor, sempre com o mesmo grupo então ele quer não por uma mudança de lugar, mas por uma mudança de ares mesmo.

P: De ares, aham.

R: Daí a gente também faz o mesmo esquema: se tiver alguém que se disponha a trocar, troca.

P: Mas ele pode trocar então, por exemplo, o Pbid de física um com um o Pbid de física três?

R: Sim.

P: Pode.

R: Pode.

P: Até então pra ele “ah, já implementei um projeto de física três, agora eu gostaria de saber como que é...”

R: Isso e eles fazem isso.

P: Ter um desafio de projeto de física um, eles podem fazer?

R: Às vezes eles aplicam o mesmo projeto com supervisores diferentes.

P: Entendi. Só fazem uma adaptação...

R: Isso, pra realidade dessa escola nova.

P: Pra outra temática, realidade da escola.

R: A gente costuma trabalhar os três projetos juntos. Então a gente tem no papel, no documento a gente tem: física um, física dois e física três. Na vida real nós temos: três coordenadores, seis supervisores, 43 bolsistas. E aí é todo mundo junto então a gente tem aluno que se cadastrou em um dos projetos, mas atua com supervisor do outro projeto. E na hora da...

P: Isso é...

R: Das submissões, por exemplo, de trabalho em evento, o supervisor... o supervisor não, o coordenador que tiver disponível faz a leitura do trabalho, por exemplo, então às vezes o bolsista ele é de um supervisor do projeto física um, ele implementou na física um o projeto, mas daí na hora de fazer submissão, por exemplo, pro (Ciep) que é o nosso evento interno, onde eles apresentam esses trabalhos, esse coordenador do física um não tá com tempo pra fazer a leitura desse trabalho e eu sou da física três eu leio, então eu auxilio. Então a gente não tem muito quem é de quem, todos nós sabemos o projeto de todos os alunos.

P: Isso dá até uma maior viabilidade, né, pro Pbid. Porque se você centraliza muito a informação nas mãos de um só eu acho que isso fica muito difícil a comunicação depois, essa passagem de informação, você não sabe o que tá acontecendo lá.

R: E uma coisa boa de ser todo mundo junto é justamente isso: às vezes o aluno ele tem uma ideia e ele conversa com colegas dele que não são da mesma escola dele e esses colegas que são de outra escola às vezes eles fazem disciplinas juntos. Agora recentemente, inclusive foi numa disciplina minha, a gente tava conversando sobre jogos, RPG coisas assim...

P: Nossa, os alunos adoram.

R: É, e essa turma dessa disciplina tem vários alunos que são bolsistas do Pbid, mas eles não são todos da mesma escola, eles são de diferentes escolas. Então eles elaboraram um RPG juntos que foi aplicado em uma das escolas, mas tem participantes desse RPG que ajudaram a elaborar que não são desse projeto, são de outra escola, então eles ficam nessa troca de ideias e tal. Daí eles já tão planejando num outro momento aplicar na outra escola.

P: E isso acaba enriquecendo muito mais o trabalho, né?

R: Uhum.

P: Muito mais. Assim, os alunos assim do Pbid, a escola só tem a ganhar com isso.

R: E a gente se sente... eu percebo assim também que eles se sentem à vontade, né? Não sei como seria se fosse cada projeto em separado.

P: Se fosse engessado, né?

R: É. Talvez justamente essa liberdade que eles têm é por esse motivo. Então às vezes os alunos eles mandam e-mails porque nós somos três coordenadores e cada um de nós tem coisas que prefere, pesquisas que faz, né?

P: Aham.

R: Então às vezes, no meu caso por exemplo, às vezes eu recebo e-mail de aluno que não é do meu projeto de física, que é de outro coordenador, mas que manda e-mail pra mim porque sabe que eu trabalho com mapas conceituais e queria trabalhar com mapas conceituais. Mas o seu supervisor e o seu coordenador não trabalham, mas no conjunto alguém trabalha, aí procura a pessoa que trabalha.

P: Nossa, muito bom, bacana isso. E você saberia dizer como que a instituição escolhe quais escolas vão participar do Pbid? Por que que a escola de São José? Que assim, é feito um levantamento que são escolas que tem o perfil de baixo Ideb, alto índice de evasão escolar, alta taxa de reprovação, geralmente as escolas selecionadas tem esse perfil. Aqui a instituição leva isso em consideração ou...

R: Institucionalmente eu não sei como é que funciona.

P: Faz essa escolha.

R: Porque quando eu cheguei no projeto ele já tava em andamento então quando eu entrei já existia o física um, física dois e o física três então as escolas já tavam escolhidas. Agora, desde que eu tô no projeto a gente teve a substituição, por exemplo, dessa escola de Almirante Tamandaré, a supervisora pediu pra sair do projeto.

P: Mas daí foi da escola?

R: A escola, isso. Aí ela saiu do projeto, mas ela continuou na escola que ela trabalhava então a gente não conseguiu substituir ela por outra pessoa na mesma escola, a gente teve que substituir ela e a escola também.

P: Ah, entendi.

R: Daí a gente abriu um processo de inscrição com outros professores que quiseram se candidatar. Daí isso seguiu um trâmite que eu não lembro mais qual era porque eu tinha acabado de chegar no Pbid também então os outros coordenadores já sabiam mais como é que isso funcionava e aí a gente entrevistou os professores que se candidataram, na ocasião inclusive um só se candidatou então a gente ficou com esse supervisor nessa escola. Depois esse supervisor saiu dessa escola e foi

pra uma escola particular e aí a gente estudou a possibilidade de manter a escola com outro professor, mas o outro professor da escola não tinha formação em física.

P: É isso que eu ia perguntar...

R: Então daí a gente não conseguiu...

P: Não podia.

R: Não podia. A gente abriu um novo processo seletivo, aí dois outros professores se inscreveram. Daí desses dois professores, os dois supervisores tinham o mesmo perfil, né, então academicamente falando tanto fazia um ou outro, né? Daí a gente fez a escolha pela escola que a gente imaginou que seria mais viável pros alunos porque a escola que a gente acabou não ficando ela era na Região Metropolitana só que pro outro lado. A gente tem uma escola que é em São José dos Pinhais, essa escola que a gente não ficou era do outro lado da região metropolitana.

R: É que eu não sei no mapa, né? Mas vamos dizer assim, o (Colombo).

P: Entendi.

R: E aí ficaria muito longe então a gente escolheu a outra escola que também era longe, mas não era tanto já que o perfil das escolas era o mesmo, o perfil dos supervisores era o mesmo, era tudo muito igual, né?

P: Era só uma questão mesmo de facilidade para os alunos.

R: De transporte, né?

P: Aham.

R: E a gente usou esse critério porque nenhum outro critério diferenciava as duas. Claro que se fosse, por exemplo, um professor graduado e um professor mestre a gente teria um critério sobre a formação do professor, se fosse uma escola oferece essa e essa estrutura e a outra não, ou o Ideb não sei, a gente teria um critério, né? Como todos os critérios eram iguais a gente fez essa opção pela distância. Mas poderia não ser, né?

P: Poderia não ser.

R: Daria na mesma porque a escola, o supervisor, o perfil é muito próximo.

P: Então a escola que se candidata, o professor que se candidata necessariamente ele tem que ser concursado na escola?

R: Não necessariamente, mas ele tem que ser graduado em física, licenciatura.

P: Licenciatura. Porque assim, fica complicado se o professor não é concursado na escola, por exemplo, ele é um PSS então ele tá ali esse ano. No começo do ano ele se inscreve, a escola aceita, final do ano ele vai pra outra escola, ele sai.

R: A gente teve um supervisor que ele era concursado, porém, ele era lotado numa outra escola. Eu não sei como é que as palavras, lotado, né?

P: Lotado, é isso mesmo, lotado.

R: Então ele pertencia à uma escola, mas ele tava em outra escola.

P: Ele tava com ordem de serviço eu acho.

R: É, tipo isso. Aí ele entrou no Pbid com essa escola onde ele estava e agora ele voltou pra escola de origem dele e aí ele e os alunos voltaram pra escola junto com ele, então a escola mudou.

P: Aí ele levou o projeto?

R: Levou o projeto junto.

P: Entendi.

R: E aí na escola onde ele saiu entrou outra pessoa. Nesse processo que entrou outra pessoa na escola que ele tava foi justamente quando a gente abriu aquela uma vaga que um só se candidatou. Então a gente consultou esse professor, que ficou no lugar dele, se ele tinha interesse porque aí a gente permaneceria na escola com o supervisor novo, com a mesma escola e a gente ficaria com o mesmo supervisor numa escola nova. Só que esse novo professor na mesma escola não

quis participar do projeto e aí por isso que a gente abriu a vaga que acabou que uma única pessoa se candidatando.

P: E houve uma justificativa por que que ele não quis?

R: Porque não. Não tem interesse, né? Aquela despistada que não respondeu nada, né?

P: Uhum, fala, mas não diz.

R: Fala, mas não diz. Exatamente.

P: Complicado, né? Como você estabelece a relação universidade/Pbid e escola?

R: Ai, essa pergunta é muito difícil.

R: Eu tenho, de novo, impressão.

R: Que depende de que lugar que você olha. Então, por exemplo, do ponto de vista do nosso aluno, da licenciatura que vai atuar na escola então o Pbidiano, do ponto de vista dele pelo que a gente viu recentemente, a gente teve um processo avaliativo, né, de avaliação do projeto em que foi solicitado justamente que se perguntasse isso para os bolsistas “qual a contribuição do Pbid pra você? Pra universidade, pra escola...” e pelo perfil de resposta dos alunos eles percebem que o Pbid contribui pra eles enquanto projeto porque eles aprendem mais física porque eles têm que explicar física e eles aprendem a ser professor, que é o que eles vão ser. Então essa seria a contribuição do Pbid enquanto projeto então não é uma contribuição só da universidade ou só da escola, é do conjunto, do Pbid para o aluno bolsista. Os supervisores apontaram que o Pbid traz, pra eles enquanto projeto, novas possibilidades de trabalho, né, um apoio de pessoal também, de ter alguém pra ajudar a organizar as atividades, pensar nisso, às vezes apoio financeiro também, agora recentemente não tanto, né? Mas houve momentos...

P: Infelizmente.

R: Que tivemos mais apoio. E também abriu portas pra novas coisas, pra eles pesquisarem, teve um supervisor que acabou fazendo pós-graduação durante a vigência do Pbid.

P: Que bacana.

R: Então ele entrou no Pbid, daí ele ficou sabendo que ele podia fazer uma pós-graduação, ele nem tinha imaginado. Então o Pbid enquanto projeto, escola mais universidade contribui dessa forma. E os dois perfis apontam como contribuição também pra escola e pra universidade, né? Então os dois apontam que a contribuição do Pbid para a escola é também isso de trazer novas ideias, motivar os alunos, trazer propostas novas pra escola que às vezes não tem, né? E aí os alunos bolsistas e os supervisores bolsistas apontam a mesma coisa. E a contribuição do Pbid pra universidade também é essa no auxílio da formação que é um dos papéis da universidade, uma maior valorização do curso de licenciatura frente ao bacharelado, né? Pelo que eles relatam até um tempo atrás, ou eles percebem muito isso, que o fato deles serem da licenciatura não é tão bem visto por quem é do bacharelado...

P: Exatamente.

R: Ou pelos professores às vezes. Mas quando eles fazem Pbid eles não são só um aluno da licenciatura. Eu imagino que seja o mesmo tipo de relação do aluno do bacharelado e do aluno que faz iniciação científica.

P: Sim.

R: O aluno da iniciação científica “opa, ele não é só um aluno do bacharelado”. Então tenho a impressão, pela fala dos alunos, que é meio isso assim, o aluno da licenciatura...

P: É visto com outro olhar.

R: Que faz Pbid ele não só o aluno da licenciatura, ele é outra coisa.

P: Ele é visto com outro olhar.

R: É.

P: Especial.

R: Eles ficam desfilando na universidade com as camisetas do Pbid então não pode ser à toa, né?

P: (inint 00:29:10) orgulho, né? É. Porque assim, eu imagino que o Pbid ele contribua muito também assim com o aluno e via aluno com a universidade porque ele desperta no aluno muito mais o interesse em aprender, né? Então isso acaba refletindo nas notas dele que por consequência muito melhor pra universidade, né?

R: E essa questão também é uma das coisas que a gente cobra bastante no projeto: todo semestre, encerra um semestre, né, no outro semestre quando começa o semestre, nas primeiras semanas de reunião do Pbid a gente conversa com os alunos que não tão indo muito bem nas disciplinas. Então a gente cobra que eles sejam aprovados nas disciplinas, que eles cursem as disciplinas, que eles não reprovem por falta.

P: Na verdade, eles têm que dar o exemplo, né?

R: Exatamente.

P: Eles são professores. Lá no Pbid lá que muitos alunos do médio eles se referem aos alunos do Pbid como professor.

R: Sim.

P: Né? “professor, me ajuda aqui” e tal. Porque eu vejo eu no estágio eles chamam “professora”, né?

R: E a gente vê a diferença entre Pbid e estagiário.

P: Ah é?

R: Pelo que os alunos relatam, né? A gente percebe na fala deles que o estagiário é aquele cara que não sabe muito a física e que tá lá meio pra dar aula no lugar do professor de física, esse é o estagiário. O Pbidiano não é o estagiário, eles procuram

o Pbidiano pra tirar dúvida, pra fazer pergunta então aparentemente o Pbidiano sabe mais física do que estagiário, né? Não sei se pela palavra porque não sei se o comum estagiário...

P: Ele é... coitado, sempre que dá um problema eles falam "é culpa do estagiário"...

R: É culpa do estagiário. E o Pbidiano não e eles não se intitulam estagiários, eles são Pbidianos, é outra palavra então eles são outra coisa na escola.

P: O que eu percebo aqui é que aqui na universidade tem uma valorização meio grande do programa do Pbid. É valorizado o programa como programa, entende?

R: Aqui, dependendo do curso, também não tem essa valorização . Aqui cada área é completamente diferente. A gente tem alguns cursos que o Pbid não tem muita relevância, inclusive tem projetos do Pbid de áreas assim que só tem um projeto. O nosso ele a muito custo ele mantém, apesar de todos os cortes que a gente já teve, a gente consegue manter, mas a gente mantém... são 43 bolsas.

P: É bastante, né?

R: É bastante. Em vista dos outros projetos aqui da universidade é bastante. Então assim, a gente consegue manter as nossas 43 bolsas por causa desse compromisso e desse engajamento. Então a gente cobra que os alunos saibam e passem nas disciplinas e saibam física em primeiro lugar e isso nos garante que o projeto seja visto de outra forma, né? Não como o aluno recebe uma bolsa, vai lá na escola gastar tempo. Os outros professores percebem que esses alunos que tão no Pbid eles tão desenvolvendo bem em física também. Então pra gente enquanto curso de licenciatura que já passa por essa questão de diferença em relação a bacharelado, alguns professores do curso vem da área dura então já tem essa crença também que o aluno da licenciatura sabe menos física ou coisas desse tipo. Então quando o aluno da licenciatura é do Pbid, ele tá lá, ele mostra que ele sabe física, ele discute física na aula então isso faz com que esses professores tenham uma outra visão desse aluno Pbidiano e do projeto como um todo. Então isso acaba dando bastante apoio pra gente também.

P: Sim. É comum a gente ouvir falar assim "ah, licenciatura é a fisiquinha".

R: É. E a gente não deixa isso acontecer. E a nossa via pra não deixar isso acontecer é insistir sempre com os bolsistas “não deixem isso acontecer, tá na mão de vocês, vocês têm que saber”.

P: É, e isso acaba... você valorizando o curso de licenciatura, você acaba valorizando a profissão do professor.

R: De uma forma muito interessante: todo candidato em toda eleição fala a mesma coisa “vou investir em educação”.

P: Em educação.

R: Genericamente...

R: “saúde e educação são minhas prioridades”.

P: “moradia e segurança”.

R: São sempre os mesmos discursos, mas na hora da prática, a prática também é sempre a mesma: cortar primeiro na educação.

R: O significado social disso.

R: Tem pesquisas que mostram que quando você tem mães com boa escolaridade os seus filhos ficam menos doentes.

P: É até uma campanha, eduque uma meninas.

R: Eduque as meninas.

P: Exatamente, exatamente.

R: Você dá aquela aula pronta, fala sempre a mesma coisa, mas quem tá ali ouvindo tá ouvindo pela primeira vez, não tá fazendo sentido nenhum.

P: Não faz.

R: Porque não tem a ver com a realidade, mas você que é o professor não consegue adequar à realidade porque também não conhece.

P: Não conhece.

R: Porque esse ano você tá aqui, ano passado tava lá, às vezes em menos... às vezes não é nem um ano, né?

P: Nem um ano e...

R: Você muda em seis meses de escola.

P: É.

R: Da escola, se muda efetivamente, né? Então ele não vai voltar, ele foi embora.

R: E aí você assume a turma, por exemplo, no meio do ano, aí o primeiro ano tá fazendo ainda velocidade média “gente, como que eu vou dar todo o conteúdo...”

P: Não tem mais como.

R: “do ano inteiro se eles estão na velocidade média ainda?”

P: Daí você tem que priorizar: ou a qualidade ou a quantidade. Aí você faz aquela escolha que não deveria ser uma escolha.

R: Não.

P: Não deveria, eu não vejo assim. O que os alunos eles trazem do Pbid para a graduação que é positivo? Acho que isso até acabou sendo respondido na pergunta anterior, mas eles trazem alguma coisa do programa? Da graduação, de negativo.

R: Às vezes trazem. Uma coisa que eu reparo bastante é assim: esse ano, por exemplo, a gente teve a semana acadêmica, o professor Eder Camargo veio falar sobre deficiência visual, ele é deficiente visual e veio falar do ponto de vista dele enquanto deficiente, né? E a gente no Pbid tava justamente discutindo os capítulos do livro dele pra se preparar, o Pbid se preparando para a vinda do professor. Então a gente trabalhou com os alunos do Pbid o que eles tinham de dúvidas, de perguntas do capítulo, a gente estudou o capítulo pra que quando o professor viesse ele ia dar uma palestra e uma oficina e os alunos já tavam prontos pra fazer perguntas, eles já tinham pensado primeiro, né? Pra não fazer aquelas perguntas...

Muito bobas, né? E esses alunos eles são alunos novos nas disciplinas. Então assim, a coisa positiva, nesse caso específico, é que muito do que seria discutido na disciplina pôde avançar em termos de discussão porque eles já tinham as discussões de senso comum feitas, né? Agora, algumas questões negativas é porque daí eles ficam presos naquela discussão que foi lá naquele contexto. Então a gente tem outros alunos na turma que não são do Pbid e os alunos que são do Pbid não incluem esses alunos, eles falam como se fossem entre eles “aquele livro que a gente leu no Pbid, aquele não sei o que no Pbid, como fulano disse no Pbid” e quem não é do Pbid e é da disciplina...

P: Fica à margem.

R: Fica à margem. Outras coisas também que aí eu vejo como negativo mesmo e que não é pontual, que tem ocorrido várias vezes, é que nas disciplinas de metodologia, pelo menos comigo, né? Eu sempre solicito que eles façam o planejamento de aula ou de uma aula, duas, três, um conjunto usando a metodologia que está sendo discutida na disciplina, né? Ou algum do referencial teórico, alguma coisa. E aí, por exemplo, esse menino do RPG que eu comentei, adivinha qual era o plano de aula deles? O RPG que eles usaram no Pbid. Então você perde um momento de testar outras coisas, de discutir outras coisas porque eles querem reutilizar o que eles já fizeram. Então eu vejo isso de um modo negativo porque aí quando eles tão dois, três, semestres no Pbid então o dia que eles tiverem que fazer um planejamento com atividade experimental eles vão fazer aquela que eles já fizeram, eles não propõem uma nova atividade experimental, eles propõem uma que eles já testaram no Pbid, eles vão propor um jogo, eles vão propor aquele que eles já testaram. Então não tem nada novo, eu acho isso... em termos do Pbid é bom porque eles tão propondo pela primeira vez, é novo, mas em termos de disciplina isso é ruim porque você perde muita discussão.

P: Em termos de experiência eles não tão adquirindo novas, né? Vão ser aquele professor que vão (inint 00:42:10)...

R: Exatamente, é isso aí que eu vejo. Aquele professor que... uma vez na graduação eu planejei essa atividade então em todas as turmas quando eu chego nessa matéria eu faço isso: pro aluno vai ser a primeira vez, pra ele vai ser muito legal,

mas pro professor vai ser a quarta, quinta, o sexto, o sétimo ano que ele vai fazer, daqui a pouco ele não faz mais.

P: Ele desmotiva, né?

R: Desmotiva.

P: Ele não tem mais empolgação em fazer...

R: Porque é sempre a mesma.

P: Porque é sempre a mesma coisa, ele sabe onde os alunos vão errar, eles sabem onde vai acertar, ele sabe onde vai ser a dúvida, ele...

R: Ele mesmo estraga a emoção que seria pra ele. E por outro lado, por mais que pareça inovador “nossa, esse professor faz jogos, não sei o que, ele é inovador”, ele não tá inovando, ele tá só se repetindo e aí acaba ficando mecânico. E no caso específico da física, do meu ponto de vista, claro, ele vai acabar repetindo talvez erros conceituais da primeira vez que ele preparou porque ele não vai ler de novo esse conteúdo porque ele já preparou essa aula.

P: Aham, é verdade.

R: Então se aparecer uma dúvida muito nova ele não vai dar atenção, ele não estudou essa dúvida. Se muda o contexto ele não tá preparado porque ele não prepara de novo a mesma atividade, ele aplica a mesma atividade de novo.

P: Não relê.

R: Ele não relê então acaba não aprendendo mais nada novo de física daquele conteúdo porque ele já preparou aquela aula.

P: Sabe que tinha um livro na graduação que tinha um professor, até hoje ele dá aula lá, o Arandi – eu vou citar o nome dele porque é um elogio que eu vou fazer – o Arandi. Ele... como é que era o nome do livro? A Evolução da Física.

R: Ah, esse livro é muito legal.

P: E daí ele leu pra gente no primeiro semestre, ele pegou alguns capítulos e leu com a gente, e eu achava muito bom. Daí depois eu peguei e tirei xerox do livro e comecei a ler de novo, por conta. Aí eu fazia uma anotação que eu achava muito boa ali naquele trecho. Aí eu li umas quatro vezes, gente, eu tinha quatro anotações diferente do mesmo trecho. Porque assim, eu achava fantástico, então eu lia de novo e daí eu anotava de volta, daí tinha partes que eu não tinha anotado, eu anotava. Mas o que eu reparei é que tinha trecho que eu tinha quatro anotação diferente do mesmo trecho porque eu tava lendo em outra circunstancias, com outro conhecimento, com uma bagagem muito maior de experiência e era muito bom. E talvez seja isso que você esteja se referindo, né?

R: Repensar a mesma coisa, né?

P: Aham.

R: Então, por exemplo, a gente tem na maioria das escolas que o Pbid atua, a maioria não, né? Acho que é a realidade de quase todas as escolas do país inteiro, né? Física você não tem laboratório, esse é o comum.

P: É, público...

R: Então não vou dizer assim “no Pbid” não, em geral...

P: Em geral.

R: Você não tem. E aí o aluno prepara uma atividade pensando na escola que não tem laboratório, o dia que ele vai pra uma escola que tem laboratório...

P: Ele não sabe.

R: Ele não sabe e aí ele quer usar a mesma atividade de sempre. Então essa crítica que eu... esse ponto negativo que é uma crítica que eu faço ao reutilizar a aula que eu já inventei uma vez, claro que é bom você usar uma aula que deu certo uma vez aquela atividade, você usa ela de novo, isso é muito bom porque também senão na vida real o professor quando tá com 40, 60 aulas por semana...

P: Ele não tem como.

R: Você não tem como ficar inventando sempre tudo novo, mas uma coisa é você usar pontualmente atividades novas e usar várias vezes atividades repetidas, outras vezes é você só usar atividades repetidas.

P: Sim.

R: E se na graduação que é momento que eles têm pra discutir, pra inventar novas coisas eles usam as coisas repetidas, eu tenho um certo receio de que depois, quando não dá tempo mesmo aí é que eles não vão inventar nada novo. Porque se agora que dá tempo não tão fazendo, depois vão fazer como, né? E aí fica aquele professor que tá numa escola que tem uma estrutura legal, mas ele não usa.

P: Não usa, né? Eu trabalhei numa escola que tinha um laboratório de física, escola pública, né? Tinha o laboratório de física, mas tava tudo na caixa porque ninguém sabia montar, daí eu falei “não, eu posso tentar montar, não vou garantir que eu vá conseguir montar tudo, né, e tal” só que quando eu comecei a abrir eu vi que faltava muitas peças porque assim, ia muita gente lá, mexia e tatata. Eu falei “olha, o que dá pra montar aqui é o de ótica que tá o disco, tá a fonte, né, tem ali as fendas e tal, o de ótica dá pra montar, mas o trilho de ar não dá, tá sem sensor, tá sem motor...” sem nada.

R: Aqueles kits de calorímetros que a primeira coisa que some é o termômetro.

P: É o termômetro.

R: Vários, tem 50 calorímetros, quantos termômetros tem? Nenhum.

P: Aí assim, os circuitinhos elétricos lá tavam faltando os multímetros, os cabinhos, muitas peças faltando, muito, muito, muito. Eu falei “ó, é um dó porque é um laboratório completinho, você consegue ver bastante coisa aqui, mas...”

R: Nunca usado.

P: Os alunos egressos do curso de física, a sua maioria eles atuam em sala de aula? Você sabe?

R: Então eu não conheço ninguém egresso ainda, né?

P: Ah é verdade, você entrou agora. Quatro anos, três anos?

R: É, quatro anos, três, quatro anos eu acho. Três anos, fechou agora, em junho fechou três anos. Então assim, eu conheço alguns alunos que quando eu entrei a primeira disciplina que eu ministrei foi estágio, estágio dois eu acho então eles já tavam terminando o curso, né? Só que era uma turma pequena, acho que eles eram quatro alunos, um deles trabalhava numa empresa então não sei pra onde foi, mas imagino que deve ter continuado no emprego então muito difícil ele ter largado tudo que ele fazia pra mudar de área, né? Era um sujeito mais velho, já tinha família e tudo então eu imagino que esse é um caso que ele continua fazendo o que fazia, mas só imaginação, né? Teve um outro aluno que trancou o curso e recentemente ouvi dizer que ele voltou pro curso então ele não terminou o curso na ocasião, terminou no regresso. Os outros alunos eu já não conhecia, né, porque eu conheci eles naquele semestre, daí logo eles já não eram mais meus alunos eu nunca mais vi.

P: Daí agora não formou ainda.

R: E os outros que eu conheço desde que começaram, né, que eu tenho algumas turmas que eu conheço de quando eles eram alunos da metodologia um ou da metodologia dois, daí eles vão vindo. Agora eles estão entrando no estágio um.

P: Uhum. Mas eles sinalizam que vão ficar na área da licenciatura?

R: Aparentemente sim, mas entre sinalizar e efetivamente ficar daí eu já não sei, né? Porque tem alguns que sinalizam que querem fazer Mestrado, mas isso não quer dizer que vão fazer. Eles mudam de ideia muito rápido, né? Às vezes a gente pega um aluno pro TCC, por exemplo, que já é a última disciplina, eles vão fazer TCC um e dois e quando terminar o TCC dois eles vão se formar e aí quando eles vêm conversar com a gente pra fazer o TCC um a conversa é “quando eu terminar o curso eu vou fazer Mestrado” quando eles estão terminando o TCC dois o plano já não é mais esse, em um ano. Às vezes eles entram no TCC um “ai, eu não quero ser professor de jeito nenhum” quando eles terminam o TCC dois às vezes eles já são PSS. Então com base no que eles dizem, no que eles planejam não dá pra ter noção nenhuma eu acho.

P: Você acha que o Pbid, no caso o programa, acelera esse processo deles? Ir para um PSS?

R: É.

R: No sentido de que eles saiam do Pbid pra entrar no PSS?

P: Não que eles saiam do Pbid, mas que eles acelerem. Mas deles utilizarem a experiência adquirida no Pbid pra iniciar a carreira de docente com possibilidade do ganho salarial com o PSS. Você acha que isso interfere uma coisa na outra? Tem relação?

R: Não, eu não tenho observado, pelo menos não nesse tempo que eu tô no Pbid, né? Eu tenho visto muito aluno nosso que ele entra no Pbid às vezes ele já tá desmotivado com o curso e aí ele se motiva, isso eu tenho visto: a permanência no curso por causa do Pbid. E em muitos casos a melhora do desempenho no curso por causa do Pbid, como a gente cobra que eles façam as disciplinas, que eles cursem as disciplinas. A gente enche o saco se a gente descobre que eles se matricularam em só duas disciplinas, a gente faz eles se matriculem em mais disciplinas “ah, matriculei só em física um e libras” “não, vai matricular mais. Que física você tá aprendendo esse semestre? Vai fazer mais disciplina”. Então essa nossa insistência em relação ao curso eu percebo que faz com que eles permaneçam no curso e com que eles tenham melhor desempenho nas disciplinas. Às vezes até pra se manter no Pbid porque senão a gente conversa pra desligar, conversa porque às vezes o aluno tem uma boa justificativa, né? A gente teve recentemente uma aluna que reprovou em todas as disciplinas. A gente tinha intenção de desligá-la, descobrimos que ela estava fazendo tratamento de câncer. Então é claro que ela desistiu das disciplinas, né? Ela reprovou por falta em quase tudo, mas pro Pbid ela vinha.

P: (inint 00:53:14), né?

R: Então ela abandonou o curso, mas o Pbid ela não abandonou. Então a gente não percebeu que ela tinha abandonado as disciplinas até vir o fim do semestre e ela vir com a grade tudo reprovação por falta, porque no Pbid ela vinha. E inclusive quando a gente foi conversar com ela “olha, a gente precisa... você reprovou em tudo” daí

ela contou da doença e ela pediu pra por favor a gente não desligar mesmo que ela se transformasse em voluntária porque o Pbid tava ajudando ela...

P: A passar...

R: A passar por essa fase. Então assim, isso eu vejo bastante no Pbid. Casos de alunos com depressão que a gente não tem o Pbid e eles dão um gás depois, eles se recuperam, vão fazer tratamento de apoio na universidade, psicológico, né? Eles permanecem com a gente no projeto, depois eles retomam a física. Agora eu não sei dizer se mais pro fim do curso eles vão ser PSS antes do que iriam se não tivessem feito o Pbid, né? Porque às vezes o aluno ele não faz Pbid, mas quando ele chega na época do estágio ele vai se candidatar à PSS sem Pbid. E outras vezes ele fez Pbid, aí se candidata, mas é porque tá no fim do curso, é outra perspectiva, né? Mas assim, nos primeiros semestres do curso eu não vejo nem a conversa assim deles “ah, queria ser PSS porque ganha mais” eu não vejo muito isso não, eu vejo mais a permanência no curso, aumento do empenho no curso, melhora muito grande na aprendizagem, né? Mesmo as disciplinas de metodologia dá pra ver que eles leem com outro olhar os textos.

R: Eles acham que ler é ler palavra por palavra, vira a folha próxima palavra e não é assim. Quando eles descobrem que ler não é assim, que às vezes você tem que ler a frase e daí ler de novo, que às vezes você lê o parágrafo e daí você lê de novo o parágrafo, às vezes você tá à três parágrafos depois, mas você tem que voltar praquele primeiro de antes...

P: Exatamente.

R: Quando eles descobrem que é assim que se lê, aí eles conseguem ler Paulo Freire. ((risos))

P: Exatamente. Então eu tenho que chegar e explicar conceitualmente pra ele, com exemplo, né? Tem que fazer alguma coisa pra esse moleque entender.

R: Isso também é uma coisa que eu percebo com o Pbid. Como eles vão explicar física eles têm que entender a física pra poder explicar então saber fazer conta...

R: Não é saber física. A gente dá muita ênfase nessa questão conceitual nas disciplinas de metodologia, mas as físicas não acompanham isso.

R: Então quando eles fazem Pbid eu tenho impressão que eles percebem melhor o que significa quando a gente na metodologia fala o que significa o conceito. Me parece que se o aluno ele não é do Pbid ele escuta essa ênfase no conceito, a importância da física, do conceito da física, ele escuta isso, ok, mas quando ele planeja coisas ele planeja aulas de exercício, de repetição, ele apresenta exemplos no quadro. E quando o aluno ele é do Pbid ele planeja outra forma de abordagem. Porque ele percebe o que a gente quer dizer com o conceito.

P: Ele apresenta uma situação/problema, que é um problema aberto, que você pode (explicar) conceitualmente de várias maneiras, mas sempre levar ao mesmo fim, né? E problema/exemplo é fechado, né? É o calculinho ali acabou, aplicação, no máximo uma substituição de fórmula ali e tal.

R: Na metodologia dois a gente trabalha com problema, problematização, exercício, essas coisas assim, né? Eu costumo solicitar que eles proponham um problema aberto.

P: Nossa, e é difícil, é difícil. O meu orientador nos cobrava muito sobre problemas abertos nas disciplinas de projetos de ensino de física .

R: E a maioria dos alunos, a forma com eles pensam que significa um problema aberto é um problema sem números. Então, por exemplo “seja uma força F ” é um problema aberto porque você não sabe quanto é F , isso não é um problema aberto.

Sem a aprendizagem conceitual não tem problema aberto.

P: E aí que reside a física, né?

R: Uhum. As características conceituais, o que que envolve, o que que funciona, o que não funciona, vale ou não vale, entra ou não entra na situação, isso é a física. A ponta não é... e é difícil, muito difícil pros alunos entenderem que você pode saber física sem saber matemática.

P: Obrigada Professora pela disposição e colaboração.

R: De nada boa sorte .

(Fim da transcrição)

ANEXO C – TRANSCRIÇÃO UTFPR

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: UTFPR – entrevistado 1

Duração: 00:49:25

(Início)

P: Então assim professor, então vou começar pelo programa de Pbid que é um pouco mais extenso e Reuni são perguntas mais abertas, né? Que o professor então descreve melhor. Então inicialmente professor, eu gostaria que o professor falasse do seu histórico aqui na universidade, né, e a sua função na universidade.

R: Bom, a minha vinda pra universidade aqui no Paraná se deu através de concurso, né? Assim, identifiquei o concurso aqui e achei que era uma possibilidade de aprofundar, de melhorar a carreira, tudo. Então eu vim prestei o concurso e fui aprovado e aí eu me mudei pra cá e comecei a trabalhar. A questão da função é uma outra história porque inicialmente a gente vem com uma fantasia até do que vai ser, do que não vai ser, né? E depois a coisa não segue exatamente aquele caminho vai por outros, né? Então foi um pouco assim, mas basicamente eu acabei assim iniciando com os cursos de física básica pras engenharias, né? Aí depois de uns tempos acho que uns dois anos fui migrando e acabei pegando assim disciplinas mais específicas da licenciatura, o que pra mim era legal porque eu já tinha experiência bastante grande na licenciatura, né? Que eu fiz licenciatura em Física e depois eu trabalhei em Secretaria da Educação e eu fui coordenador de

escola pública, trabalhei na direção de escola pública, entendeu? E sempre vi muitas coisas nesses ambientes escolares que eram problemas que talvez pudessem ser resolvidos à nível, por exemplo, da universidade onde os professores são produzidos então me pareceu assim um convite bastante coerente pra tentar fazer as duas coisas. Porque um dos problemas que eu sempre notei ao longo de muito tempo é justamente aquele cara que sabe muito da física, entendeu? O super gênio lá que resolve tudo, só que na hora de chegar pra um grupo de alunos e transmitir aquele conteúdo a coisa falha, entendeu? Por quê? Porque ele tem uma visão como se aquele aluno de nível médio não fosse um grupo de pessoas indistintas cada um com um interesse ou sendo que todos eles têm uma afinidade com a função de se formarem como cidadãos primeiro, a física é um instrumento pra isso naquele contexto.

P: Naquele contexto.

R: Ninguém tá ali pra virar cientista da Nasa, nada disso. Eles são pessoas de cultura mais simples e você tem que tentar desenvolver essa cultura científica básica neles, entendeu? Passar os fundamentos do que seria a área de exatas, né, e ao mesmo tempo se comunicar com eles em alguma estância. E muitas vezes você não via isso, né? Então, por exemplo, professores assim “é, porque tem que saber física, tem que saber as fórmulas, tem que saber a teoria, tem que saber resolver exercícios senão não vale não sei o que, não sei o que”. Então eu vi muito isso, né? E eu acho que não é bem por aí quando você fala de Ensino Médio, porque Ensino Médio assim é um contexto delicado que você tem que observar com muita atenção, né? E então pra mim essa questão da função aqui de professor, e agora de coordenação, né? Eu acho que ela jogou um pouco para a possibilidade de atuar neste problema, entendeu? E eu creio que seja isso, sabe? Por isso que eu me interessei, eu me predispus a fazer isso. E acho que de certa forma, e também obviamente quebrando assim algumas fantasias que a gente faz, né? Eu acho que caminha assim neste sentido, até o evento que tá tendo aqui do lado, que eu tava lá agora, acho muito legal porque são aqueles alunos todos que foram meus alunos, né? E que serão professor de Física e eles estão lá explicando pros meninos que vem da cidade ou talvez até de outros arredores. Então é legal porque a gente vê um fenômeno básico, na minha opinião é básico, que é eles estarem motivados.

Então você vai ali no cantinho, tem os alunos ali e eles tão lá explicando pros meninos que vem assim de fora, né, e eles estão motivados.

P: E o que é interessante é que o professor conhece muito bem a realidade dos alunos que chegam então aqui, né? Na universidade.

R: É.

P: Os professores conhecem bem a realidade da escola pública e teve vivência no Ensino Médio.

R: Tive vivência no Ensino Médio.

P: Então o professor conhece bem os alunos que chegam até...

R: Eu tive vivência no Ensino Médio, mas também tive vivência em outros nichos, sabe? Então, por exemplo, eu dei aula à nível fundamental, eu dei à nível de escola técnica, eu dei aula em cursinho, dei aula em faculdade particular, enfim, eu passei por vários lugares, né? Então eu tenho uma visão assim bastante interessante, né?

P: E ampla até, né?

R: É, ampla, conheci bastante e dei valor também pra muitos cursos, sabe? Engenharia, medicina, pedagogia.

P: Sim.

R: Que mais? Química, enfim, então também dá pra ver os perfis, os interesses, dá pra ver sempre o perfil dos alunos. Então uma conclusão que ela é universal até onde eu entendo é que os alunos de um modo geral eles são muito heterogêneos, sabe Ana?

P: Sim.

R: Muito heterogêneos. Então numa mesma turma você pode ter as coisas mais diferentes do mundo. Eu me lembro de uma turma de Ensino Médio que eu peguei que aquilo assim pra mim foi uma coisa de louco porque era uma turma de 40 anos e tal, mas tinha duas figuras na sala que elas eram o posto do universo. Assim, ele

era um excelente aluno, não vou falar nome, né? Não lembro dos nomes, lembro das caras, deve ter mudado porque faz tempo, né? E eles eram bem novinhos. Mas um ele era um excelente aluno, ele era um cara muito assim educado, ele era um cara que cumprimentava os professores, pá e não sei o que, e ele tinha intenção de ser padre.

P: Olha...

R: E ele falava pra mim “professor, quando eu terminar o Ensino Médio e chegar não sei aonde e tal eu vou entrar pro seminário, eu tenho interesse na filosofia, no cristianismo, não sei o que”. Beleza, esse era... na mesma turma tinha um outro que tinha a mesma idade que ele era bandido, mas era um bandido daqueles perigosos que a polícia procurava e a polícia tinha medo dele.

P: Meu Deus.

R: Então era uma coisa assim impressionante, como aquele cara era bandido, marginal, mal-educado, ele me roubou na sala de aula, ele me roubou, entendeu? ((risos)) Ele saiu correndo.

P: E era escola pública?

R: Era escola pública. Então o paradigma ali era aquelas duas figuras que eram o extremo da heterogeneidade de alunos, né?

P: E eram líderes de turma?

R: Eram líderes. E aí o que aconteceu? Ao longo do ano o que que aconteceu? Eu não sabia como lidar com aquilo, foi uma coisa difícil. Então eu tinha proposto um trabalho de Física que era um trabalho assim: eu tinha uns livros de experimentoteca que fazer pequenos experimentos que não exigiam grandes suporte teórico pra que se fizesse aqueles trabalhos, entendeu? E aí eu fiz a coisa mais assim ousada...

P: Colocou os dois juntos?

R: Eu coloquei os dois no mesmo grupo, entendeu? E qual foi a minha surpresa? No final do ano de ver aquele cara que era o bandido, e ele era e deve ser até hoje se já

não morreu, se a polícia já não matou, mas ele apresentou o trabalho junto com o outro e mais dois alunos, né, que tavam na média. Mas foi impressionante porque ele foi na frente, ele explicou e toda vez que eu via aquele cara era assim: a polícia lá na escola, a diretora ligando pro pai, pra mãe que tinha não sei o que lá com a droga, sabe aquela coisa que você fica assim com a cabeça desse tamanho? Então foi uma experiência muito interessante. Então aquele dia eu fiquei emocionado e aquele dia eu chorei.

P: Era noturna a escola?

R: Oi?

P: O ensino era noturno?

R: Era noturno, era noturno. Na escola pública estadual eu trabalhava em vários...

P: Períodos...

R: Vários períodos. Tinha dia que era de manhã, tinha dia que era à tarde, tinha dia que era noite.

P: Mas essa turma específica...

R: Essa em especial era à noite, foi uma coisa muito interessante. Mas você vê muita coisa porque a escola pública ela é um universo à parte, sabe? Ela não é assim tão linear como a gente pode imaginar daqui da universidade. A gente olha, a gente vai lá e ensina o Newton, não é assim, não funciona assim, tem tantas variáveis e algumas delas a gente não domina, especialmente num país que não tem um compromisso com educação. O Brasil não tem compromisso... o Brasil não tem compromisso com nada, o Brasil ele ainda não se achou, essa que é a história, entendeu? Então dentro dessa realidade que a gente vive, uma realidade confusa de política, de economia não sei o que, não sei o que, a escola é um milagre que ela ainda existe, essa que é a verdade. Porque todo mundo bate na escola.

P: É verdade.

R: E outra coisa: toda a responsabilidade do ensino...

P: É do professor.

R: É do professor. Então os pais culpam os professores, os alunos culpam os professores, o governo...

P: O governo.

R: Culpa o professor, entendeu? E às vezes até um professor culpa o outro.

P: Culpa o outro. Exatamente.

R: Então é um ambiente muito difícil de conviver, entendeu? E os salários são baixos, os recursos são quase nulos, é muito difícil o ambiente de escola básica. Só que ao mesmo tempo que é muito difícil eu acho que é o ponto que a gente tem que pegar pra falar assim “olha, o país vai virar a partir daqui”...

P: Exatamente.

R: Por exemplo, se você investisse mais na escola você não teria que construir tantos presídios, entendeu? Se tivesse uma escola justa e boa pra todos não teria esses problemas que tem aí. Por que que o filho do juiz estuda na escola que tem heliporto? E o filho do pedreiro vai na escolinha...

P: Que mal tem carteira.

R: Que mal tem carteira, não tem papel, não tem tinta, não tem funcionário, não tem professor, entendeu? O conceito de escola de tempo integral eles botam todo mundo pra dentro e passa o cadeado no portão, ninguém sai, é isso, não tem um trabalho assim. Então os professores que trabalham ali, os que efetivamente fazem alguma coisa eles são heróis, além de profissionais, entendeu? Isso é uma coisa importante. Fechou a pergunta.

P: Então tá. Desde quando a universidade, a UTFPR, ela participa do programa Pbid?

R: Olha, essa pergunta específica de data eu não sei te dizer, né? Quando eu entrei aqui já participava, eu tô aqui há cinco anos apenas, né? Então quando eu entrei já

participava e já era Ângela, o professor João e tal. Mas o Pbid ele é um programa tradicional nas universidades federais então eu cheguei a fazer assim... bom, eu também estudei minha vida toda em universidade pública, a vida toda. E desde aquela época também já tinha Pbid então assim eu imagino que é algo bastante tradicional mesmo e por conta disso, como aqui é uma universidade federal, né, nós estamos dentro dessa tradição.

P: Dentro dessa tradição.

R: Mas essa é uma pergunta específica em relação à data eu acho que seria importante perguntar para os professores diretamente envolvidos...

P: Coordenadores, né?

R: É, por exemplo, o professor João que trabalha ainda, né, ele é coordenador de Pbid e a professora Ângela. Mas assim quando eu entrei aqui já existia.

P: Já existia o Pbid.

R: E eu tô aqui há cinco anos, então...

P: É que ele sempre existiu, mas eu acho que eram escassas as bolsas, eram poucas bolsas, né? E depois...

R: É, mas essa coisa de bolsa...

P: De um período foi aumentado.

R: Essa coisa de bolsa é complicado porque assim, talvez a gente possa até falar deles indistintamente porque o Pbid é uma coisa, o fato de ter bolsa ou não talvez seja outra. Por que que eu digo isso? Porque em função de crises econômicas, o presidente passou mal, não sei o que, eles cortam bolsa, entendeu?

P: Sim, a primeira coisa.

R: É, a primeira coisa. Eu me lembro que na minha época o Fernando Henrique, era o Fernando Henrique o presidente, ele teve lá uma tontura no banheiro cortou as bolsas de todo mundo de Pbid e de todo mundo que tava no exterior. Aí tinha um

peçoal em Portugal queimando as cuecas pra chamar a atenção porque eles estavam lá abandonados e o governo...

P: Difícil.

R: Então isso não acontece, por exemplo, com o governo suíço, né? O governo suíço tem bolsas que eles dão pros suíços e pros estrangeiros que vão pra Suíça, nunca aconteceu isso. Então assim é uma questão também do tipo de país, entendeu? Por isso que eles são primeiro e a gente... na minha época que eu tinha a sua idade era terceiro mundo, agora já deve ser sétimo, uma coisa assim.

P: Infelizmente acho que é por aí mesmo.

R: Então vamos pensar só no Pbid em si, né?

P: Tá.

R: Com bolsa ou sem bolsa. Porque tem estudantes de Pbid sem bolsa.

P: Ah é?

R: É.

P: Aqui?

R: Aqui não.

P: Aqui não.

R: Eu nunca vi, mas eu já vi fora.

P: Fora...

R: De se propor e tal. Então ele sempre tem um nível, então eu acho que como é um programa que visa justamente essa formação docente com um certo cuidado eu atribuo a ele uma importância bastante grande porque nós como país temos uma carência muito grande desses profissionais, não tem professor. Se você falar de professor de Física, Ana, não tem.

P: Então é pior ainda.

R: Ó, pra você ter uma ideia: eu era professor de Física da Secretaria da Educação no estado de São Paulo, um estado maior. Quando eu faltava por alguma razão, entendeu? E às vezes acontecia de ter um congresso, eu sempre estudei muito, eu sempre... é uma paixão pra mim ler, eu leio todo dia até hoje e estudar, enfim, a pessoa que me substituína na época era uma estudante de Direito.

P: Meu Deus.

R: Entendeu? Então ela me perguntava “professor, mas como que você quer que eu faça?” eu falava “você pega assim...” eu deixava tudo xerocado pra ela, entendeu? E ela ia lá e fazia o que ela podia, mas basicamente a autoinstrução, né? Porque não tinha outro. Mas assim, por quê? Não tinha outro professor de Física, entendeu? Então o professor substituto ele era de...

P: Outras áreas.

R: É, não formado...

P: Nem afim.

R: Nem afim. É estudante de segundo ano de Direito, entende? Professora Flávia. Ai, falei o nome, mas...

P: Mas enfim, eu corto.

R: Corte.

P: Qual o perfil do aluno que ingressa no curso de Física?

R: Olha, essa pergunta ela é interessa porque assim, eu já dei aula pra engenharia, já dei aula pra medicina, já dei aula pra curso técnico, já dei aula pra pedagogia, já dei aula pra química, pra matemática, pra radiologia, então eu já vi muita coisa, tá? E eu acho que o perfil do aluno que entra pro curso de Física é um perfil único. Geralmente o estudante de Física é um apaixonado por Física. Aqui na UTFPR tem uma outra situação que é os alunos que eles têm o desejo de fazer engenharia, mas

que eles acham que é muito difícil então eles entram na Física pra depois transferir. Então é uma situação um pouquinho específica, mas geralmente quem vai fazer física é um cara que ele já é diferente dos outros no sentido de que ele já tem um plano pra isso, entendeu? Não é como a pedagogia que tem 50 mil alunos, entendeu? Dos 50 mil alunos acho que 48 mil tão lá porque teve bolsa ou porque a mãe falou, ou porque ele tava vendo o que que acontecia. Não. A Física não, a física ela é mais... ela envolve mais um coração, sabe? Então quem vai pra Física já tem uma intenção mesmo de fazer Física.

P: E de terminar.

R: É que nem Filosofia, Filosofia também é assim. Física e Filosofia são cursos que mobilizam interesses extremamente elementares dentro da psique daquele aluno. Não é que nem Medicina, não é que nem Engenharia. Entendeu?

P: São cursos de status.

R: São cursos de status e cursos de mercado.

P: Isso.

R: Então pessoas de qualquer tipo vão pra lá. Física não, a Física é um pessoal mais homogêneo em relação aos seus objetivos, entendeu? Então isso é uma coisa muito interessante.

P: Talvez pela própria natureza dos dois cursos, né? Porque por mais que se pense que exista uma diferença muito grande entre Filosofia e Física, mas se você olhar na raiz das disciplinas todas emergem de uma mesma cultura.

R: É, e elas são muito formativas.

P: Isso. Então talvez seja essa relação que os alunos...

R: Pode ser que seja. A gente talvez não consiga chegar à uma conclusão aqui nessa nossa conversa, mas assim, independente de conclusão tem a observação. Quem vai pra Física tem diferencial, tem o interesse a mais, tem uma paixão prévia

pela coisa ou quer seguir uma carreira científica mesmo. Geralmente não são pessoas muito preocupadas com a questão do dinheiro, sabe?

P: Aham.

R: Por exemplo, um engenheiro, um médico, não, esses caras são de famílias tradicionais...

P: De pais já.

R: É, e o pai quer porque o vô já era médico e não sei. Na Física não tem nada disso.

P: Direito também tem bastante isso, né?

R: É, Direito então... nunca dei aula pra Direito, óbvio, Direito então por isso que eu nem falei, mas a gente sabe que é também.

P: É também.

R: Então eu acho assim, tem um livro antigo que foi escrito por um físico inglês, chamado (inint 00:19:31) que ele ainda escreve e ele é um cara que foi lá pra Índia e aprendeu outras coisas, outros saberes, né? E ele escreveu um livro chamado Tao da Física. Então Tao...

P: Tao da...

R: Tao...

P: A letra.

R: T-A-O na língua original lá que é uma língua oriental significa caminho. E eu li esse livro porque na época eu comecei a fazer faculdade e lançaram o livro e um dos professores na faculdade falaram que o livro tava muito interessante e eu quis ler, e eu li o livro. E ele eu acho que fala uma coisa que eu acho que é assim muito descritivo dessa sua pergunta, ele fala assim "a Física é um caminho com o coração" porque tem profissão que não tem coração, entendeu? Tem, o cara faz porque faz e

porque ganha dinheiro, mas a Física não, a Física envolve um aspecto emocional do cara ou da menina lá, sei lá, do indivíduo...

P: Do indivíduo.

R: Que vai atrás, entendeu? É uma coisa um pouco ideológica, uma coisa um pouco de paixão, entendeu? Que nem eu falei, não dá pra gente encerrar aqui esse assunto, mas tem algum elemento que diferencia. Então é diferente Física, Filosofia dessas outras profissões de mercado, entendeu? Por exemplo, outro dia eu passei numa faculdade particular que eles tinham o curso de banking.

P: O que que é?

R: Sei lá eu. Agora eu falei “gente, eu não consigo me imaginar na vida, eu jovem e aí cheguei na idade de ir pra faculdade eu vou fazer um curso de banking”. ((risos))

P: Nem sei o que é.

R: Um curso banking, o que é isso? Isso não é nada, entendeu? Provavelmente técnicas de como você... de como o banco faz pra explorar mais e tirar mais dinheiro dos seus clientes. Você imagina, isso não tem coração, nenhum, isso não é nada, isso não existe, isso é uma flutuação estatística. A Física não, a Física ela tem um outro contexto, ela mobiliza outros sentimentos do aluno, entendeu? Outras paixões, outras conexões. Então é isso que eu penso.

P: É isso aí então. E o perfil do aluno do Pbid?

R: Ah, o perfil do aluno do Pbid... então, geralmente é um perfil que não dá problema, né? Assim...

P: São alunos comprometidos.

R: São alunos comprometidos, alunos bons e coisas assim, mas eu já tive algumas denúncias de alunos do Pbid que tava navegando em sites inadequados...

P: Aham. Na escola?

R: Na escola. Foram pegos ali e aí depois virou um problema. Quer dizer, eu tava... nem era da coordenação na época, mas assim eu acho que isso não tira o mérito, entendeu?

P: Não dá pra generalizar.

R: Não, se alguém um dia lá numa sexta-feira resolveu ver alguma outra coisa que não era... seguia o script. ((risos)) Não sei, acho que isso não modifica nada, acho que tem que ver o resultado.

P: Não desabona...

R: Não, não desabona.

P: O trabalho como um todo.

R: Não desabona. Mas assim, uma coisa que faz muita diferença também são as pessoas que conduzem o trabalho. Então eu vejo os professores aí, a Ângela, o João e a Noemy, né?

P: Aham.

R: Eu acho que eles conduzem de um modo bastante comprometido, né? Então eu acho que isso faz uma diferença. Porque na verdade, Ana, é assim: essa coisa de educação tem várias variáveis e todas elas são importantes. Você pode ser o melhor professor do mundo, você pode tá na melhor escola do mundo, você pode tá numa escola com recurso, biblioteca, laboratório, tudo certinho, só que se o seu aluno não for bom, entendeu? Se ele não tiver interesse, se ele não tiver comprometimento você não faz nada. Não existe pedagogia pra quem não quer aprender.

P: Exat... já ouvi falar.

R: Entendeu? Então no Pbid isso funciona também. É legal, é legal, é legal, mas é legal porque todas as partes estão comprometidas porque se os professores fossem muito bons, a Ângela, João não sei o que, mas os alunos fossem apáticos eles não fariam nada. Se os alunos fossem muito bons, mas os professores fossem relapsos não sairia nada. Se os professores fossem bons e os alunos fossem bons, mas se

não tivesse se quer uma estrutura física básica, assim de sala e um espaço pra vocês trabalharem também isso comprometeria, entendeu?

P: Acho que conta bastante também a escola que recebe o Pbid, né? De deixar...

R: Então é...

P: O aluno.

R: É o que eu te falei...

P: Trabalhar.

R: São as várias variáveis. Tem outras, tem, por exemplo, as pessoas que não aparecem, que são, por exemplo, as pessoas que permitem.

P: Exatamente.

R: Então são muitas variáveis e todas têm que funcionar um pouco. Se alguma dessas der algum problema aí a equação não fecha, entendeu? Então é por isso que é complicado porque tem várias variáveis.

P: O professor por acaso sabe quantas vagas são pro Pbid aqui para o curso de Física? Quantas vagas são disponíveis pro Pbid?

R: Ah, eu tava vendo esses dias um documento... não, mas eu não lembro do número redondinho, não, não lembro. Mas assim... é porque sai um edital e aí a gente lê o edital, mas o edital é uma coisa muito grande com muita informação, né? Então assim, informações muito específicas como número a gente lê, na hora sabe, depois...

P: Esquece.

R: Esquece.

P: Aqui a UTFPR aqui ela tem dois eixos de Pbid, né? O interdisciplinar, não sei como é chamado aqui, inter ou multidisciplinar e o da Física mesmo, né?

R: Tem o da Física mesmo e tem dos outros, né, da matemática, tudo, né?

P: Aham.

R: É aí é uma questão do nome, né? De como você classifica ele, mas a ideia é essa mesmo, né?

P: O interdisciplinar, né?

R: O interdisciplinar. Nome é uma coisa que pode mudar porque nome é um pouco de modismo de época também, né? Mas é basicamente assim mesmo, uma visão geral que envolveria supostamente todas as licenciaturas...

P: Todas.

R: Inclusive essas questões estão sendo muito discutidas agora nos fóruns, que eles chamam de Folic, Fóruns das Licenciaturas. E aí tem a questão específica de um curso específico. O curso de licenciatura em Física ele foi muito elogiado no último fórum das licenciaturas, não é nem por minha causa porque eu cheguei agora na coordenação, né? A gente tem que dizer que esse trabalho é um trabalho que já vem assim há um certo e teria que dar esse crédito aos coordenadores antigos e professores antigos, né, a Ângela, a Rita que pegaram. Mas aí antes disso também não tem mais nada porque o curso já não existia.

P: Já não existia, né?

R: Entendeu? Mas assim, em princípio é isso. Só que mesmo isso está sendo rediscutido, tudo está sendo, vamos dizer assim, questionado numa certa medida e eu não sei se essas mudanças que vem por aí serão boas, eu tenho dúvidas porque me parece que a gente vive uma ditadura civil no momento, né?

P: Sim.

R: E dentro de uma ditadura civil ou militar, ou de qualquer outro tipo, né? O movimento que você sempre vê é o de centralização, entendeu? Democracias elas são justamente democráticas, colegiadas, a gente abre...

P: Não são centralizadas, né?

R: E a gente tá vivendo um momento contrário, tudo está centralizando, entendeu? Então agora existe uma secretaria geral, bobagem, tudo isso é centralização pra que seja mais fácil mandar e desmandar, né? Só que a preocupação com os aspectos pedagógicos, as consequências pra sociedade, nada disso importante, o que importa é que a gerência é o eixo principal, quando na verdade não é, né? Então vamos gerir, vamos trabalhar e vamos centralizar tudo. Então a gente tá exatamente nesse momento agora, todo movimento que tá acontecendo e que vai pegar o Pbid e também vai pegar outras coisas, como por exemplo os colegiados, é um movimento centralizados segundo a ótica administrativa, então a gente preenche tudo com administrativismo onde a tarefa administrativa é a mais importante de todas, não importa atividade docente, de pesquisa, de não sei o que lá, de Pbid, de formação, o que importa é números e centralização de poder. Então não sei, essa questão... tudo bem, é assim como você falou, em princípio esses dois eixos, mas eu não sei se pode ter mudanças porque nós estamos bem no meio disso. Agora, no mês passado, no mês nove de 17, houve um fórum, muita briga, não se fechou nada, mas os movimentos continuam. Então hoje eu já recebi um e-mail de que essas discussões têm que continuar, não sei o que, em fevereiro vai ter outro. Então eu não sei que medida o Pbid vai...

P: Vai ser afetado.

R: Vai ser afetado. Porque todo o sistema educacional está sendo afetado, entendeu?

P: Entendi.

R: Tudo está sendo centralizado, porque não sei o que, vamos a gestão, você só ouve falar de gestão, gestão, gestão, mas você não ouve falar, por exemplo, de aspectos pedagógicos, aspectos éticos, o que os profissionais que são profissionais da educação pensam, então leva em consideração só o que o profissional administrativo que é uma figura colocada lá, ele não é um cara da educação, ele é um cara colocado lá por um outro administrador que tá acima dele. Então nós estamos nesse momento difícil então não sei o que vai acontecer, fica em aberto.

P: Então tá. Aguardar aí, né? Então como que a instituição aqui ela escolhe as escolas que vão participar do Pbid. Então, por exemplo, uma das regras que tá no edital do Pbid é que a escola que vai receber o programa tem que ter baixo Ideb, alto índice de evasão escolar e o Pbid entra pra tomar ações com isso, né? Então o professor sabe me dizer como que é feita essa seleção? Se são escolas perto? Se são escolas longe?

R: É, é o que eu falei pra você, eu acho que essa entrevista tinha que ser feita com o professor João, né? É o cara que cuida disso há muito tempo. Não, não sei como é feito isso, não sei como é feito isso, mas por exemplo, existe alguns fatores que são importantes nessa escolha e que não tem a ver tanto com a distância, sabe? Porque a escola é aqui do lado. Então tem uma lista de critérios que são assim lidos, né, e seguidos. Mas isso também é uma coisa que pode mudar a partir de fevereiro agora de 2018, entendeu? Por quê? Porque nesses fóruns das licenciaturas eles tão mexendo em todos os aspectos da licenciatura, entendeu? Pbid...

P: Esses fóruns têm a ver com a reforma do Ensino Médio? Vai acabar chegando uma hora na...

R: Sim.

P: Nas universidades, né, pro curso de...

R: Sim, tem a ver, tem a ver. Eles têm a ver e eles decorrem de fatores internos da universidade e também de fatores externos dessa nova secretaria que foi criada dentro do MEC. Que era uma proposta que o governador de São Paulo antigo, o Serra, fez uma vez, ele tentou fechar a USP...

P: PSDB, né?

R: PSDB. Ele tentou “não, uma secretaria que unifique tudo”. Na verdade, você sabe que ele passou a mão lá em 25 milhões, a fortuna dele é de 400 milhões de dólares. Como que um governador...

P: Vai ter tudo isso?

R: Tudo isso.

P: Justifica isso.

R: Então como que ele faz isso? Centralizando.

P: Ai, acho que eu já ouvi, tem um nome esse programa, né? É uma ação, ela tem um programa, tem um nome esse programa. E começou por São Paulo mesmo...

R: Não, começou por São Paulo, São Paulo que começou.

P: Que na verdade, não sei se é o mesmo que eu tô lembrando, mas não tô conseguindo dar nome, que eles unificam ali...

R: É.

P: Mas eles passam parte pra iniciativa privada...

R: Sim.

P: É esse mesmo?

R: Também é esse. Porque com a unificação fica muito mais fácil você dar os próximos passos porque você manda em tudo, não tem essa de democracia em que eu vou ouvir você que é uma pessoa que entende de educação, não quero saber o que você entende de educação. O que eu tenho que saber é que eu, administrador, tenho o domínio centralizado na minha mão de todo esse processo, entendeu?

P: Eu acho que é isso mesmo.

R: É exatamente isso. E aí começou com São Paulo, agora infelizmente veio pro Paraná porque esse...

P: Governo é alinhado.

R: Governo é alinhado e a gente teria que cortar isso, né? Mas não tem como a não ser nas eleições. É que tá tudo centralizado, né? Nós temos uma escola que não forma pessoas com opinião política e nós temos uma televisão muito forte.

P: A mídia, né? Muito forte.

R: A mídia em geral, mas especificamente um canal de televisão – que você já deve saber qual é – que assim, em qualquer lugar que você entra pra cortar o cabelo, você entra no consultório do dentista...

P: É lá.

R: Tá ligado nesse canal. Isso me lembra um livro de 1984 do George Orwell que eu li quando eu tava na escola que era O Grande Irmão, que tem até o Big Brother hoje, mas a ideia é mais ou menos assim: de que havia um dedo do poder dentro de cada nicho da sociedade, que seja um posto de gasolina, que seja uma padaria, entendeu? Outro dia eu fui fazer um exame médico, né, eu deitei lá porque era uma ressonância da mão porque eu tô com esse problema que eu tenho que fazer a fisioterapia, né? Aí eu deitei assim, aí a moça pôs minha mão não sei o que lá, imobilizou pra fazer a ressonância, daqui a pouco começou blábláblá, aquela falação no ambiente, quando eu vi ela ligou uma televisão na minha frente e ela tinha falado que se tivesse algum problema pra eu apertar o botão que ela vinha correndo, aí eu comecei no botão, sabe? E aí ela veio correndo “tudo bem? Tudo bem?” eu falei “não, não tá tudo bem, desliga essa porcaria” ela levou um choque, ela levou um choque. Porque na cabeça dela eu ia adorar ver aquilo e, na verdade, eu tava sossegado e aí ela ligou, entendeu? E é isso. Então assim, a informação também tá centralizada então assim, não sou sociólogo, mas dá pra gente ver que esses movimentos de centralização têm a ver com uma sociedade extremamente atrasada, entendeu? E nada democrática, que é o momento que a gente tá vivendo hoje. A sociedade brasileira é muito arcaica, entendeu? De valores, de escola, de economia. É que assim, o Brasil é tão grande que ele se impõe naturalmente, mas não que haja um planejamento mesmo da economia, entendeu?

P: Nunca, né?

R: Nada disso.

P: Então tá professor. Como que o professor então estabelece a relação universidade, programa e escola?

R: É, na verdade a universidade tem canais pra isso. Por exemplo, o evento que tá tendo aqui do lado ele não foi assim o coordenador ou o professor que foi buscar

então existem programas e departamentos dentro da universidade que cuidam disso, entendeu? Então o tempo todo eles conversam com a gente “olha, tá aberto o edital pra, por exemplo, Pbid” “tá aberto edital pra (hashtag)”, enfim, todos esses, vamos dizer assim, eventos eles são mediados por estruturas formais dentro da universidade que faz isso, entendeu? Então eles são na verdade profissionais de comunicação, profissionais diferentes, entendeu? E aí depois eles contatam ou a coordenação, ou um professor responsável por alguma coisa e aí o evento se estabelece, entendeu? Por exemplo, que nem eu falei a (hashtag). Aqui tem um órgão ligado a própria (Dirgrad) que me contatou, entendeu? Me mandaram e-mail, depois vieram aqui, aí se tinha interesse, se não sei o que, aí eu falei que sim e aí fui, expus lá umas coisas que eles queriam saber. E a gente vai estreitando os laços até que a gente fecha, entendeu? E aí depois parte pras etapas de execução. Aí conversei com o professor Lenzi, conversei com os alunos, aí vai organizando mesmo...

P: Vai tomando corpo.

R: É, vai tomando corpo. Porque inicialmente é uma... agora, isso é o que a universidade faz dentro dos seus órgãos e dos seus profissionais que estão aí pra isso. Porém, pode acontecer também de algum professor ou de algum aluno sugerir algum evento e esse evento toma corpo, ele é discutido e as ideias são partilhadas, as sugestões são dadas...

P: A semana acadêmica, por exemplo.

R: Por exemplo, semana acadêmica que é uma coisa de iniciativa dos alunos, aí depende muito de “ah, fulano conhece um físico que trabalha lá na sessão de criminalística e faz assim exames com a Física Forense que é uma física bem específica praquele mundo criminalístico” e aí então pode acontecer também. Então temos um canal específico pra isso, mas uma vez surgido alguma ideia do próprio meio que eventualmente tem apoio, a gente leva a ideia e aí a coisa também se concretiza.

P: Entendi.

R: Tá bom? Então são dois canais.

P: E o programa Pbid e escola, qual é essa relação? Universidade, programa Pbid e a escola.

R: Então o Pbid, aí é que tá, o Pbid ele é institucional, né? Sai edital do Pbid e quando sai o edital do Pbid aí sai todas as normas, entendeu? Geralmente isso daí tem os professores específicos que fazem isso, no caso aqui são três, mas é um edital que ele tem uma época certa pra ser publicado, aí tem os prazos de inscrição, de (distribuição)...

P: Entrega de documento.

R: Entrega do que for pedido lá, documento ou então outros materiais. E aí você vai seguindo um cronograma...

P: Um trâmite.

R: Que tem assim as etapas, entendeu? E o processo. Agora, independente disso o Pbid é uma coisa que interessa ao departamento. Ele é um programa... eu diria que o Pbid é uma espécie de filé mignon dentro de uma certa visão. Por quê? Porque ele traz uma visibilidade, entendeu, a universidade tem uma certa pontuação também de participar e tal, e ele vai tá formando aqueles profissionais que geralmente – isso é uma estatística um pouco ampla, mas geralmente os professores que trabalham em Pbid, quando eles vão prestar um concurso futuro... isso já é uma coisa, não tá escrito em lugar nenhum, mas eu já vi várias vezes. Então existe uma atenção dobrada de uma possível banca que vai avaliar um candidato se ele já tem Pbid, entendeu? Por quê? Porque ele é um cara... dentro do ambiente acadêmico ele tem uma preparação ainda um pouco mais...

(...)

R: O Pbid é uma espécie de filé mignon, ou seja, são alunos selecionados, todos os alunos são bons, né? Com algumas exceções. Mas aí esses alunos são selecionados e eles têm uma espécie de treinamento intensivo para docência então isso é muito interessante, entendeu?

P: Entendi.

R: Então muitos deles ocupam futuro cargo de professores das universidades públicas.

P: Públicas. O que os alunos do programa, do Pbid, eles trazem de positivo ou de negativo pra graduação?

R: Olha, isso é uma coisa, puxa... eu acho que tudo está em aberto, né? Pode ser positivo ou pode ser negativo. De positivo você tem o fato de que eles... de certa forma eles são um modelo, né, para o curso como um todo, né? Eles são alunos com potencial que está sendo desenvolvido e por fim eles têm um retorno no sentido que eles têm uma produção acadêmica. Entendeu? Então isso é muito expressivo. De negativo eu acho que não tem assim um aspecto negativo propriamente dito, eu não vejo. O que tem assim talvez de problema é quando surgem críticas, né? Então, por exemplo, aqui o Pbid tem algumas críticas de outras partes do departamento. Tipo assim “ah, esses caras não fazem nada”, entendeu? Quer dizer, mas aí é uma coisa do departamento que tem outras pessoas que fazem outras coisas que acham que essas outras coisas são mais importantes. Por quê? Porque você entende isso dentro da problemática geral de não valorização dos professores.

P: É isso que eu ia falar.

R: E o que mais me deixa doido com essa história é que assim: esses outros que mexem com engenharia aplicada e não sei o que, de empresário e não sei o que, todos eles criticam os professores e depois no final todos eles viram professores e viram professores péssimos porque não tiveram nenhum treinamento, sistematizar conteúdos então eles jogam aí “você tem que estudar 100 páginas...” entendeu? Então não sei, pra mim é uma questão de ponto de vista mesmo.

P: Aham. Então tá. E o que que os alunos da graduação eles levam pro Pbid, no caso pras escolas, de positivo e de negativo? Ou negativo, né?

R: Então, eu acho assim: os alunos eles levam... bom, a primeira coisa que a gente tem que observar é o nível de excelência que eles têm. Então eles são professores que sabem mais do que a média dos professores que atuam no mercado, né? Eles sabem mais porque eles têm uma formação melhor, eles estudam de modo direcionado um determinado problema, então eles levam isso. De negativo eu

também acho que não tem propriamente assim um aspecto negativo porque esse programa ele é um programa que ele soma, é um programa específico de formação de futuros docentes, né? O que talvez possa ser negativo numa perspectiva assim um pouco mais livre, né, seria o fato de – isso eu já vi acontecer também em outros Pbids – que o aluno ele tá aqui dentro, então isso daqui é uma espécie de bolha também. Então ele não tem contato direto com uma certa realidade social, entendeu? Então ele acha ou pode achar que tudo é extremamente controlado como ele vê aqui dentro. E quando chega na escola ele leva um susto, entendeu? Porque imagina aqui o cara que tá estudando a teoria da relatividade, tá aí com os professores muito bons da área, o (Marlos) e outros. Então é uma coisa... dá um prazer intelectual, assim uma sensação muito boa. Aí você chega lá na escolinha, lá não sei da onde e tem alunos com...

P: Dificuldade.

R: Dificuldade...

P: Básica.

R: Básica de existência, não é de entender a teoria da relatividade, ele tá vivo, entendeu? Então existe um choque, como a gente tem o choque térmico, o choque osmótico, o choque de pressão não sei da onde, eu acho que a gente tem também um choque de...

P: Culturas.

R: Culturas. Entendeu?

P: Exatamente.

R: E esse choque de cultura pode gerar algum problema. Mas assim, não sei se você entende o meu ponto de vista, eu acho que ele se faz necessário, entendeu? Porque você... justamente é você que tem que levar aquela cultura pra ele. Só que em algum momento ele pode ter um estranhamento ou uma reação a isso, eu vi muito isso acontecer, né? Tipo assim, aluno que queria... porque eu trabalhei muitos anos em escola pública então o aluno estava preocupado com o rap, com o rap. E aí

chega o professor pra falar de coisas que ele não queria ouvir, entendeu? Então é um choque de cultura, então até uma certa violência, mas assim eu acho que é um choque natural que acontece sempre, e aí depois as pessoas vão se acomodando.

P: É interessante, professor, falar porque o outro coordenador já me falou isso também.

R: É, eu vi muito isso também...

P: Que ele até falou assim com relação à essa pergunta, né? Que o aluno quando ele vai pra uma instituição assim muito carente, muito... com o Ideb muito baixo...

R: Isso.

P: Ele tem um choque e alguns desistem da docência.

R: Eu vi, eu vi. Isso pode... isso pode causar mudança de profissão, entendeu? O cara muda de profissão “ah, não vou fazer isso mais, eu vou fazer outra coisa”. Porque eu, quando eu estudei, eu fiz acho que o melhor curso de Física no Brasil, entendeu? Tinha tudo, eu conhecia até prêmio Nobel, entendeu? Tá. Aí fui pra escolinha estadual, entendeu? No primeiro dia eu quase enfartei, entendeu? Eu quase enfartei porque eles não tinham o básico...

P: O básico.

R: E aí cria esse choque que é o... vamos dar um nome pra esse choque? A gente dá um nome e patenteia como autores.

P: Tá.

R: Sei lá...

P: Ai, difícil achar um nome.

R: Choque sei lá, cultural escolar, uma coisa assim.

P: É, que é grande.

R: Porque é isso que acontece.

P: É verdade. Os alunos, professor, egressos do curso de Física, os que já se formaram, em sua maioria professor, sabe se eles estão atuando em sala de aula?

R: Então, dos alunos que saíram da Física eu não sei qual é a porcentagem, mas todos estão ou empregados ou na pós-graduação. Entendeu? Então essa formação que eles têm eles permite dar aula ou eles permite concorrer à um programa de pós-graduação e eles entram, teve menino que entrou na federal, teve gente que entrou aqui no próprio curso, você conhece. Estão aí, entendeu? Então assim, isso é uma porcentagem de sucesso no curso, mesmo.

P: Sim, com certeza.

R: E qual contribuição, professor, o professor vê com a experiência e tudo que o professor tem, do Pbid na formação desse futuro docente?

P: Ah, eu acho que isso eu já até falei, né? Eu acho que o Pbid ele é um programa intensivo de formação de docente, entendeu? Então se o aluno médio do curso, passa pelo curso e ele se forma um bom profissional, o aluno de Pbid ele vai ser um ótimo profissional. Por quê? Porque ele pegou um tema específico, aprofundou mais, seguiu uma metodologia, apresentou trabalho em congresso, então ele tem um aprofundamento desse treinamento geral que vem no curso para atuar como docente. Então seria isso, seria um reforço, um super-reforço, né?

R: Um super-reforço.

P: Super-reforço.

R: Pra você formar esse profissional.

(...)

(Fim da transcrição)

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente

(inint 00:00) – Trecho sem compreensão.

(palavra 1 / palavra 2) → incerteza da palavra / hipótese alternativa.

((palavra)) → comentários da transcrição.

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Áudio: UTFPR- 2

Duração: 00:52:59

(Início)

(...)

R: Então tá. O Reuni, ele veio... ele é um programa do governo, né, há uns anos atrás pra dar verba pra que fossem criados novos cursos e cursos prioritários nas universidades. E ele veio pra o UTFPR como foi abarcado por várias universidades do Brasil afora, as federais. Só que o problema é o seguinte: a partir do momento que essa verba do Reuni a universidade, a UTFPR elencou os cursos novos que eu abri, que entraram no projeto de desenvolvimento institucional, o PDI, né? Então já tinham certos os cursos que iam entrar e esses cursos eles eram cursos diferentes daqueles que já existiam na universidade até então que eram os cursos da engenharia. Então vieram os cursos da área e humanas, da área de exatas, das licenciaturas, os bacharelados, além dos bacharelados, as licenciaturas abriram com os bacharelados também, mas o grosso foram as licenciaturas. E junto com essa verba vieram vagas pra contratação de professores e foi aí que a UTFPR pôde oferecer todos os cursos de licenciatura que nós temos hoje, alguns bacharelados como a Educação Física, e outros cursos que se fortaleceram. Só que veja: quando veio isso daí não só os cursos novos se beneficiaram porque até (inint 00:01:47) pra montar laboratório, você vê, nosso curso de licenciatura até hoje não tem laboratório. Nosso almoxarifado do departamento acadêmico de física tem equipamentos da década de 70, 80.

P: Eles aproveitam o que era do técnico.

R: Eles aproveitaram o que era do técnico. Então essa verba, entre aspas, que veio do Reuni para os cursos novos ela vem assim ela vem para a reitoria, a reitoria é que decide pra quais cursos ela vai administrar esse dinheiro e é claro os cursos novos que abriram. Não só no campus Curitiba como em todos os campus que tinham na época, né? Os campus do interior. Só que o que que aconteceu? Quem... na hora de distribuir isso daí algumas vagas escorregaram pra outros cursos já existentes...

P: Entendi.

R: Né? Uma boa parte da verba também escorregou pra cursos já existentes. Então acabou consolidando cursos que já estavam consolidados, quer dizer, ele consolidou não, perdão, ele fortaleceu cursos que já estavam consolidados e deixou à deriva os cursos novos porque a contratação foi pequena de professores e vieram bastante vagas. Essas vagas em parte foram pra cursos que já tinham bastante professor...

P: Bastante professor, né? Já tinha um quadro, no caso.

R: Exato, já tinha um quadro todo formado então eles viram infelizmente como uma oportunidade de fortalecer outros departamentos dentro da UTFPR. Essa é uma grande crítica minha que eu sempre fiz à má utilização de verba do Reuni. E os cursos novos até hoje tem que disputar vagas por conta dessa deficiência, a gente tem que viver mendigando vagas e tendo que justificar ano após ano após ano o porquê que nós precisamos contratar professores específicos da área de licenciatura.

P: É, a gente tem problema mesmo, né, com professor, por exemplo, que não consegue. Semestre que vem, se não me engano, não tem professor pra teoria, né?

R: É. Mas veja, aí é que tá: foram feitas contratações, aí é uma política que vai de cima pra baixo, além dessa grande tem a do departamento. No departamento de física vieram vagas, tá. Aí vamos supor, a gente brigou, brigou, brigou, quando eu era coordenadora de curso briguei muito por vagas pra licenciatura, conseguimos as vagas, mas o departamento tem uma chefia, um chefe de departamento que está acima dos coordenadores de curso. E aí é ele, junto com o conselho do

departamento que direcionam as vagas quando elas vêm. E muitas vezes nem sempre isso é tão democrático quanto a gente gostaria. E muitas vezes o professor é contratado e ele vem com um propósito, ele promete mundos e fundos na hora do concurso público “não, eu vou atuar em tal área porque eu tenho projetos, eu posso atuar em tal grupo de pesquisa na área de ensino” ele entra e debanda pro outro lado, ele não cumpre aquilo que ele prometeu.

P: Sim.

R: E a gente teve contratações pra licenciatura que desviaram totalmente, como nós tivemos contratações, por exemplo, pra radiologia e pra dar aula pras engenharias que vieram pras licenciaturas. Então eu acho que no final das contas uma coisa acabou compensando a outra. Mas que os departamentos sofreram muitos, os novos por conta...

P: Má distribuição...

R: Da má distribuição de verba e de vagas sofreu, sofremos até hoje. Tudo é muito difícil pra nós.

P: E assim, eu vejo como por exemplo, não vou dizer tolice, mas até um desperdício porque o curso que já está consolidado no mercado ele já é reconhecido pela população, pelo mercado de trabalho, seria hora de investir em novos cursos, né? Pra ficar em pé de igualdade, pra universidade crescer por inteira, não crescer em degraus.

R: Isso eu acho que é um pouco de inexperiência de gestão, de quem tá no topo. É um pouco de falta de experiênc... foi um pouco na época porque eles estavam tão acostumados com uma política de gestão de engenharia, de CEFET, como é até hoje, você vê que quem tá na direção, na diretoria do campus e quem está na reitoria... eu digo assim, os diretores, os pró-reitores, veja de onde eles são, de qual departamento eles são: engenharia todos eles. Até quem atua na área da graduação, das licenciaturas, que cuida das licenciaturas, a equipe é formada de 10, nove são engenheiros e tentando decidir a vida de todos os cursos.

P: De todos os cursos.

R: Então eles, vamos assim dizer, eles direcionam mesmo pra área deles, né? E isso é uma pena porque nem oportunidade de agregar pessoas, ele (bah) bloqueia mesmo, de entrar pessoas de outras áreas eles permitem...

P: E outras ideias...

R: Nesses cargos de decisão, né, nos cargos que decidem. Porque nos cargos que são os assessores e os auxiliares até tem, como é o meu caso que está aqui, né? Mas em cargos de decisão nós não chegamos.

P: Nossa, que política fechada, né?

R: É, é uma política muito forte dentro da universidade.

P: A gente às vezes não tem noção como aluno assim de como é os trâmites políticos porque envolve muita política.

R: Porque quer queira quer não, a gente fala do acadêmico e é o que eu sempre falo para os meus colegas do departamento “não existe vida acadêmica separada da vida política”...

P: Não existe.

R: A política ela move o acadêmico, infelizmente ela tá atrelada. E se você não tem pessoas do teu departamento que são envolvidas na política o departamento sofre.

P: Exatamente. Complicado, né?

R: Uhum.

P: Assim, então um dos motivos que criou o Reuni, que o governo criou esse programa Reuni foi diminuir a evasão, né? Porque ele queria investir nos cursos de licenciatura, né?

R: Uhum.

P: Então ele queria que tivesse mais professores, formar mais professores numa tentativa até de diminuir a evasão escolar à nível médio e também à nível superior já

que a gente sabe que o curso de licenciatura em física, por exemplo, tem um índice de evasão assim... mais na área das exatas, no geral, tem um índice de evasão bem grande. Então nesse contexto como a senhora analisa, em especial o Reuni, as políticas públicas para a educação superior? Em especial para o curso de licenciatura.

R: Olha, o Reuni ele teve seus méritos, ele não... eu acho que ele não atacou a evasão, ele possibilitou abertura de cursos e a continuidade desses cursos. Agora, o que segura aluno na universidade vai muito além da universidade, né? Começa quando você é um estudante do Ensino Médio e você vai decidir qual vai ser a carreira que você vai seguir na universidade, geralmente esse aluno, esse estudante ou os pais, a família que tá por detrás dele olha além da universidade, olha pro mercado de trabalho.

P: (inint 00:09:51) a primeira...

R: E aí o que que acontece? A nossa sociedade, os Governos Federais não investem... e municipais, o investimento na área de educação é péssimo, as condições de trabalho são precárias na rede pública, né? Então se o estudante for pensar em fazer uma licenciatura e olhar para a rede pública, ele dificilmente vai escolher uma licenciatura por amor à profissão, né? Agora, vamos supor, pra esse universo que ingressou... então a gente tem um problema que vem de cima pra baixo: do Governo Federal, do Governo Estadual e do Governo Municipal. Os três governos é uma política de estado, política de município, de... eles não... é cultura do Brasil: não se investe em educação.

P: Não aparece, né?

R: Ponto. Não aparece, é como saúde, educação fica em escanteio. E o que que acontece nesse âmbito? Todos os programas que vieram pra tentar fortalecer, pra tentar motivar a ida dos jovens para as licenciaturas, pra promover que esses jovens depois seguissem carreira depois de formados, por exemplo, o Pibid foi um deles, a gente teve o... ai, tinha um programa que eu esqueci agora o nome que era um outro programa paralelo ao Pibid, mas aí ele trazia verbas, ele trazia dinheiro, ele trazia recursos pra docência. Ele trazia recursos, a universidade tinha que fazer um

projeto, ele trazia verbas e essa verba era aplicada pra fortalecimento das licenciaturas. Com qual objetivo? Fazer um curso forte pra que o aluno pudesse de manter no curso. Agora veja, dentro da universidade, vamos supor, passado... vamos supor que mesmo assim com toda essa visão de futuro porque o aluno não sabe o que ele poder fazer muitas vezes depois que ele se formar, ele acha que ele tá fadado a só dar aula no Ensino Médio, né?

P: Só sala de aula.

R: Só sala de aula. Vamos supor que ele opte mesmo assim e ele venha e ele goste do curso como muitos acabam ficando. A universidade eu acho que ela tem que propiciar várias coisas, a universidade e o governo paralelamente, várias coisas pra manter, pra abaixar o índice de evasão nos cursos. Primeiro: tem que ter uma matriz curricular que não deixe um abismo enorme entre a formação dele no Ensino Médio e a formação que ele começa pelo Ensino Superior.

P: Uhum, isso é importante.

R: Eu acho isso muito importante. Nós fizemos isso na nossa licenciatura em Física, foi uma discussão de quase três anos no colegiado e no docente núcleo docente estruturante, o NDE, onde nós discutimos o grupo todo junto com alunos os regressos do curso, colhemos sugestões de todo mundo, começou com a Rita quando ela era coordenadora, terminou comigo na minha gestão à frente da licenciatura. E durante três anos nós discutimos exaustivamente todas as mudanças que a gente podia fazer. Então nós procuramos fazer uma matriz curricular que permitisse ao aluno progredir lentamente no curso, começando com uma base pra fortalecer as deficiências que ele tinha do Ensino Médio.

P: Ensino Médio. E que são muitas, né?

R: Nossa, é um abismo quando o aluno entra na faculdade e o jogar coitadinho logo de cara em cálculo um, álgebra linear e geometria analítica e fundamento da física experimental é um crime, fora fundamentos da física básica que tinha. Daí nós mudamos radicalmente o primeiro ano do curso, os dois primeiros períodos. Então veja, o primeiro passo que eu acho que tem que ser dados, que os cursos de licenciatura têm que olhar é fazer um estudo contínuo, uma forma de avaliação

continua do curso pra saber quais são os pontos, os gargalos, os nós que tem o curso, onde que os alunos estão enroscando se é que existe, em qual período? Em qual disciplina? Que sejam identificados os problemas do primeiro até o último período do curso. O que que tá fazendo de repente o aluno desistir? É problema financeiro? É o curso que tá muito difícil? É a cada ano o desnível entre o Ensino Médio e Superior fica maior? Outra coisa: professores certos nas disciplinas certas.

P: Nas disciplinas certas.

R: Não adianta você querer (entachar) um quadrado num círculo, né? Não adianta. Então um cuidado que eu tomava quando eu era coordenadora: eu jamais chamava um professor errado... errado assim, não é errado, mas cada um tem uma vocação pra uma disciplina...

P: E assim...

R: E um perfil.

P: Um perfil, é isso que eu ia falar, perfil.

R: Cada um tem um perfil, teve uma formação, teve sua graduação até o seu doutorado, uns tem formação mais experimental, outros mais teórica, outros mais na área de ensino, alguns gostam mais de disciplina de final de curso, outros gostam de lidar com calouros, tem N perfil. Então você lidar com essa pluralidade de perfis e acertar leva um tempo. Se bem que o nosso curso agora eu acho que tá de bom tamanho, acho que acertou bastante, entre acertos e erros tem mais acertos do que erros.

P: Mais acertos do que erros, né?

R: Sempre vão existir erros, a gente sempre tem que consertar. Então esse também é um dos pontos que tem que ter no curso, porque um único professor pode...

P: Acabar com a turma inteira.

R: Acabar com a turma inteira. E se acabar com aquela turma vai ficar um vazio nos períodos seguintes.

P: E sem contar que assim, o aluno ele comenta, né? O tal professor...

R: É, fuja de tal de professor.

P: Fuja. E daí você vê assim eles desviando...

R: Na matrícula eles desviando e procurando outros professores.

P: Na federal acontecia muito isso.

R: Ou vão fazer a disciplina na federal pra escapar dos professores daqui.

P: Na federal, quando eu me matriculava lá, não sabia quem era o professor antes.

R: Ah tá.

P: Daí quando saía a lista de material a sala do Marcos ficava cheia “quero corrigir minha matrícula” “quero passar pra turma tal” “eu quero...”

R: Aham.

P: Porque era isso que acontecia.

R: Pois é. Então, eu acho que primeiro então: uma avaliação permanente do curso, do corpo docente, do corpo discente, da evolução dos alunos, é uma avaliação permanente ao longo do curso. E escolher bem os professores, dentro da unive... e a universidade é abraçar as licenciaturas, dar suporte pra que o aluno sinta que ele tem a universidade do lado dele.

P: Um amparo também.

R: E tem os programas que vem, por exemplo, para alunos mais carente, para alunos que precisam se manter na universidade tem aquele programa...

P: Auxílio Estudantil.

R: Auxílio Estudantil.

P: É bem interessante o programa.

R: Foi.

P: Nossa, eu acho muito bom.

R: Ajuda muito os alunos...

P: Os alunos a jantar, ter alimentação, acho bem importante isso mesmo.

R: É o que a universidade pode oferecer e eu acho que pode oferecer mais, pode oferecer, por exemplo, um lugar pro aluno estudar com sossego, ter mais lugares de estudo, uma biblioteca bem equipe onde o aluno possa retirar os livros e não ter que... alguns compram, né? Quem tem dinheiro acaba comprando alguns livros porque gosta, mas nem todo mundo pode comprar, a maioria não pode.

P: E é caro, né?

R: São caros, nossa...

P: São caros.

R: Livro é muito caro. Daí... toda essa infraestrutura que a universidade tem que proporcionar. Agora, esses programas que vem como Pibid, a Pró-Docência, até o Life que é um laboratório interdisciplinar de educação que trouxe equipamento e verba também pra equipar as licenciaturas que eu também fiz parte desse projeto, desses três, eles vieram assim... o Pibid dá bolsa pro aluno, o Pibid ele mantém o aluno...

P: O aluno.

R: Ele leva o aluno pra sala de aula, é muito diferente do Pró-Docência e do Life, o Life só traz equipamento.

P: É, o Pró-Docência, ele dá a verba ali, mas também tem a gestão humana ali que a gente não sabe como é que chega também tudo isso, né?

R: É. E como que a coisa é partilhada?

P: Isso, exatamente.

R: Se bem que dos males o menor, na UTFPR ainda a coisa ainda é partilhada de forma...

P: Igualitária.

R: Igualitária. De outras universidades eu já não posso dizer porque eu desconheço, mas aqui pelo menos pelo que eu participei, sabe? Reunião todos os coordenadores de licenciatura e a coisa era...

P: Que bom.

R: Era bem transparente.

P: Que bom, né, porque às vezes a gente se depara com algumas coisas.

R: Uhum.

P: Mas do Reuni era isso mesmo, só pra gente entender melhor.

R: Tá.

P: Do Pibid professora então. Desde quando ela tem aqui o Pibid implementado?

R: 2009.

P: Desde 2009? E ela tem o Pibid específico que é o Pibid de física...

R: Ela tem os Pibids das áreas específicas e o interdisciplinar.

P: E o interdisciplinar.

R: E o interdisciplinar. E isso na maioria dos 13 campus da UTFPR. Tá espalhado pelo interior também, não são todos que tem, alguns não tem, por exemplo, Ponta Grossa não tem Pibid.

P: Não tem?

R: Santa Helena não tem Pibid por causa da natureza dos cursos, tem que ter licenciatura.

P: Não tem licenciatura em Ponta Grossa? Eu acho que tinha.

R: Tem uma licenciatura, mas assim, a licenciatura quando ela foi criada não tinha aberto edital...

P: Ah, entendi.

R: Ingresso de nova turma, um projeto, né? Então a turma foi criada, o projeto foi anterior e aí ele tem validade por quatro anos e...

P: E ficou esse buraco aí.

R: Uhum.

P: Então, e qual o perfil do aluno que ingressa no curso de Física?

R: De Física?

P: De Física?

R: Específico. Bom, ele tem que tá do segundo ao oitavo período preferencialmente, alunos de primeiro período eles podem entrar também, desde que sobre vagas, né, ocupadas por todos segundo ao oitavo. Aí a cada edital é lançado um número X de vagas, depende da demanda, é por demanda. O perfil: ele é um aluno que não tem muitas reprovações, ele não pode dever mais do que cinco disciplinas como dependência, né? Ele é um aluno que tem que ter boas notas, quanto melhor o coeficiente de rendimento dele maior a probabilidade dele conseguir a vaga, tem que ser um aluno dinâmico, tem que ser um aluno que...

P: Proativo.

R: Que goste de sala de aula. Já aconteceu muito do estudante ingressas no Pibid, atuar uma semana na sala de aula, um mês vamos assim dizer pra dar tempo dele... ele teve o contato com a sala de aula, porque aí ele vai pra sala de aula pra escola, ele vê a realidade, o chão da escola. E ele fala “não, não é isso que eu quero...”

P: Não é isso.

R: “não é isso, tô fora”. E desistir até do curso.

P: Sabe que professora, é uma fala comum com os coordenadores que eu andei conversando de Pibid, de curso, que alunos muitos do que entra no Pibid quando se depara com a realidade da sala de aula os que não desistem do curso eles acabam a licenciatura, mas eles vão pra área de pesquisa, mestrado...

R: Isso.

P: Eles não querem saber de sala de aula, e não são poucos alunos. Isso não é regra, mas tem um grande número de alunos que faz isso.

R: A primeira grande... o primeiro grande edital que nós tivemos o Pibid foi em 2009. Olha, do grosso que passou pelo Pibid, que eu estou no Pibid praticamente desde o início, né? Eu tô há seis anos coordenando o Pibid, poucos foram pra sala de aula. Muitos foram pra editar, outros foram dar... assim, foram pra sala, mas não pra pública, eles foram pra particular. Ou foram trabalhar em editoras, ou foram fazer mestrado, foram investir num doutorado, eles não ficaram no Pibid. E também tem um outro detalhe: o nosso Pibid até o ano passado, até o meio desse ano, perdão, ele permitia convalidação do estágio quatro. Então muitos estudantes ingressavam pra liberar o estágio quatro, não pelo amor à iniciação à docência.

P: Então, esse foi o ponto que eu fiz estágio quatro esse semestre e eu já dei aula no estado, esse ano dou aula em escola particular, matemática que eu dou aula. E quando a gente apresentou essa semana, semana passada, sexta-feira o relatório, o Álvaro ele fez uma pergunta, ele perguntou “você acha que a tua experiência profissional substitui o estágio quatro?” E eu assim, experiência minha, né? Quando eu fiquei sabendo que eu não ia poder convalidar com todo tempo que eu dei aula, eu falei “meu Deus, eu vou ter que fazer estágio quatro no dia da minha folga, vou ter que ir terça, vou ter que ir quarta, vou ter que ir quinta, não acredito”, mas chegou no final eu vi que não convalidaria mesmo porque eu tinha uma assistência do professor ali comigo, uma supervisão, ele tava ali sempre ajudando na hora tudo que acontecia, coisas que em sala de aula se você não sabe você fala assim “eu já venho, vou ali olhar, vou pesquisar, amanhã eu trago” e ali não, ali era na hora.

R: É, mas veja: há uma diferença. O PSS tá sozinho.

P: Então, isso que eu tô falando...

R: Ele não tem orientação.

P: É exatamente isso.

R: O PSS tá sozinho e você faz o que você aprendeu na faculdade, você pede uma dica aqui, uma dica ali, né?

P: Era exatamente isso.

R: E você vai indo sem supervisão.

P: Sim, supervisão.

R: Então por isso também que tiraram o PSS como convalidação do estágio. Agora, o Pibid da Física eu não posso responder pelos demais Pibids...

P: Ah tá.

R: Só pelo da Física.

P: É, e eu tô falando minha experiência como PSS que eu tive.

R: Com PSS. Sim.

P: Que eu nunca participei do Pibid.

R: Agora, o Pibid da Física quando nós assumimos o compromisso de que ele convalidaria o estágio quatro nós já direcionamos... o suporte aqui, eu e o professor João Matheus nós damos, pros alunos do Pibid é outro, a gente faz projeto junto com eles, a gente vai pra escola, eu vou pra escola junto com os bolsistas, eu oriento, a gente faz planejamento, eles participam do dia a dia da escola, eu vou lá assistir as aulas que eles dão. Então é um acompanhamento, por isso que assim, dizem que sempre o coordenador faz a diferença, né? Aquele programa é a cara do coordenador, como o curso é a cara do coordenador do curso, né, dizem. E eu acho que isso é verdade porque tanto eu como o João o nosso Pibid ele anda redondinho, tudo tem início, tem meio, tem fim...

P: Tem conclusão, nada fica...

R: Tem conclusão, nada... não tem pontas soltas, os alunos vão saber o que eles vão desenvolver, eles têm um direcionamento de pesquisa em sala de aula e de iniciação à docência. Quando a gente submete trabalhos em eventos do que eles fizeram na escola eles têm leitura, eles têm autores, eles têm referência. Então nós tratamos o Pibid com muita seriedade, o Pibid de Física. Por conta disso que nós enxergamos que ele poderia convalidar. E dos trabalhos que a gente viu de pessoas que... até de PSS, nós tivemos convalidações no passado, eu fazia parte da comissão de convalidação, eu, o João e a Noemy, que foram... mesmo PSS e foram trabalhos muito bons que o pessoal andou fazendo fora da UTFPR, sabe? Eu falava assim “poxa vida, que pena” porque eu não sei realmente como funciona nos outros cursos, sabe? Mas na licenciatura em Física eu fiquei muito chateada quando eles cortaram porque é uma outra realidade, é uma outra concepção...

P: É. Mas eu assim, digo que PSS ele fica mesmo ali...

R: Fica, fica solto.

P: Ele fica solto.

R: Fica solto.

P: Você chega ali ó, é uma turma de primeiro, uma de segundo, uma de terceiro, você pega ali a sala, você vai ali a sete, a oito, a nove, não sabe... já começa sozinho aí.

R: É que a legislação ela abria brecha à máxima, né, legislação máxima de estágio de até 200 horas poder ser convalidada.

P: Ah, daí...

R: E fica à critério de cada universidade.

P: Em qual dos estágios...

R: Em qual dos estágios. Então nós amarramos da seguinte maneira, a nossa comissão de estágio: o aluno é obrigado a fazer o estágio um que é de observação da gestão escolar, o dois que é da observação em sala de aula das aulas do professor e o três que é a regência. Ele tem que ir pra sala de aula, ele tem que fazer a regência com a Noemy, orientado por ela. O estágio quatro é pra aquele aluno que não tem PSS, não tem, que não experimentou, não vivenciou a sala de aula ou em forma de Pibid ou na forma de PSS. Tanto que na matriz nova nós reduzimos a carga horária do estágio quatro, nós jogamos pros outros estágios porque tava demais o estágio quatro de carga horária.

P: Foi pesado, 180.

R: Tava muito pesado, 180, a gente reduziu, a gente deixou tudo igual, todos os estágios agora.

P: 160 todos?

R: 150 agora.

P: 150?

R: Todos. Então... é 150 horas/aula.

P: Horas/aula.

R: Horas/aula.

P: Hora/relógio?

R: Hora/relógio a soma das 100 todas, fechando 400.

P: Porque o estágio quatro é 180...

R: 180...

P: Hora/relógio.

R: Hora/relógio. É, a gente reduziu muito.

P: Bastante.

R: Drasticamente. Nós redistribuímos pros demais.

P: Que legal.

R: Pra não pesar, aluno no final de período, pegando disciplinas pesadas né? Daí na época a gente decidiu reduzir e redistribuir pra balancear melhor. Mas assim, o Pibid então o perfil do aluno é esse, ele descobre se ele gosta da sala de aula...

P: É uma experimentação.

R: ...quando ele tá no (Pibid). É, ele prepara a aula, ele dá aula, ele vê como que os alunos se portam, ele se põe no lugar do professor. Ele sai daquela visão que ele tinha como aluno de Ensino Médio. Ele vê o que acontece na sala dos professores porque ele vai lá também, ele participa da semana de planejamento, ele tá sempre na escola, né?

P: E acaba sendo uma prática do que ele viu aqui, né? Porque eu acredito que pra ele ir pra uma sala de aula, eu não sei se no Pibid ele participa de avaliação do professor.

R: Participa. Inclusive, nossas atividades entram na avaliação do professor...

P: Daí ele que avalia...

R: Isso...

P: Interessante um aluno...

R: Aí o aluno avalia...

P: Avaliar.

R: E passa as notas pro professor.

P: É muito bom esse processo de avaliar.

R: É.

P: Porque...

R: Eles ficam no dia da prova, eles não dão a prova e nem corrigem a prova do professor supervisor porque não pode, mas eles acompanham a aplicação da prova, aí o professor depois discute com eles a correção. Quando eles dão aula a professora supervisora dá dicas de como melhorar o que eles estão fazendo errado.

P: Então, foi isso que eu tive no meu estágio quatro. Assim, do professor tá ali sempre acompanhando, eu mandava o planejamento, ele “olha, eu acho que teu planejamento não dá pra esse tempo, né?” coisa que se eu tô sozinha eu vou descobrir que não dá tempo a hora que eu estou fazendo.

R: Exatamente.

P: Né?

R: E lá não eles têm uma supervisão dupla, minha...

P: E do professor.

R: E do professor da escola. Porque eu já de antemão eu já digo “isso não vai caber nesse tempo”...

P: É então...

R: Porque a gente já sabe, a gente já tem experiência.

P: Tem experiência.

R: Eu falo “não faça desse jeito, faça de outro jeito”. E eles geralmente dão ouvidos, uma única vez um grupo não deu ouvidos foi um desastre, e eu deixei acontecer...

P: Tem que deixar.

R: Porque eles teimaram. E outra, você tem que deixar também o aluno errar porque errando que se aprende.

P: Sim.

R: Né? E faz parte do processo.

P: Uhum, com certeza. E qual o perfil do aluno do curso de Física? O que entra no curso da licenciatura em Física? O perfil dele...

R: Eu diria assim: meta de deles querem ir pra engenharia, eles acham, eles têm a ilusão de que eles vão usar a Física, a licenciatura como um trampolim pra ir pras engenharias e por isso também que nós mudamos a matriz curricular porque eles entravam, eles faziam cálculo, física um, né? Que eles achavam...

P: Comunicação oral e escrita.

R: Comunicação oral e escrita, faziam álgebra linear e geometria analítica, pronto. O primeiro ano de Física já dava pra eles lá algumas disciplinas...

P: Da engenharia.

R: Da engenharia. Só que aí nós mudamos drasticamente a nossa matriz pra isso não acontecer, então o perfil é: muitos alunos entram querendo fazer engenharia, não passaram, não conseguiram engenharia direto então optam pela Física...

P: Fica segunda opção geralmente?

R: É, eles colocam lá como segunda opção pra usar como trampolim, mas alguns desses alunos gostam do curso e ficam.

P: E ficam...

R: E desistem de ir pra engenharia. Paralelamente outros alunos que entram querendo fazer Física descobrem que não é isso que eles querem. Então eu diria assim: de 44 alunos que ingressam no curso, tem alguns perdidos que não sabem direito o que é Física, se é isso mesmo que quer, é um curso fácil de passar, né? A procura é baixa então ele conseguiria entrar, aí ele vê se ele quer ficar ou não. E quando eles começam a sentir o que é o curso, e a gente faz a recepção aos calouros, a gente tenta mostrar logo de cara o que é o curso, as possibilidades que ele vai ter depois que ele sair daqui, daí muitos desistem. Então eu diria assim: hoje a evasão é de 40% no primeiro período.

P: No primeiro período? É bastante, né?

R: É, não, mas já foi pior.

P: É, no último... quando eu entrei... bom, na minha turma mesmo é eu e a Letícia, só.

R: Só.

P: Eu e a Letícia. Eu sou da grade 596 ainda.

R: Ah, da primeira.

P: Eu acho que eu sou a única aluna na grade 596.

R: Eu acho que sim.

P: Acho que os colegas que estão aí atrás de mim que era o Vinícius, o Diego, acho que eles migraram de grade...

R: Migraram, migraram.

P: E eu fiquei na 596. ((risos)) Como que a instituição ela escolhe as escolas que vão participar do Pibid? Que vão receber o Pibid. Então por exemplo, as escolas geralmente elas têm uma característica, né, elas têm um alto índice de evasão, elas têm um Ideb baixo. Então isso é predominante pra escola receber o Pibid da UTFPR? Vocês escolhem por região, por ser mais próximo?

R: É um conjunto de coisas. Nós procuramos uma escola com o Ideb baixo, que não fique muito distante porque os estudantes têm que... os nossos alunos eles têm que ir até a escola de manhã cedinho, ficam lá a manhã toda, depois eles têm que vir pra aula então não pode ser muito distante, né? Já tivemos experiências com escolas muitos distantes que não deu certo, nós tivemos que sair. Então é um baixo Ideb, a gente procura por baixo Ideb, a gente procura a proximidade e principalmente a gente procura por uma escola que receba o Pibid de forma amigável, onde a direção da escola entenda o que é o Pibid, que a professora ou o professor de Física abrace o projeto e receba bem os nossos alunos. Porque não adianta nada o professor

querer e o diretor não querer, dificultar nossa ação dentro da escola. Então é um conjunto de coisas, sabe? Por isso que é muito difícil a gente trocar de supervisor, só quando dá muito problema ou a escola é muito problemática é que a gente troca de escola, quando a gente é obrigado, porque caso contrário a gente tenta driblar todos os problemas que nós temos.

P: Uhum. E nessas escolas que tem o Pibid, né, que receberam o Pibid, que tem o Ideb baixo, né?

R: Uhum.

P: As escolas com Ideb baixo que receberam o Pibid, houve melhora no Ideb?

R: Nessas turmas... não sei te dizer se houve melhora no Ideb, mesmo porque a ação do Pibid de Física em particular ele é muito pequena, ela atinge... o Ideb ele é medido pelo Ensino Fundamental.

P: Fundamental até o nono, né?

R: É, até o nono ano. E nós atuamos no Ensino Médio.

P: Hum, verdade.

R: E com duas turmas, nós temos dois grupos de três alunos por escola, né? Então a nossa atuação de Física ela é pequena dentro da escola. A diferença que nós fazemos se vê na comparação entre as turmas que tem o Pibid e que não tem, né? Então nós vamos ali, por exemplo, você pega duas turmas... três turmas de segundo ano, segundo A, segundo B e segundo C. Quando nós atuamos numa dessas três turmas e não nas outras duas a professora mesmo fala “nossa, a diferença, a motivação que a turma que recebe o Pibid tem é outra”, eles sempre perguntam “ai, quando é que aquele pessoal do Pibid vem de novo? Quando é que eles vão aplicar as atividades pra gente?” Melhorando a motivação os alunos se interessam mais e se interessando mais eles estudam. Então a professora observou, a gente observou ao longo dos anos em todas as turmas, na maioria das turmas que a gente atuou que a motivação e a melhora no processo de aprendizagem dos alunos foi boa.

P: Ai que bom, né? Interessante isso. E como que você estabelece, a professora estabelece a relação de universidade, programa e escola? Como que é essa relação?

R: A relação universidade/escola ela se aproxima muito quando a universidade vai até a escola. Porque o grande problema é que nós acadêmicos do Ensino Superior temos o péssimo hábito de dizer como que deve ser dado as aulas no Ensino Médio sem ter botado os pés lá, sem ver como que tá a realidade hoje. Então se faz muita pesquisa no Ensino Superior pelos docentes da área de ensino, se apontam falhas, se apontam políticas possíveis de governo, se apontam mil coisas que podem ser feitas na escola, mas o pesquisador não vai até a escola, ele fica de longe, observando de longe, com base em dados que ele tira ou que ele pede que os seus bolsistas tirem, mas ele não se envolve. Então o Pibid não é uma regra, tá? Tem coordenadores de Pibid que não se aproximam da escola, eles vão uma vez, quando vão, pra estabelecer o contato com a escola e depois nunca mais aparecem, largam os bolsistas do Pibid lá na escola. Então não é uma regra, de praxe eu só posso dizer que na licenciatura pelo que eu vejo dos encontros que nós fazemos do Pibid na UTFPR isso não acontece aqui...

P: Aqui.

R: Os coordenadores eles são atuantes, eles vão na escola, eles fazem parcerias, são presentes, são atuantes nas escolas e tem parcerias muito interessantes. E aí o que que acontece? Não só permite que haja uma aproximação, uma abertura da escola, uma boa vontade de receber os nossos bolsistas, como também muitos professores e supervisores vem fazer o mestrado aqui na universidade, os nossos mestrados nas diversas áreas que eles atuam, física, química, matemática, letras, como também muitas vezes os professores que atuam no Pibid, os coordenadores de área, dessas áreas que eu citei, são convidados pra ministrar cursos pra professores da rede pública.

P: Que bom.

R: Então eu mesma já fui convidada, o João já foi convidado, a Noemy pra ir até a escola dar curso, dar palestra pros professores da rede pública. Eu já dei curso no

CEP, no Colégio Estadual do Paraná, pra atualizar os professores do Ensino Médio. Então essa aproximação quando ela... quando a universidade sai do seu pedestal e se envolve ela funciona, mas você tem que ter essa visão de conjunto.

P: E acaba que a...

R: E a cooperação.

P: A universidade ela desempenha a função social que ela tem, né, que é...

R: Que deve, né?

P: Então é interessante. E a escola com o programa, como que é essa relação? Como que se estabelece?

R: Distante.

P: Distante?

R: Distante. Eles não enxergam ainda tudo que... toda parceria que a gente pode estabelecer. Então é um processo lento, de formiguinha, de você construir, depende muito da visão do diretor da escola.

P: Isso.

R: Sabe? Se a pessoa... nós lidamos com seres humanos, com pessoas. Então se aquela pessoa que ocupa aquele posto naquele momento não vê possibilidades, não se abre pras possibilidades, você pode oferecer mundos e fundos, não vai funcionar. Então tem que ter uma abertura da universidade, tem que ter uma abertura da escola na figura do diretor.

P: Do diretor.

R: Ou da diretora, né? Eles têm que estar abertos pra nos receber e nós temos que estar abertos pra firmar essa cooperação, tem que ser uma via de mão dupla porque senão não vai acontecer.

P: É porque diretor tem às vezes aquela “ai, vai tirar a rotina do professor” “vai tirar alunos fora da sala...”

R: Ah, eles começam assim “ah, mas o que que os bolsistas vão fazer? É estágio? Eles vão fazer estágio?” falo “não, não é estágio, é muito diferente” “o que que a escola vai ganhar com isso? A gente vai ganhar verba? Vai ter equipamento?” Então ele olha logo por esse lado...

P: O gestor.

R: O gestor.

P: A administração, o administrador.

R: Por outro lado a equipe pedagógica “ah, mas pera aí, o que que vocês vão vir fazer aqui na escola?” A equipe “estão invadindo a parte pedagógica” nossa, eles se armam. Então é todo um trabalho que você tem que fazer ao longo dos semestres que você fica na escola de conquista da direção, de mostrar que você tá lá pra cooperar, pra somar e não pra sugar, porque eles acham que eles estão tão acostumados que a Universidade Pública vai lá tira e não dá nada em retorno que eles ficam com um pé atrás. Mas eu acho que o Pibid já evoluiu muito e pelo menos em parte isso já sumiu um pouco.

P: Ah sim. O que os alunos do programa eles trazem de positivo ou de negativo pra graduação? Tem alguma coisa que eles trazem do Pibid, por exemplo “alguns não querem a atuar em sala de aula”. Você encararia isso como um ponto negativo do programa?

R: Não, eu não vejo ponto negativo, eu vejo assim: eu acho que... eu vejo benefício em tudo até no desastre porque se ele ver a tempo que ele não nasceu praquilo, que ele não vai seguir carreira naquilo, é melhor porque ele vai procurar outro rumo. Veja ninguém é obrigado, é uma oportunidade, eu vejo o Pibid como uma oportunidade pros estudantes verem o que eles realmente querem, sabe? E dar um direcionamento da carreira deles logo no início. O que que eles trazem? Então mesmo aqueles que desistem do Pibid eles desistem muito conscientes “não é isso que eu quero, eu vou procurar outro caminho” dentro da física mesmo ou até

desistindo do curso, eu vejo isso como um lado positivo porque eles deixam a vaga pra outro, pra outra pessoa experimentar, se ela gostar, ela vai seguir caminho, entendeu? Então aqueles que desistem não é uma vaga perdida, eles abrem caminho pra outra vaga, pra outra pessoa que pode e acaba ficando no Pibid quem vai seguir carreira. São 24 vagas do Pibid de Física. Agora de positivo que eles trazem: aqueles que ficam e que vão e ficam anos no curso eles trazem muitas coisas positivas. A desenvoltura de um aluno que participa do Pibid nas disciplinas do curso, isso me foi relatado várias vezes por vários colegas...

P: Projetos, né?

R: Na disciplina de projetos na disciplina de TCC na disciplina de estágio. Eles falam que o aluno já chega já com um outro entendimento, eles já chegam fazendo, eles já têm uma desenvoltura pra dar o seminário, eles falam com conhecimento de causa. Até nas disciplinas básicas de computação que eu simulava “ah, vamos simular lá um planejamento de aula que vocês fariam de tiques pro aluno do Ensino Médio” os alunos que já participam do Pibid eles já têm a ideia da duração da aula, do tempo, do que vai caber, do que não vai caber, do que é mais pertinente “ah, professora, o aluno de Ensino Médio isso daqui não funciona não”...

P: A metodologia.

R: A metodologia “essa metodologia não funciona não, eu optei por isso por causa disso, disso e disso” então a desenvoltura que eles têm é outra porque eles têm conhecimento, eles têm vivência.

P: É um profissional que ele está sendo preparado desde antes até, né?

R: Isso. Então esse contato com o professor, com o Ensino Médio, nossa, traz muitos benefícios pro curso do aluno. Então eu só vejo coisas positivas, eu sou bem otimista em relação a isso, até quando ele desiste.

P: Tem que ser, mas tem que ser, né?

R: Aham.

P: Os alunos regressos do curso de Física, que são os que já se formaram, em sua maioria eles atuam em sala de aula? Acho que você já falou que não, né? A maioria...

R: Não, eu acho assim, eu não tenho dados porque a gente não tem esse controle dos regressos, mas eu conheço muitos que estão atuando em sala de aula, que foram contratados pelo Bom Jesus, pelo Marista, pela Universidade Positivo, né? Eu conheço alunos que estão dando aula no Ensino Médio, vários que estão dando aula... eles têm dois empregos: eles têm, por exemplo, dão aula numa editora e dão aula no Ensino Médio, sabe?

P: Uhum. Público?

R: Público, não particular. Outros estão em escola pública, perdão, particular. Outros foram fazer Mestrado, pra fazer Doutorado pra seguir carreira em outra área.

P: Seguir pesquisa.

R: Né? Pra seguir pesquisa mesmo. Então tem de tudo um pouco, mas eu diria assim, eu não posso te precisar exatamente estatística, mas eu já vi de tudo, eu tenho vários retornos, até de alunos que eu sigo no Facebook, de regresso.

P: É bom saber assim que os alunos eles têm nichos, né? E até mesmo pros alunos que estão entrando agora ele saber que tem vários nichos no mercado de trabalho que eles podem ocupar “ah, se eu sou professor da rede pública eu não preciso ser só da rede pública, eu posso ser da rede pública, da rede privada...”

R: Você pode trabalhar em cursinho, você pode dar aula particular...

P: É.

R: Sabe? O licenciado ele tem mais flexibilidade que o bacharel, muito mais de atuação no mercado de trabalho pós-faculdade. Tanto que na última semana acadêmica que eu organizei antes de deixar a coordenação do curso, eu trouxe os primeiros regressos.

P: Ah, acho que eu tava.

R: É, daí eu trouxe os primeiros regressos...

P: Tava o Angel...

R: O Angel, ai meu Deus, a Sophia.

P: A Sophia.

R: Tinham vários alunos lá.

P: Vários, é.

R: O Felipe...

P: A Sophia ela tá em rede pública, né?

R: Tá, ela tá ainda.

P: Tá em rede pública.

R: Tá. E eles foram ótimos, eles deram lá o depoimento deles, cada um tá atuando em uma área diferente então foi muito proveitoso. Eu acho que deu uma boa visão pros estudantes que estavam ali no auditório naquele momento do que...

P: É, eu acho que eu assisti do Angel que tá em editora, né?

R: Tá em editora.

P: Ele foi contratado pela editora antes até...

R: Antes, como estágio...

P: Como estágio.

R: Como estágio.

P: Acho que ele comentou mesmo.

R: Uhum.

P: E qual a contribuição então do Pibid, sucintamente assim na formação desse professor? Você elencou várias, né?

R: Já.

P: Desenvoltura, pro atividade, ele sabe, ele faz as coisas com mais propriedade, né? Ele tem um domínio maior, né, dele.

R: Eu acho que assim, o que eles levam além, claro, da técnica, da metodologia, da desenvoltura é o contato humano. Eles aprendem a entender que eles lidam com seres humanos...

P: A olhar.

R: O olhar muda, sabe? Eu bato muito na tecla com os meus alunos do Pibid. Quando eles chegam logo de cara no Pibid eles chegam cheio de amor pra dar, né? Cheio de gás “não, porque a gente vai fazer” “porque a gente vai lá, a gente aplica tal coisa” eu falo “lembre-se: vocês estão lidando com pessoas, com seres humanos. O que vai funcionar pra uma parte da turma não vai funcionar pra outra, esses jovens que momentos que eles vivem? Vocês têm que olhar pro ser humano”. E assim, as modas elas vão passando de tempos em tempos, na minha época nós tínhamos um perfil de alunos no Ensino Médio, 20, 30 anos depois o perfil mudou, essa garotada hoje, sabe? (inint 00:49:22) tecnologia, eles não estão mais se contentando só com o giz e lousa. Então o professor tem que se adaptar à realidade.

P: É.

R: E você tem que ter essa... passar esse conteúdo com essa falta de educação que muitos trazem, lares destruídos se você vai pra rede pública, né? Lares destruídos, lares violentos, pais separados, mães que são espancadas pelos pais então é uma realidade muito dura. Crianças que chegam na escola sem tomar banho porque não tem água em casa, são criados pelo avô...

P: Tipo, Física é a última preocupação da vida dele.

R: Nossa, é a última preocupação. Então às vezes uma palavra, uma ação, uma ajuda, criar na escola um ambiente... eu conheço professores que faziam mutirão

dentro da escola pra angariar tênis, roupa, sabonete, shampoo, coisas básicas pra essas crianças se sentirem motivadas a estar lá.

P: Às vezes uma chamada “senta aqui do lado da minha mesa...”

R: Tem criança que desmaia na escola porque não tá alimentado. Como é que você vai querer ensinar uma criança que não tá alimentada, meu Deus do céu? Então eu falo pra eles “tenham a sensibilidade de olhar o público que vocês estão dando aula, não é apontar o dedo ah, aquele aluno é vagabundo, ele não estuda. Nunca digam isso de um aluno, entendam o que tá por detrás. Se aquele aluno é respondão, se ele é violento, o que tá por detrás? Olhem a família daquela criança, daquele jovem, daquele adolescente. O comportamento dele...”

P: É um reflexo.

R: “é decorrência, é um reflexo da família, do meio que ele vive. Onde que você tá dando aula? Qual é o bairro que você tá dando aula? Qual é a realidade daquela região?” Então eu tento mostrar pra eles o contexto que vai muito além, o humano, o social, o político, as relações de poder dentro da escola.

P: E fora.

R: E fora.

P: Porque quando a escola...

R: Tráfico de droga.

P: Está numa região de conflito, né? Que nem, eu dei aula muito tempo ali no Vila Zumbi.

R: Ah tá.

P: Né? Então o que que acontece? Você tinha Vila Zumbi de um lado, Vila Liberdade de outro e ali era assim...

R: (inint 00:51:50)

P: Era um conflito.

R: Uhum.

P: Então a gente tinha que entender que as aulas elas nunca iam até 10 e meia, elas iam até 10 e 15, 10 horas. Não tinha horário pra acabar a aula, era conforme o traficante.

R: O toque de recolher do traficante.

P: Exato.

R: Exatamente. E tudo isso o professor ele tem que ter essa mente, ele tem que se manter atento. E por isso que muitos acabam desistindo da profissão, porque eles não suportam, eles não têm praguejo pra suportar essa pressão que eles sofrem.

P: Pressão.

R: Porque é uma pressão, né?

P: Sim.

R: E tem que gente que enfrenta...

P: Enfrenta.

R: E que tá lá firme. Então vai muito do perfil também do... eu acho assim, o Pibid traz uma grande contribuição pra formação...

P: Humana.

R: Escolar, humana e social do estudante, abre a mente dele.

P: Com certeza.

R: Né?

P: Era isso, professora.

R: Espero que eu tenha contribuído.

P: Ai, nossa, bastante, meu Deus. Foi muito bom, acho que tem bastante material aqui pra analisar.

(Fim da transcrição)